



José Luiz Pereira da Costa

*Para registro na Biblioteca Nacional,
Rio de Janeiro.*

*Kojô, Kwábena, Kwakú, Yáw, Kofí,
kwâme, Kwasí e ... Allashan.*

Toda criança akã, gã-adangbe ou ewe, ao nascer,
recebe como nome,
o do dia da semana em que veio à luz.
No Norte, todos usam um dos nomes do Profeta.
Homenageio, listando estes oito nomes,
sem risco de omissões,
todos os inúmeros amigos que fiz,
e irmãos que reencontrei,
na terra de meus ancestrais.

Aos advogados

Armando Hyppolitto dos Santos
Carlos da Silva Santos
Alceu de Deus Collares
Ernani José Machado
Aymoré Castro Nascimento
e
Joe Lamptey.

Aos diplomatas

Robert Lane
Vishnu Kofi Wasiamal

Para

Edward Afriye, que abriu a porta.

**Com afeto, dedico este trabalho
à Marta, ao Luís Eduardo e à Rosângela, grato pela
compreensão e apoio nas longas ausências.**

Pilão em apartamento

Ormuzd e seu Gaon

Brasília-África e América

Orgulho de um Tabom

Os Diletantes

O Renascer

A Chacrinha

O Aviso

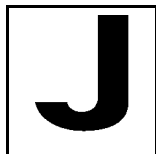
A Conspiração

Como Antes

Paga a Promessa

O Rukurato

PILÃO EM APARTAMENTO



Joseph cofiou o cavanhaque cuidadosa e distraidamente.

Olhou, absorto, pilhas de papéis a se acumularem sobre sua mesa de advogado. Eram róseas pastas, com o histórico de clientes, localizáveis apenas por ele ou sua secretária, muitas delas trincadas no dorso pela idade que possuíam; pelo vai e vem entre seu escritório e o prédio da Justiça, onde diariamente defendia o interesse de seus inúmeros constituintes. Uns pobres, muitos ricos e, na maioria, pessoas que haviam aprendido, com o passar dos anos, a confiar na ação daquele homem de poucas palavras, mas, decididamente, um respeitado causídico.

Ao acarinhar o cavanhaque vinha-lhe à mente um simples incidente que o iria levar, em breve, ao Tribunal de Acra. Efuá, uma enérgica, forte e decidida dona de casa; também enfermeira no hospital Korle Bu, estaria encarando um magistrado, defendida por advogado, numa audiência em que seu procurador tentaria alterar a rígida estrutura legal absorvida dos colonizadores ingleses, a fim de dar um novo rumo à denúncia feita por um vizinho, Mr. Osafo. Efuá havia perturbado o sossego do conjunto residencial de classe média, composto por edifícios de apartamentos, localizado na área nobre da capital de Gana, a Airport Residential Area.

Distantes alguns poucos quilômetros — nem três, da praia de Labadi, balneário de águas tépidas, quase todo o ano, porém

pouco usado; praticamente virgem quanto ao turismo —, os apartamentos, como o habitado por Efuá, haviam sido construídos logo após a independência do país, em 1957. Duas décadas passadas, apresentavam sinais marcantes de acelerada deterioração. Aliás, o incidente que levaria a cliente ao tribunal — respeitada a questão costume nele inserido — era um dos exemplos mais claros das causas do envelhecimento precoce do conjunto habitacional.

Joseph recordava seu encontro com Efuá, numa quente manhã de sábado. Excepcionalmente, recebera a cliente no fim de semana, antes, também, de sua partida para Winneba, a vila dos amigos, dos parentes, de sua infância. Eram ainda tempos bons, o galão da gasolina barato e farto. Sua amiga, pesando uns 100 quilos, estava metida num traje nativo multicolorido — como o faziam as mulheres do país inteiro —, dando a aparência de haver, apenas, se enrolado numa longa peça de pano, sob um vistoso turbante, da mesma fazenda. Efuá aparecia da forma como os jovens chamavam as mulheres vendedoras do mercado principal, o Makola Market, ou seja, uma mummy - mãezona. Para uma perfeita compreensão da imagem de Efuá, se ele a quisesse transmitir para um brasileiro, diria que, parecia uma velha baiana, das que desfilam nos carnavais, ou vendem quitutes nas esquinas da Bahia.

Assim, lá estavam, frente a frente, na manhã de sábado, patrono e constituinte. Sem maiores medidas Joseph indicou a cadeira para que ela se sentasse. De imediato, como que por encanto, Charity, a secretária, apareceu com um copo de água e o ofereceu à cliente. Com o líquido quase a transbordar — uma pétala

de rosa, sem dúvidas, o faria derramar —, passou o copo à agradecida e suada Efuá, que o sorveu quase de um gole só. Perdeu uma poucas gotas, propositadamente lançadas ao chão, o que ocorreu sem reprovação de qualquer dos outros presentes. Afinal, o ofertar água a quem chega e o libar são instituições milenares que devem, portanto, ser preservadas e respeitadas, tanto ali, como no Ghana Club, quando o líquido a ser empregado é uísque, gim ou cerveja. Jamais akpeteshie, a cachaça local, extraída da palmeira, também chamada de palm wine. O vinho de palmeira, que não tem acesso ao clube esnobe, mas se constitui no principal líquido de libação no interior do país.

Efuá estava, pois, à frente do patrono, pronta para contar-lhe, com riqueza de detalhes, os eventos que a levaram à encrenca em que estava metida. Seu advogado, porém, não estava, decididamente, em sintonia com a angústia e revolta de sua cliente. Filho daquela equatorial terra, aprendera a ser paciente, como que dono de uma capacidade de não desperdiçar reservas tão necessárias para o dia a dia de luta, sob inclementes condições climáticas. Fazia calor sempre; 365 dias iguais. Mesmo na estação das chuvas, o calor só fazia por aumentar, tornar-se incômodo, face ao agravamento da umidade.

Charity estudou por algum tempo no Canadá. Gostava de iludir-se, de sentir conforto imaginário, ao olhar, em dias nublados, de vento, a copa das árvores a moverem-se: sentada no ambiente refrigerado do escritório, imaginava que, do lado de fora, pela ausência de sol, estaria fresco como muitos dias do verão — frio — do Canadá. Mas era ilusão, bastava pôr o nariz para fora da porta e

o bafo úmido a fazia entender que estava em casa, não mais na América. Kwakú, grande amigo do advogado, um contador, mandara instalar no piso de seu roupeiro um ventilador: servia para secar sua camisa, sempre molhada de suor, ao findar o expediente da manhã. Terminado o almoço, coroadado com a sesta de uma hora, vestia a mesma camisa, então seca.

Efuá estava pronta para dizer a seu defensor que achava um desaforo não poder preparar seu fufú como sua mãe — e ela mesma, quando ainda morava em Winneba, sempre fizera: de longas bananas-da-terra, remover-lhes a casca, colocá-las dentro do toco oco de árvore, com uns cinquenta centímetros de altura, e, descarregando sua energia e eventual irritação, bater com o pilão ritmadamente.

Em verdade, existiam ainda muitas pequenas felicidades do interior que aos poucos se iam extinguindo na vida conturbada da capital do país. Era uma felicidade, na casa cercada de terra firme e de mal arranjados jardins, muitas vezes por semana, executar a tarefa que suas tias, irmãs mais velhas e, naturalmente, sua mãe sempre fizera. Malhar com o pilão a banana-da-terra, raízes e grãos, que necessitavam de energia e ritmo para adquirirem a consistência necessária à confecção de um bom prato.

— Como tudo aconteceu? perguntou o advogado.

— Mary estava lá. Fizemos um fufú, daqueles que todos gostam. Como você bem conhece, Kojô!

As frases, com singelas explicações, foram emolduradas pela marcante personalidade da cliente e pela demonstração de amizade, posto que deixou de lado qualquer formalismo, para

chamar Mr. Joseph Kojô Nkansa-Boadi por seu nome de nascimento.

Efuá era enérgica como dona de casa; mas, muito mais como enfermeira do setor de fraturas do hospital onde trabalhava. Falava com voz forte, alto, para que todos a ouvissem, e entendessem seus comandos. Estabeleceu-se, então, singular contraste, pois ele falava suave e pausadamente, como quando perguntou-lhe:

— Você desceu ao térreo para malhar o pilão?

E teve a resposta, como trovada:

— Claro que não. Chovia!

Em retorno, seu tom de voz não se alterou ao ponderar:

— Mas sempre chove na estação que não é a seca, não é ?

Nem a ênfase de Efuá, que ainda verberava:

— Sim, íamos para um funeral, e todos estavam lá no apartamento.

— Qual a ligação entre funeral e fufú? E por que não descer três andares e pilar lá embaixo?

Vibrou, ainda, em resposta:

— Eu até pensei em fazer isto.

Parou um pouco e noutro tom, mais suave, acrescentou:

— Você sabe, eu sempre faço fufú lá em casa...

— E eu sei como você o prepara bem...

— Deixa prá lá, Kojô...

— Você sabe. Mr. Osafo gosta de criar problemas...

O breve diálogo, trocado no mesmo tom da voz de Joseph,

alterou-se com a veemência da interlocutora na frase seguinte:

— É... ele é um grande mentiroso; anda espalhando ser o maior lingüista dentre os akim...

— Efuá! Contemporizou, Osafo é assim mesmo. Você deveria estar preparada para evitar os problemas criados por ele.

Efuá movimentou-se na cadeira, revirou os olhos como a expressar gula, e, falando alto como o faz para abafar os reclamou de fraturados a quem impõe ordens que se sobrepõem à dores lacerantes, pavoneou-se:

— Vê lá, Kojô: coloquei a banana no toco. Na eletrola tocava um highlife, daqueles, dos Ramblers, dos bons tempos!

Mexeu-se na cadeira, com o ritmo de rumba de seu highlife, os olhos cheios de vida, o corpanzil a se agitar, e continuou a narrativa:

— Mary sentou no chão, do meu lado, e seguimos o ritmo do highlife. Eu malhava o pilão e, enquanto ele ficava no espaço, a mana revirava a pasta de banana. Você sabe, Kojô, à medida que se entra nesse ritmo, mais energia se emprega. E tudo foi num crescendo. O pessoal — Kofí, Kwâme, Chary, Nkrumah, Maxwel, Carol —, todos começaram a dançar.

— Você não ouviu, por acaso, as reclamações de Osafo no andar de baixo. Ele batia desesperadamente com um cabo de vassoura no forro de seu apartamento, que coincide, não é Efuá, com o piso do seu...

— Mister, mofou a cliente, não se ouviu nada. Só quando apareceu o polícia, com aquele negro mentiroso, o Osafo... Ele

hurrava de brabo, como um gênio do mal.

— Mas, irmã, pensa comigo: pilar num apartamento!

— Ah, Kojô, é pura rabugice de Osafo. O ritmo que eu e Mary dávamos ao pilar, só vendo, fazia o edifício inteiro vibrar...

— Acredito, arrematou o advogado, devia vibrar!

Despediram-se com amabilidades. Advertiu-a, teria mais adiante de dar explicações à Justiça. O processo já se instaurara e, caso algo de inesperado não ocorresse, ela iria pagar caro por seu pilar em apartamento, tendo um Osafo como vizinho.

Haviam sido meninos juntos, na mesma Winneba. Ele podia recordar, sem qualquer esforço, Efuá e outras meninas de seu tempo — com algumas das quais, Efuá também, tivera, mesmo, experiência sexual, muito comum e considerada normal entre os jovens das escolas secundárias — sob as palmeiras da região costal onde sua cidade ficava, todas a pilar com energia grãos, raízes e bananas de sua dieta.

Joseph ficou sozinho na sala. Mas restava, ainda, a forte presença física da cliente, como resultado de seu destilar energia, gerando intenso odor, ignorado, todavia, pelo advogado. Sua mente se ocupava, quase por inteiro, com a ida à Winneba, e um encontro marcado com outro amigo, Ormuzd Kwasí Razmara, diplomata de carreira, career Ambassador, como gostavam os amigos de sublinhar, para separá-lo de uma enxurrada de generais embaixadores, e personalidades menores que conseguiam o prêmio de uma embaixada. Brilhante como pensador e senhor da experiência acumulada nos postos ocupados em Tóquio, Bruxelas, Londres, Paris e, mais recentemente, Brasília, constituía-se em

motivo de puro prazer para o advogado. Sentiam-se bem estando juntos, não apenas pela troca de conhecimentos, de vivências, mas, por experimentarem uma verdadeira irmandade, formada por opção consciente mútua.

Estariam, por algum tempo, reunidos no Ghana Club para sorverem, Ormuzd Kwasí, seu uísque misturado com água mineral e algumas pedras de gelo; Joseph Kojô, sua cerveja tipo lager — encorpada, um pouco amarga — mas exatamente como lhe caía bem. Gelada, não à temperatura ambiente, como gostavam seus amigos e colegas de faculdade, originários do Quênia.

Os ganenses, num mortificar a si mesmos, costumam chamar um dos anseios maiores de sua elite — viajar a Londres —, como seguir a Colonial Route, numa lembrança dos laços a ligar seu país, por séculos, ao Império Britânico. Adu Bohaen, erudito autor ganense de história da África reclama, em seu livro *Topics in West African History*, que no auge da colonização inglesa os autóctones foram obrigados a assimilar a cultura do dominador, rejeitando sua arte, música, religião e, num clímax, trocar o nome nativo — Kwadwo Mensah, por Moses Aaron Mends, é o exemplo dado por Bohaen. Jomo Kenyatta, líder da independência do Quênia, recebeu um Johnstone, antes de assumir o nome com que entrou para a História. Este entusiasmo do dominador, entretanto, constituiu-se em poderosa alavanca dos movimentos nacionalistas, que levaram à independência, na metade deste século.

Pois o Ghana Club, local predileto de encontro nos fins de tarde ou nas manhãs de sábado, era uma réplica, em país pobre, de um English Club, com mesas e cadeiras torneadas, de contornos roliços, envoltas por couro. Um certo descuido na conservação

também o fazia diverso de seu congênere europeu. Tinha duas mesas de sinuca e outras de pano verde para jogos carteados, estas encimadas por abajurs com pantalhas também verdes. Fechado, era de uso de seus sócios e convidados muito especiais, como os seus congêneres da Metrópole. Era um reduto de laser e de negócios que alguns nativos preferiram usá-lo, como o faziam com a chamada Rota Colonial. Joseph e Ormuzd, tinham ali um ponto permanente de encontro.

Ormuzd e seu Gaon

A Casa havia sido projetada para receber visitantes.

Refletia, nos mínimos detalhes, o espírito do seu proprietário, um homem que não apenas gostava de acolher amigos, muitos deles, mas também sabia tratá-los bem, conservando-os sempre por perto.

Diferentemente do comum das moradas daquela rua, esta se notava dessemelhante já no meio fio: uma extensa linha reta, ao longo de toda a rua, o cordão da calçada, exatamente em frente ao ponto da divisa do imóvel, adentrava-se, como que convidando o passageiro a entrar. A rua tornava-se um tanto mais larga ali.

Nos dias de festa, quando poucos carros cabiam no jardim, então transformado em imenso salão verde de estar, os automóveis podiam espalhar-se pela frente exterior da propriedade.

De construção sólida, como um velho bangalô colonial, ficava a um canto do imenso terreno. O edifício não era antigo, seguia, apenas, o modelo tradicional levado pelos ingleses para suas colônias, como o Egito, a Índia e alguns países da África, tal qual Gana.

Transposto o portão de entrada, os carros podiam alojar-se sob o avarandado, um esparramado e longo balcão. O visitante, então, se deslocava através de uma escada para o piso superior, movimentando-se, antes, em cima de um carpete de grama impecavelmente verde, graças a abundante e permanente

irrigação.

O gramado tinha a emoldurá-lo um conjunto de palmeiras, doze, de um tipo comum naquela região: as palmas, altas, esguias, no topo do tronco, são chatas, planas, como um leque gigante.

Longas alamedas, debruadas com pequenos arbustos, formavam alas para abrigar exótica coleção de plantas: aquelas do Brasil, estas de Madras, aquelas outras européias — pela ordem, de Paris, Londres, Amsterdam e, relíquia, do condado de Perth, Escócia; ali, do Japão. Todas habitantes temporárias de uma estufa envidraçada, a green house, bem ao fundo do terreno. Eram usadas modernas técnicas de jardinagem e preservação artificial de espécies, tudo para fazer o jardim emanar uma imensa sensação de conforto e bem-estar, que se apossava de quem nele se encontrasse.

Ormuzd, na manhã bem cedo, enquanto se embevecia ouvindo o trinar de aves madrugadoras, no seu Gaon africano, experimentava o frescor do dia nascente para atualizar-se na leitura dos clássicos de sua predileção, como fazia presentemente, relendo alguns contos de Shakespeare, na caminhada de duas horas.

Outras matinadas haviam sido ocupadas pela leitura, ou releitura, de contistas africanos, aos quais votava particular admiração. James E. K. Aggrey, D. T. Niane, Jomo Kenyatta e Andrew Amankwa Opoku mereciam especial atenção de Ormuzd. Aliás, de Jomo Kenyatta, narrando a história do Homem que Compartilhava sua Cabana, o embaixador gravara a versão africana de famosa frase, revelada, por Kenyatta, em suaíle, da memória africana: " Ng'enda thi ndeagaga motegi", que significa — você pode

enganar todos por algum tempo, nunca para sempre".

— Interessante! Admirava-se Ormuzd, cada vez que lembrava a frase e recordava o monumento a Abraham Lincoln, em Washington.

Pois, andando e andando, livro nas mãos, atingia vários objetivos. Um deles, muito importante, era o de movimentar-se sistematicamente por duas horas, mesmo em passos moderados, favorecendo manter sob controle sua hipertensão. De outro modo, intrigava-se, pouquíssimos dentre seus amigos não padeciam de pressão arterial alta. E, o uso generalizado entre esses de remédios com substâncias de efeitos beta-bloqueadores, transformava em assunto alvo de debate, repetidamente, a influência negativa de tais medicamentos no desempenho sexual. Não levavam em conta, todavia, a verdade de estarem, todos, acima dos 50 anos.

Até mesmo a orientação solar do prédio revelava a preocupação como os amigos: o avarandado, ou balcão, recebia o intenso sol equatorial, na parte da manhã. Logo após o meio dia, quando começava a inclinar-se na direção do poente, das belas praias do Atlântico, a sombra aparecia sobre a sacada, de forma que ao entardecer, lá pelas cinco horas, as cadeiras estariam frescas e os amigos poderiam, no hábito diário, ir chegando, tomando assento, e iniciando uma rotina tão agradável ao dono da casa: recebê-los; quanto a eles próprios — comparecer, com freqüência, para conversar sobre os mais diversos assuntos.

Por certo, a capacidade financeira do anfitrião, a garantir bebida de graça, pesava nesse conviver de irmãos. Todavia, generosa era a quantidade de presentes — bebidas, charutos,

cubanos e baianos, cigarros e recordações de viagens — que esses mesmos companheiros faziam chegar ao embaixador. No balanço, parece, perdia Ormuzd; mas não se importava. Receber amigos era algo que fazia por afeto.

BRASÍLIA, ÁFRICA E AMÉRICA

John vestia uma bermuda impecavelmente branca. Tênis também branco, de uma marca americana famosa, com uma banda azul-marinho. Meias de cano longo, igualmente brancas, com um anel largo, azul-marinho. Camisa tipo safári, ou seja, com dois bolsos chapados no peito e, nos ombros, um par de porta dragonas — caminhou, assim, pelo avarandado. Viu, do local privilegiado, numa cancha de voleibol dois grupos praticando este esporte. Deteve-se a examinar outras pessoas a nadar na piscina. Olhou para ver, além deles, que até a linha do horizonte se alongava um lago, entrecortado por pontes, a serpentear, refletindo um céu azul anil de muitas nuvens e, adiante, a moldura de incontáveis arranha-céus, dando um aspecto característico àquela cidade.

Copo de uísque com água gasosa e gelo na mão, John perguntou, sem sentar-se, com seu sorriso a mostrar uma ampla boca, cheia de impecáveis dentes, de marfim pareciam, a irradiar simpatia:

— O lago Paranoá, lá ao fundo, é natural ou o construíram, como Brasília?

A pessoa a quem se dirigia respondeu-lhe, com longa explicação, ser artificial, e ter objetivos além dos meramente paisagísticos. Visava, da mesma forma, dar certo equilíbrio no regime de umidade e chuvas da zona e, naturalmente, abastecer parte da cidade de água potável.

Tal qual à de Acra, esta, da mesma forma, era ampla e escolhida para receber bastante gente. Seu habitante, homem do mundo, o destino o colocara a vida inteira ao lado do refinamento e do prazer. Embaixador era, pela primeira vez, e em Brasília. Fora antes diplomata em postos importantes, como Paris, Londres, Bruxelas e Tóquio.

A residência de Brasília ficava numa das quadras do Lago Sul. Como as ruas daquela parte terminavam numa margem da lagoa, portanto, tornavam-se vias sem saída, aquela SQL, nas manhãs e tardes de sábado, virava amplo estacionamento de dezenas de carros, propriedade ou meio de transporte de uma legião de convivas: amigos do corpo diplomático; funcionários públicos, brasileiros e estrangeiros; professores da escola americana; empresários de São Paulo e Porto Alegre; artistas do Rio de Janeiro e Bahia, todos, num revezamento constante, eram os seus habitues.

Com ampla cancha de esportes, comumente usada para o voleibol, servia, às vezes, para entusiasmadas partidas de tênis. Havia, ainda, uma longa piscina, muito usada nos dias mais quentes e secos. E, seguindo certo modismo, a confraternização, absolutamente heterogênea, era interrompida por um churrasco, cada sábado assado por um conviva.

John havia se dirigido à Dione, uma mulata norte-

americana, de dentes graudos, perfeitos, com 35 anos, num corpo tendente a tornar-se, em futuro não muito remoto, avantajado. Por enquanto, todavia, aparecia robusta, com bem proporcionadas cadeiras. Estava metida num conjunto esporte. Um saiote a mostrar, muito bem, suas longas pernas — cor de cuia, diria um gaúcho; ou de canela, registrariam outros brasileiros — que desapareciam sob o saiote, no momento preciso em que se tornavam grossas, mas na medida exata. Dione era, sem sombra de dúvida, um tipo que não passava despercebido.

Era das freqüentadoras mais assíduas das manhãs de sábado. Gostava de praticar os esportes disponíveis — a natação, o voleibol e o tênis. Fluente no expor suas idéias, a americana era admirada e alvo constante da atenção de homens e mulheres. No Brasil há dois anos, todo o tempo entre Brasília e Rio de Janeiro, funcionária da Fundação Ford, dominava bem a língua nativa e, aprendera muitas coisas a respeito da capital do Brasil, sua gente e seus governantes.

Agradou, assim, a John, a resposta de Dione. Sentou-se, e ficaram sabendo, desde logo, ser um de Gana e o outro dos Estados Unidos; ambos de pequenas cidades: Winneba e Haenderson, na Carolina do Norte.

— Como vai a terra de Nkrumah? Propôs Dione, para um início de relação.

— Lutando. Debatendo-se por dias melhores.

— Melhor que muitos países vizinhos, não?

— De certa forma sim. Fomos pioneiros nos movimentos de independência e chegamos a preparar outras nações para a

autodeterminação. Tínhamos um parque de transmissão em ondas curtas que rivalizava com o da BBC. Cobríamos, como se fossemos uma emissora da localidade atingida, toda a África. Levávamos a mensagem da autodeterminação e do pan-africanismo ao Continente.

— E presentemente, duas décadas após?

— Com nossas dificuldades. Outrora produzimos bastante ouro. Agora, o minério está sob a terra e as máquinas compradas parece não haverem sido bem operadas e jazem ociosas.

— Os vendedores foram os russos, não é assim?

— Nos primeiros tempos do pós independência sim. Mas havia muita coisa de outras procedências, mesmo de seu país.

— E então? Arguiu Dione com interesse.

— Tomamos conta das empresas antes dirigidas pelos ingleses, e cada vez mais nos reconhecemos impotentes para gerenciá-las. A completa autonomia nos fez sentir únicos senhores de nosso destino, e capazes de fazer tudo sozinhos. Vimos em cada ato do colonizador uma atitude egoísta, contra nós. E, sobretudo, menosprezamos o que fazia, por supor faríamos melhor.

— Seria esperar muito, John, após séculos de colonialismo, se comportassem vocês de forma diversa. As massas negras da América (Dione referia-se a seu país, como os norte-americanos fazem coloquialmente, excluindo os demais Estados da abrangência da palavra América), no alvorecer e pós direitos civis, ou seja, desde os anos sessenta, agiram da mesma maneira.

— A realidade tem-se mostrado cruel, na medida em que uma série infindável de fábricas, unidades de serviços, como hotéis

e companhias de transportes aéreos, marítimos e ferroviários, desmoramam por falta de gerenciamento adequado.

John prosseguiu didaticamente:

— Nkrumah tinha como objetivo transformar Gana num país socialista.

— O que não era um boa idéia. Fez um contraponto a americana, não considerado por John.

— O Estado passaria a ser o grande gerente da economia. As empresas, embora visando o lucro, não competiriam entre si, posto que para cada setor seria dado preferência a uma entidade. Para os transportes aéreos seria somente a Ghana Airways; para o transporte marítimo a Black Star Line; hotéis, só a Satete Hotels.

— Ausência de competição leva à acomodação, novamente pontuou Dione. E ainda outra vez ele prosseguiu:

— Aliás, o entusiasmo de nosso líder se inspirou, ao dar nome à empresa marítima ganense, numa experiência fracassada, ocorrida em seu país, não é Dione?

— É. Sua escolha foi para honrar Marcus Garvey, preso e deportado para Jamaica, onde nasceu, após haver sido um dos mais importantes líderes do movimento negro americano, do primeiro quartel deste século. Garvey foi preso e acusado de usar malas postais para fins fraudulentos.

— Marcus, para o comum dos africanos letrados, especialmente na costa oeste, é um personagem importante. As acusações contra ele assacadas, sempre as tivemos à conta de contra-informação.

— Teve, também, imputada a pecha de malversar os

fundos arrecadados para sua Associação Universal para Melhoria do Negro, ao comprar, como novos, navios que, restou provado, eram verdadeiras sucatas.

— Seria a frota da Black Star Line, de Marcus Garvey.

— A Black Star Line, do armador Estado de Ghana.

— Hoje — arrematou John — sabe-se, com certeza, tudo foi parte de um estratagem, montado para desmoralizá-lo, o que foi conseguido.

— O sonho de Garvey — prosseguiu ainda o africano em tom de indagação — era mandar negros americanos de volta para a África. E os navios da Black Star Line teriam, em parte, este fim. Além transportar cargas, promovendo o comércio marítimo entre os Estados Unidos e a África, levariam mais gente para se estabelecer num país a ser criado. A Libéria já existia e não era seu objetivo.

— Sim, sim, Dione complementou, Marcus Garvey chegou, mesmo, a negociar com a Liga das Nações o estabelecimento de um Estado para os negros americanos, que partissem de volta para a África. Ele falou muito em Etiópia; na restauração da glória ancestral etíope. Mas esbarrava num traço psicológico do americano, negro ou branco, de fervor cívico, de amor à terra.

Esta passagem levou John, eterno admirador de Ray Charles, a recordar sua, também sempre presente perplexidade ao ouvir — e gostar de ouvir — a letra piegas, da música "America The Beautifull", saída da alma de um homem, cego só porque negro americano. Se branco fosse, teria sido curado num hospital qualquer de sua Georgia. John sorriu em seu íntimo, a Georgia on his mind...

Dione seguia sua fala: — O negro americano vivia, naqueles anos do pós guerra, uma grande dúvida: alcançaria, um dia, a condição de cidadão de primeira classe? O trombetear de Marcus, acenando com uma possibilidade de atingir isto, fora de nossas fronteiras, em um distante novo país africano, num primeiro momento atingiu certo resultado. Ele contabilizou, com sua pregação, quatro milhões de seguidores. Mas, a esmagadora maioria demonstrou sua preferência ao trilhar caminhos menos ortodoxos, seguindo lideranças como W. E. B. Du Bois, Booker T. Washington, e entidades como a Associação Nacional para o Avanço da Gente de Cor — a NAACP.

— Ouve, por um instante, Dione, ouve! Intrometeu-se John. De quem é este trecho de poesia?

" Não te mantenha quieto, Senhor meu Deus; surdo às nossas preces, impassível aos nossos sofrimentos. Por certo não és, oh Deus, também, branco, criatura pálida, sem sangue e coração."

— Du Bois, disse Dione, irradiando alegria, e dando um descontraído tapa na palma da mão do novo amigo.

John informou:

— Tanto na Universidade, Lagon, quanto depois, no Canadá, tínhamos em Du Bois, William Edward Burghart, nosso mestre. Nkrumah o admirou muito, apontava-o, mesmo antes de haver-se tornado um ganhador, como o pioneiro do Pan-Africanismo.

— E esta, John:

" Ele morreu no entardecer, quando o Sol se deita, triste e meditabundo, sobre passando às colinas do oeste, com véus a

encobrir sua face, num instante em que o vento era silente e as árvores, imensas criaturas verdes que tanto amara, quedavam-se imóveis.

" Nós não poderíamos dar-lhe sepultura, lá, na terra da Georgia: seu solo era curiosamente vermelho. Fizemo-lo adiante, mais ao norte, a ele, de pequenas mãos enlaçadas, e a suas flores. Por nada, por nada! Aonde, Deus meu, sob teu amplo céu azul, deverá descansar em paz meu negro nenê — onde habitam a Reverência, a Bondade e uma verdadeira Liberdade?

" Por todo aquele dia, e noite adentro, meu coração experimentou uma horrenda alegria! E não me culpem se vejo o mundo deste modo sombrio, através do Véu, ao mesmo tempo em que minha alma sussurra, permanentemente: "Morto não; morto não — redimido sim; não mais acorrentado, mas livre!" Nenhum ato menor irá agora ferir seu infante coração, liberto desta vida miserável."

— Horrenda alegria, sublinhou Dione, para, genuinamente emocionada, registrar ser àquela uma homenagem de Du Bois a seu filho, Burghardt, morto com apenas 18 meses.

Gerou-se um breve silêncio reverencial, em meio ao ambiente festivo a cercar aquele grupinho. John quebrou a espontânea reverência a Du Bois:

— Você falou, Dione, pelo menos duas coisas que merecem um comentário. A primeira se refere a Booker T. Washington.

— O mestre Booker T., fez eco a americana.

— Ele foi um dos mais respeitados educadores negros

americanos, você bem sabe, e sempre demonstrou um senso prático para atingir resultados. Autor do livro "O Negro nos Negócios", estimulou sobretudo a participação dos negros americanos no ramo empresarial. Chegou a criar a Liga Nacional de Negócios para Negros, entidade que, ao fim de um ano de atividades, lograra um total de 320 seções.

— Faz-me feliz, sinceramente, John, esta visão de Booker T. Washington. Mas, a seu tempo, no início do século, seu empenho na criação prioritária de escolas técnicas, era entendido como concessão ao establishment. Chegou a ser chamado de líder negro preferido dos brancos. E, alguns mais exaltados, imputaram-lhe a pecha de Pai Tomaz.

— Talvez porque valorizamos sobretudo as escolas técnicas de grau médio — ponderou John —, respeitamos a obra daquele homem.

— O fato interessante, continuou o africano, por estarmos no Brasil, é: descendia de Washington um músico chamado Booker Pitman, que para aqui migrou e tornou-se pai de uma famosa cantora brasileira, Eliana Pitman.

John demonstrava ter aprendido algo a respeito da terra que visitava. E Dione deixava claro haver-se preparado, com aplicação, para ser postada no Brasil:

— Eu li, na biblioteca da Universidade, um longo artigo da Revista Ebony sobre questões raciais no Brasil. Uma tia, irmã de minha mãe, foi a autora. Era, o seu nome. Pois ali está uma referência à Brazilian bombshell.

— Há pouco, Dione, você enfocou Du Bois como mais

moderado que Garvey, não foi?

— Sim, foi.

— De fato, ao liderar a criação da NAACP, agiu como um moderado, mas muito de sua luta, e o que escreveu — mais de 15 livros —, retrataram uma personalidade forte. Tanto que, ao fim da vida tomou duas atitudes veementes, assim é o menos que se pode chamar sua decisão de, em 1961, aos 93 anos tornar-se comunista, e, dois anos mais tarde, com 95 anos, assumir outra nacionalidade, a de meu País.

O embaixador, atencioso anfitrião, se havia sentado ao lado de John, e demonstrava interesse no assunto que ele entretinha com Dione. Ormuzd havia residido por um bom tempo em Washington e tinha um irmão que fixara residência permanente em Baltimore. Mesmo, a cada dois anos, fazia um completo exame médico numa clínica em Maryland, como forma de manter-se em dia quanto a seu problema mais sério, hipertensão arterial. Foi num jantar de amigos, em Georgetown, bairro boêmio da capital americana, que conheceu a bela Dione.

Sem se envolver nos dois temas enfocados, Nkruma e Garvey, o embaixador perguntou à Dione se conhecia, em Haenderson, o professor Austin Bannes. Ela confirmou que sim, que era pai de um grande amigo seu, o cônsul August Bannes, que havia servido no Consulado dos Estados Unidos, no início dos anos 70, em Porto Alegre. Substituíra um outro diplomata, alvo de seqüestro frustrado, mas do qual ficara o saldo de um ferimento à bala, não mortal.

Ormuzd lançou a pergunta sobre Bannes, e chamou para

o grupo outro amigo, desta feita um gaúcho, honrado, em suas andanças por Gana, com o nome de Kofí. Na tradição de muitos povos africanos, no caso do grupo Akã, ao nascer, a criança recebe o nome do dia da semana. E assim passa a ser chamado, entre familiares e amigos, para o resto da vida. Aqueles que recebem adiante o sacramento do batismo, crescem ao nome original um outro cristão. Os nascidos numa sexta feira, todos, quando meninos, são chamados de Kofí. Têm fama de arteiros, levados e inventivos: são os Kofí baboni, em twi, língua mais falada no país.

— Você conheceu o Bannes, não?

E, antes de ouvir a resposta, foi aduzindo:

— Dione, você conhece o Kofí brasileiro, não?

Ela disse não.

Paulo, ou Kofí brasileiro, foi apresentado como empresário que tem negócios em seu país, e havia estado dezenas de vezes em Gana.

O embaixador fez um sorriso para perguntar, jocosamente, a John, se havia sido apresentado a Kofí. Ao que John levantou-se para, desajeitadamente, dar um forte abraço em Paulo. Amigos há alguns anos, o Banco que dirigia era um dos mais importantes clientes das empresas brasileiras que representava.

Paulo, começou a falar:

— August chegou a Porto Alegre num momento muito difícil da história do Brasil. Os tempos da repressão, e das tentativas de segmentos da sociedade de reagir, usando os meios que achavam válidos, contra a ditadura. Ele não havia sido preparado tempestivamente para servir num país de fala portuguesa. Seu

primeiro impulso foi buscar, naturalmente, quem falasse inglês. Na posição que ocupava, cônsul dos Estados Unidos, não foi difícil encontrar, em alguns segmentos da sociedade, quem falasse sua língua. No Clube Inglês havia muitos. Entre os empresários, outros tantos. Mesmo na popular ACM — Associação Cristã de Moços — onde jogava basquete, havia uns poucos que com ele podiam conversar a cerca de coisas do esporte.

— A ACM, sua YMCA — prosseguiu Paulo, absorvendo rara atenção do pequeno grupo, alheio à azáfama da quase multidão à volta — fazia parte dele como desportista, mas, especialmente, como negro. Ele conhecia, em detalhes, àquela entidade que, num longínquo 1853, em Washington, organizara-se para desenvolver as três faces de seu triângulo — Alma, Corpo e Mente —, na comunidade negra interessada. A ACM desafiara a discriminação e preconceitos imperantes, bem como arrostarta o gravame, perigoso então, de amiga dos negros.

— O cônsul, negro norte-americano, politizado e curioso, necessitava encontrar um negro brasileiro com quem pudesse conversar. E me encontrou. Tínhamos a mesma idade. Eu participava do movimento negro brasileiro; havia sido, mesmo, secretário muitas vezes, e presidente de um clube esportivo da comunidade negra gaúcha, em tempos quando a separação nas sociedades entre negros e brancos era ostensiva.

Falando em um estilo fluente e algumas vezes enfático, no inglês que dominava, Paulo prendia a atenção dos seus ouvintes, Dione, John e Ormuzd:

— Eu ainda não havia ido à África; em verdade, sequer

havia saído do Brasil. Mas, jornalista naquela época, escrevera inúmeras matérias enfocando a independência dos países africanos. Havia recebido, também, para um complexo levantamento da questão racial no Brasil, a editora internacional da Revista Ebony, Era Bell Thompson.

— Minha tia! Exclamou Dione, com satisfação.

Paulo interrompeu sua pequena história, com manifestações de surpresa e alegria, pois a coincidência era feliz. Continuou:

Além do mais, eu era o editor de política do Diário de Notícias, o segundo jornal em importância de meu Estado, naqueles tempos.

— Você era o que Bannes precisava. Disse Dione.

Ao que, Paulo aduziu:

— Talvez em sentido muito mais amplo do que eu pudesse imaginar, então.

E continuou sem dar maior importância à sua última frase:

— Passamos, August e eu, a almoçar, religiosamente, uma vez por semana, no melhor hotel da cidade. Por conta do Tio Sam, naturalmente.

Sorriu, e prosseguiu sério:

— Ele era um americano a mais com dificuldade para entender certas peculiaridades do comportamento brasileiro. E, também, um embriagado com os eventos que haviam culminado com uma série de decisões do Supremo Tribunal dos Estados Unidos, na área dos direitos civis. Por estes dois motivos, sentia-se perplexo ao constatar, reiteradamente, nos almoços no Hotel Plaza,

que negros éramos os dois, mais ninguém. Nem os garçons.

— Tia Era havia estado no Brasil em meados dos anos 60. Dione interrompeu Paulo, informando a mais:

— Aqui chegara com o objetivo de tentar esclarecer a indagação em voga, entre os negros americanos, da existência e, caso positivo, da eficácia do amalgamento de raças no Brasil. Sobre a decantada democracia racial brasileira. Pois, ela iniciou seu trabalho jornalístico jantando num restaurante da cidade portuária de Santos, em São Paulo, onde, desde logo, sentiu-se discriminada.

Paulo prosseguiu:

— Acostumado a ver os restaurantes dos hotéis Sheraton, Hilton ou Holiday Inn freqüentados amplamente por negros, em seu país — August tinha dificuldade para entender porque não ocorria o mesmo aqui. Ainda que, alertado para o fato de, mais que racismo, pesar na ausência de negros naquele hotel gaúcho, como outros Brasil afora, estarmos à margem da elite — sentia-se refratário a tais argumentos. Negros que freqüentavam, nos almoços executivos e fins de tarde, as happy hours, dos Sheratons, Hiltons e outros, eram, eles mesmos, executivos de grandes empresas, proprietários de estabelecimentos comerciais, num país onde empresários negros contavam-se aos milhões. Sim, John, aos milhões.

Paulo deu ênfase ao número, ao constatar o espanto do africano ao seu lado. E arrematou o pensamento:

— Chegavam a manter algumas revistas especializadas, voltadas para certos setores empresariais, como a Black Entrepreneur.

— August se integrou, de alguma forma, à comunidade

negra de sua cidade? Perguntou Dione.

— Era difícil para ele participar das atividades de nossas sociedades: falava português de forma muito limitada e havia dificuldade de movimentação física, pois as autoridades policiais temiam a repetição do que ocorrera com seu antecessor.

— Ele próprio devia ter medo, não?

— Nunca vi qualquer evidência disto. Temia bezouros, cascudos que meu filho insistia em apanhar na grama e, depositá-los no amigo de seu pai, o grandalhão de fala arrevesada, que deles se apavorava.

Todos riram, e John não perdeu a oportunidade de externar seu vernáculo:

— Kofí baboni, son.

— Frequentou minha casa, onde comíamos churrasco que eu assava. Era uma via sem saída a rua onde eu morava. E minha casa ficava na última quadra. Nos dias de churrasco, para constrangimento meu, a rua era bloqueada e os vizinhos, meus amigos, tinham seu acesso às suas casas dificultada pela ação da Polícia Federal. Ir aos clubes — e ele foi no Floresta Aurora e no Marcílio Dias — era um processo complicado. Fomos, algumas vezes, como no dia da vitória do Brasil, na Copa do México, em 1972, um grupo de amigos, à residência oficial do Consulado. Aliás, nesse dia, ao fim da emocionante partida, August exclamou, para nativos empolgados, um desajeitado "como me orgulho de ser brasileiro!"

Dione, John e o embaixador descontraidamente riram.

— Estamos já nos anos 80, iniciou Dione, e que você acha

Kofí — ela trocava o nome Paulo pelo apelido africano — se August voltasse ao Brasil e a Porto Alegre, que diferenças ele notaria? Haveria alguma, dear? Sublinhou a palavra caro.

— Em primeiro lugar — Paulo fez uma breve pausa, para tirar efeito do que diria a seguir —, agora, eu poderia pagar o almoço no Plaza.

Todos riram copiosamente.

— E mais, ele encontraria alguns outros com quem falar em inglês. Teria amigos em clubes de corporações, como as do Banco do Brasil, de professores e magistrados, onde ele poderia fazer seu relax de fim de semana com amigos negros ou brancos, juntos. Este foi um tipo de associação clubista que se tornou forte, construiu sedes imponentes, bem equipadas para atividades esportivas, também. Acolhiam, naturalmente, os membros da corporação, todos, sem possível discriminação de cor. E essa mudança tomou grande impulso ao longo de uma década.

John, empertigou-se na cadeira, postando-se num ângulo que favorecia dirigir-se a Paulo. Disse:

— Vocês encontraram a solução perfeita contra a discriminação, então?

E, mesmo antes de ouvir a resposta, acrescentou:

— É fantástico, temo dizer, que vocês superaram algo existente mesmo na África, onde, excluída a inexpressiva minoria dos antigos colonizadores, somos todos negros: lá encontram-se diversos tipos de discriminação.

— Não, exclamou Paulo, procurando esclarecer sua assertiva:

— Tem-se preconceito, e de vários tipos. Mas não discriminação de cor nessas associações corporativas. Se você é professor, ou juiz de Direito, não há como discriminá-lo de entrar ou praticar qualquer tipo de atividade dentro dessas entidades. Num esquema político intestino, na sociedade, você poderá não compor uma chapa de diretoria por ser negro. Mas, na mesma medida o judeu, o oriental, o chato, o direitista, o liberal, poderão ser discriminados, como também o coxo. Mas nada impede que você se associe a outra chapa e dispute a eleição e, eventualmente, vença.

Dione gostou da assertiva de John e indagou: — Que tipo de preconceito se pode notar entre vocês, por exemplo, em Gana?

— Sad to say, lamentou John iniciando seu pequeno discurso.

— É triste, mas tudo começa na questão tribal. Discriminamos umas tribos das outras. Por exemplo, há um sério preconceito contra o grupo dos ewes. Em princípio, antes de qualquer outra avaliação, parte-se do pressuposto de que são inferiores, lavadores de roupa...

Rindo interveio o anfitrião, ele um fante como John, e pediu para este contar a anedota do ewe. John relutou um pouco, achou ser uma boa piada, mas não deveria usá-la naquele ambiente.

Mudou de idéia e iniciou:

— Dizem que, logo após a independência, um orgulhoso chefe ewe decidiu mandar seu filho à Inglaterra, para fazer seus estudos superiores na Metrópole. Passados alguns anos o jovem voltou. O velho chefe reuniu para uma grande recepção muitos

parentes e amigos. Foi uma memorável comemoração. O potentado, rústico homem voltado às questões de sua plantação de cacau, não sabia bem, em meio à alegria geral, explicar aos convidados, que curso o filho havia concluído na terra da Rainha. Cansado de dar voltas e nada dizer aos amigos, chamou o filho para uma conversa. Perguntou, então, em que se havia formado. Cheio de orgulho genuíno, o recém chegado explicou ao pai haver-se formado administrador de lavanderia.

Murcho, chocado, o velho chefe ewe sentenciou:

— Hum, filho! Todo este esforço, todo a expectativa, e você vai para Londres para aprender a lavar roupa!

Após os risos, John apressou-se em informar ser a história verdadeira, e mais: o jovem recém formado organizara, nos anos seguintes, a primeira e, por muito tempo, maior rede de lavanderias a seco do País.

Dione voltou ao tema. Perguntou a John se, afora questões tribais, que naturalmente colocam uns contra os outros, por fatores culturais e históricos, profundamente arraigados, também se podia encontrar a discriminação pura e simples.

— De diversas formas. A econômica, por exemplo. A de classes, noutra amostra. Você pode imaginar no sistema de chefias, tem-se aí um chefe Paramount, o senhor da tradição numa determinada região do país. Ele, nas solenidades, movimenta-se em cima de um palanquim. Tem abanadores. Tocadores de tambor, que anunciam seu deslocamento. Muitos desses homens, ligados à tradição ancestral, não vivem à custa do chefe, como era normal em meios aos seus avoengos. Têm uma vida independente, fora dos

atos cívicos e datas especiais da tradição. Porém, vestidos com a gravata que o banco onde trabalham lhes exige; com o terno que compõe a indumentária dos dias úteis, eles não se igualam socialmente ao chefe, curvam-se à sua passagem, mesmo estando ambos, suando dentro de ternos escuros, no cotidiano de Acra, Tema ou Kumasi.

Enquanto John falava, Paulo, divagando, lembrou um bom amigo que teve em Acra. Agora morto, esse, igualmente Kofí, fora um chefe Paramount. Na cidade era o distribuidor de ônibus brasileiros, fabricados em Caxias do Sul. Era, também, montador de uma linha de carros japoneses. Mark Kofí — um Kofí que apôs "e" ao seu nome, para efeito de marketing — tinha vários prazeres em sua vida. Um era viver bem, no sentido de viajar pelo mundo, organizar recepções para amigos, com farta mesa, coberta de vinhos e alimentos importados. O outro, recepcionar, diariamente, uma seqüência infundável de moçoilas. Elas faziam fila em seu escritório, e não se trata, aqui, de força de expressão. Mark, nesse tempo, passara dos sessenta.

Paulo estivera algumas vezes na sede de sua empresa e dessas visitas lembrava, com admiração, um de seus assessores, homem de terno e gravata, natural da mesma cidade que seu patrão, que jamais entregou algum papel, postou um copo d'água, ou dirigiu-se ao Mark, sem estar de joelhos.

Paulo foi levado, certa feita, a conhecer o bairro de Acra chamado James Town. Extremamente pobre, o aglomerado constituía-se num conjunto complexo de vielas e casebres, uns colados aos outros, partes sobre alagados, com precário sistema de

saneamento, se algum.

Soube, então, da existência, ainda, de cabungos — e recordou sua infância em Porto Alegre, "com sarjetas de água verde, cabungos e pipas de água", como a registrou Augusto Meyer. O detalhe, entretanto, que lhe trouxe à mente, em meio à narrativa de John, James Town, dos dançarinos de capoeira e tocadores de berimbau, foi o de, apenas elementos que migraram, ou foram trazidos de Serra Leoa, país próximo, aceitavam o trabalho asqueroso de transportar os barris transbordantes de fezes e urina.

— Você quer saber de uma coisa, eu fui discriminado em seu país, Dione? Com largo sorriso, nitidamente provocador, Paulo dirigiu-se à americana.

— De que forma? Interessou-se o anfitrião.

Dione limitou o externar de sua perplexidade a um olhar esbugalhado.

— August indicou-me, como qualificado para ser convidado, pelo Departamento de Estado, a visitar os Estados Unidos. Iria cumprir um roteiro de contatos com órgãos de imprensa e instituições parlamentares. Visitaria o The New York Times, The Washington Post, CBS, NBC e uma variedade de pequenos jornais e estações de rádio e televisão em muitos lugares. Iria ao Congresso e à Casa Branca, em Washington, capital, e casas legislativas, senados e câmaras de deputados, nos estados.

Dione não resistiu e assobiou, desabafando a seguir:

— Que viajão, hem Kofí!

— De acréscimo, ainda vi uma nave Apolo subir em direção à lua. Paulo acrescentou com malícia. Prosseguiu a história:

— Os americanos viviam, uns, os negros e seus simpatizantes, a euforia das novas leis civis. Outros, os brancos, especialmente no Sul, agarravam-se, como podiam, aos últimos bastiões da segregação ainda possível. Assim que, passeando pelas ruas de Nova Orleans com o então cônsul brasileiro naquela cidade, fui levado a uma zona residencial e, nela a um bar. O cônsul, em nosso encontro, benzeu-se, como se diz lá no Sul do Brasil, em todas as igrejas que pode...

— O que quer dizer benzer-se em igreja? O que tem a ver...

— Quer dizer, John, na imagem usada em nossa região, que benzer-se significa parar num bar e tomar um trago...

A piada, se tal, era sem graça, pensou Paulo, mas os três riram bastante. Continuou:

— Pois no bar da zona residencial o garçom simplesmente negou-se a servir-me e, foi muito claro: não atendiam negros. O cônsul, embora os vários graus de álcool que ingerira, entendeu o recado seco e claro. Fantástico. Parece que, com o choque, instantaneamente curou-se. Novas risadas.

— Tentou argumentar com o barman, mas este foi inflexível. Saímos, ambos chateados. O cônsul mais ainda, porque me expusera ao constrangimento desnecessário, posto que eu nem bebia bebidas alcoólicas. Para mim, como jornalista, fora uma experiência interessante. Tanto que, me fazendo de muito ofendido, querendo, isto sim, alongar o caso, liguei para o Departamento de Estado, reclamando quanto ao ocorrido. Pacientemente, a senhora Mary DePui, que era responsável por minha estada, acolheu um

telefonema e escutou minha história. Passou a questão para outro setor jurídico. Poucas horas depois me encontraram de novo. Um homem identificado como do Departamento de Estado, foi delicado, mas seguro:

— Seu cônsul, disse, que vive em nosso País, não deveria tê-lo exposto a este constrangimento. Ele seguramente sabe que os Direitos Civis protegem o acesso de qualquer pessoa a lugares públicos que vendem alimentos ou refeições, não se incluindo aí locais especiais para a venda e consumo direto apenas de bebidas alcoólicas.

— Interessante, murmurou Dione, externando óbvia dubiedade.

E acrescentou com voz mais alta:

— Eu também fui discriminada aqui no Brasil. Bom, eu me senti discriminada, a bem da verdade. Não me impediram de fazer qualquer coisa ou de entrar em lugar específico. Mas estive em algumas lojas de roupas no Rio de Janeiro, em Ipanema, e me trataram com desdém; me preteriram no atendimento, até que ouviam meu português com forte acento e, então, hipocritamente, após um lampejo de que eu carregava na carteira dólares, desmancharam-se em atenções. Outra coisa: não chega a ser discriminação, mas, perdoe dizer, falta de educação. Olham-nos, em lugares públicos, de classe, como certos restaurantes, com grosseira curiosidade. E houve histórias, contadas aqui na casa de Kwasí, de colegas que tiveram problemas com porteiros e condomínios, tanto no Rio de Janeiro, quanto em São Paulo.

— Como ocorreu com Ralph Bunche e Marian Anderson,

que tiveram de usar elevador de carga no Radisson Hotel, em Minneapolis. Provocou Paulo.

Alvo natural de curiosidade ao vestir no Ocidente suas vistosas roupas nacionais, John não se tocou com a penúltima assertiva de Dione.

O embaixador, levantou-se e, entendendo o aceno do amigo assador daquele sábado, interrompeu o assunto para convidá-los para comer o churrasco.

ORGULHO DE U M TABOM

Van Nielsen, o seu sobrenome. Gilbert Van Nielsen um homem alto, preto como o piche. O tom de sua pele chamava atenção, mesmo, de seus amigos. Usava um cavanhaque pontiagudo, e era dotado de temperamento calmo e conciliador. Como seu irmão Ormuzd Kwasí, também um diplomata. Gilbert não ostentava qualquer dos nomes nativos, como seu irmão. Tampouco tinha o mesmo sobrenome, Razmara. Era filho do primeiro matrimônio de sua mãe. Não era Kofí, nem Kwakú, Kojô, nada; era, em negativo, um europeu de modos e hábitos refinados. Seu pai era holandês. Seguramente, sua mãe o havia brindado com um desses nomes, porém ele não o usava, tampouco o faziam seus irmãos ou amigos de mesma idade. Ele era o Van Nielsen.

Não se incluía entre os freqüentadores da Casa. Mesmo quando em férias de seu posto diplomático, visitava Ormuzd, mas não, necessariamente, nas horas de permanência dos amigos de seu irmão. Não tinha envolvimento político e, a seu respeito, não circulavam rumores. Golpes-de-Estado sucederam-se sem afetar sua carreira e seus postos no exterior. Excepcionalmente, neste entardecer, ele visitava o irmão e confraternizava com o grupo daquele instante.

Nkrumah, o líder do movimento que culminou, em 1957, com a independência da Costa do Ouro, não apenas rebatizou seu país, dando-lhe o nome que homenagearia importante império negro dos primeiros séculos deste milênio — Ghana —, mas, lançando uma moda que se alastraria entre os jovens militantes da luta pela

libertação colonial, mudara seu próprio nome, omitindo deliberadamente o europeu Francis, assumindo o Kwâme, dos nascidos num sábado.

Van Nielsen, entretanto, era chamado pelos amigos assim mesmo e, em sinal de respeito, pelos irmãos, inclusive Kwasi, de Paa, ou Pai, na sua língua nacional fante, o twi. Ele era o primogênito de uma seqüência de muitos irmãos.

Também de cavanhaque pontiagudo lá estava Joseph Kojô, o advogado. Como Gilbert, alto, calmo nos gestos, no falar e, aparentava, no pensar. Mas não. Tinha uma raciocínio rápido, ágil; simulava-o lento, talvez para casar com seu estilo de ser. Proprietário de um antigo e pequeno Vauxal, sentia prazer em movimentar-se pelas ruas de Acra, empurrado pela buzina de motoristas apressados, impacientes ante sua calma no dirigir. Importante criminalista, tornara-se famoso no alvorecer de sua carreira, com a defesa de vários casos que buliram com a opinião pública. Na barra, com sua peruca branca, tal qual seus colegas ingleses, ele demonstrava, com sua portentosa memória, a importância desta no direito consuetudinário. Para um grupo de amigos, porém, era, apenas, um grande e bom camarada; um boêmio nato, que gostava de movimentar-se, promovendo rodadas de cerveja, nos fins de tarde, nos pubs e alguns clubes de Acra. Vandalism, era o grito de guerra, para seu entusiasmado roteiro boêmio dos entardeceres, que, algumas vezes, terminavam na boite ao ar livre do Hotel Ambassador, com seu rebolar ao som do highlife, música que gerou, no Caribe, a rumba, o merengue e outros sons da Índias Ocidentais, ali executada por entusiasmadas bandas

de metais.

Kwâme Lartey era piloto da Ghana Airways. Parecia um oficial da Força Aérea. Não caminhava. Transmitia, sim, a impressão de estar sempre marchando, como faziam os soldados britânicos. Carregava sob o braço um bastão de comando e, ao mesmo tempo em que cumpria um ritual tão simples como o de apertar a mão de um amigo, batia com os calcanhares. Compunha, ainda, a figura de mister Lartey um bigode no melhor estilo de um soldado gurkha. Quando se despedia, os amigos mofavam do trabalho que tinha à noite para colocar os elásticos que davam forma, durante o dia, a seu esquisito bigode. Tinha imenso orgulho de seu DC-9, de última geração, que vira nascer nos hangares da McDonnell Douglas, em Saint Louis. Participara, qual um pai em relação ao filho, dos primeiros movimentos alados do avião. Fazia, agora, a rota entre Lagos, na Nigéria e Dakar, no Senegal, em vôos diários que ele revezava com outros colegas, e que pousavam em Banjul, na Gâmbia; Conacri, na Guiné; Monróvia, na Libéria; Freetown, na Serra Leoa; Abidjan, na Costa do Marfim; Acra, em Gana e, por fim, Lagos, na Nigéria. Um pinga-pinga, com impossibilidade total de manter horários, face à reiteradas pendências com despachantes em terra, controladores de vôos e, inesperadas decisões de cada governo desses países, dando preferências a pousos e decolagens de visitantes ilustres ou suas próprias autoridades.

Do folclore, Paulo recolhera a experiência de um vendedor de locomotivas da GE brasileira que, embarcando num vôo rotineiro entre Maputo, em Moçambique, e Johannesburgo, na África do Sul, foi parar em Havana, num seqüestro, digamos, informal. Os

passageiros, apenas, não foram informados da presença de um ministro que, a bordo, recebeu ordens de seguir com urgência para Cuba. E todos foram juntos.

Kwâme gostava de seu trabalho. Na manhã do dia de sua escala, preparava-se com esmerado capricho. Uniforme impecável, muito acima da média de seus colegas. Despedia-se de seus cinco filhos, todos perfilados como soldados. E de sua Ana.

O piloto cruzara, numa esquina do tempo, com outro gaúcho, também de aspecto marcial, porém germânico, portanto alguém com quem o piloto se identificou e, mesmo, pinçou-o, para suas recordações, dentre os milhares de anônimos que ele diariamente transporta de um lado para outro, no coração da África equatorial. Um grande sujeito, Paulo considerava a Schertel. Encontraram-se Paulo, Kwâme Larthey e Schertel no aeroporto de Abidjan. Alto, pele e cabelos claros, lá estava, perdido num mar de mulheres negras, carregadas de todo o tipo de caixas, caixotes, sacos, sacolas, malas, imensos cofres de metal, peças de automóveis, de bicicletas, ventiladores, caixas de sabonetes, de omos, perfumes, pastas de dentes e desodorantes. Todos em meio a uma notável guerra para conseguir assento no fantásticamente superlotado vôo da Ghana Airways. Paulo, tranqüilo, com seu lugar assegurado, gestinou junto a Kwâme para este interceder em favor de Schertel, o que conseguiu facilmente.

A cada encontro com Paulo na Casa, Kwâme não deixava de perguntar: " Como está Mr. Schertel? "

Eric Yáw, o bom amigo de todos. Gorducho, sempre com um sorriso nos lábios e muitos bocejos, diariamente, à partir das

quatro horas da tarde. Eric tinha um segredo de polichinelo, mas, estranho, todos o respeitavam. Amava, verdadeiramente, sua secretária. Armava complicados esquemas para os jantares entretidos com o "segredo". De certa forma havia sigilo, pois ninguém espontaneamente comentava a aventura de Eric. E isto numa terra onde a poligamia, de origens perdidas na própria idade da África, em verdade, tornava-se mais e mais rara.

Não, necessariamente, por considerações atinentes à moralidade ou não do instituto. Este era condenado, apenas, pelos mensageiros do cristianismo. Sim, por prosaicas razões econômicas: tornava-se cada vez mais difícil manter, em padrões de novos tempos, com escolas e gostos ocidentais, mais de uma família. Eric, como fazem na América ou Europa, optou, ao invés da pluralidade familiar, pelo caso.

Joseph, seguramente seu melhor amigo, chamava-o de Errric, numa alusão ao fato de ter nascido na região de Kpandu, parte outrora da Togolândia, um território de administração germânica, até a derrocada dos alemães na I Guerra Mundial. Diretor de Banco, havia feito seus estudos superiores em Londres, e parece que sua indolência constituiu-se em carapaça contra os hábitos metropolitanos. Era, Yáw, um simpático gorducho, sonolento, mas determinado.

Também no grupo, maneiroso, movendo-se como uma dama afetada; falando com mesuras e animando trejeitos no olhar, Francis Kwakú seria no Brasil considerado fresco. Diriam, numa roda de homens, exatamente como aquela na Casa do Embaixador, que ele "tem toda a ferramenta, e se não a usa é porque não quer".

— Há lugar, na vida da tribo, para pessoas como ele. Existe toda uma série de tarefas que sabem executar com proficiência. Nasceram com alguns dotes que o comum dos homens não possuem. Especialmente na performance de momentos marcantes da comunidade, como em alguns dos ritos de passagem: o nascimento, o tornar-se adulto e, por fim, a morte. São respeitados como o é um feiticeiro. Em muitos casos são auxiliares do feiticeiro e executam trabalhos similares a este. Não são homossexuais, ou seja, não têm como preferência sexual os iguais a si mesmos.

Isto foi dito por John, certa feita, expondo, sem paixão, com naturalidade, ao ser indagado por um brasileiro num dos encontros na Casa, se aquele homenzarrão, movendo-se como leveza, era efeminado.

Alfree, o benvindo. Este era o nome de um dos amigos especiais do embaixador. O significado de seu nome, em twi, benvindo, casava com seu jeito de ser. Tímido, incapaz de perturbar os outros, era sempre bem recebido na Casa ou em qualquer lugar. Jornalista, na fase universitária, seguiria, todavia, o caminho do planejamento. Gostava de escrever: mantinha correspondência com amigos, fazia relatórios com explicações detalhadas e bem compostas.

Havia estado em vários lugares do mundo, sempre a serviço, ou em congressos, o que lhe assegurava uma visão ampla e muito acurada da vida e, especialmente, de sua profissão de planejador.

Em suas boas memórias, inseria uma estada no Brasil, no início dos anos 70. Estagiou, por alguns meses, no extinto BNH -

Banco Nacional da Habitação, a fim de, calcado naquele modelo, instituir eu seu país um banco da habitação.

A estada no Brasil fora, sem dúvida, um reencontro, pois ele se supunha longínquo descendente de brasileiros, migrantes, ou expatriados para a Costa do Ouro, atual Gana.

Naquele fim de tarde, no avarandado da Casa, o anfitrião permanente conversava com o pequeno grupo de convivas nativos, aos quais se somava outro Eric, este executivo de empresa brasileira, que acompanhava Paulo, naquela viagem, como consultor para projetos de olarias e refinarias de óleos vegetais.

Ouviam, ao fundo, saindo da porta de acesso ao salão interno, As Quatro Estações, de Vivaldi, numa execução da Nova Orquestra Filarmônica, regida por Leopold Stokowski. Era dos concertos favoritos do embaixador, que o tocava com freqüência.

Raramente usado, o salão interior abrigava uma bem cuidada coleção de artigos em madeira, marfim e cobre, aconchegados à pinturas a óleo, alguns bicos-de-penas, creiões e caricaturas, recolhidos em algumas partes do mundo. Um piano preto, a um canto, vez por outra enchia, com seus sons, tanto o salão quanto o balcão onde, agora, esparramados em torno a bebidas diversas ouviam, ainda outra vez, Kofí Alfree explicar, para um brasileiro, suas raízes familiares:

— Desde menino, iniciou, tenho ouvido que nossa família pertence ao grupo dos tabons. Dizem que as pessoas ligadas a essa palavra eram originárias do Brasil. Descendiam de escravos dali expulsos. Que haviam participado de rebeliões. Não aceitavam o cativeiro. Foram parar em diversos pontos da Costa dos Escravos:

Daomé, Camarões, Costa do Níger, Costa da Pimenta, Costa do Marfim, Camarões e Costa do Ouro. Aqui, onde navios mercantes, oriundos da Bahia, também faziam escala. Tornaram-se exilados políticos. Haviam nascido, na sua maioria, no Brasil. Sua deportação, pois, configurava ato político. Deles, um grupo não muito expressivo, fixou residência em James Town, ali, perto do hospital. Ao todo, não eram numerosos o bastante para formar um bairro. Mas, conservaram, juntos ou separados, certas lembranças de suas origens. Dentre os recém chegados havia os alforriados. Compraram sua liberdade, juntaram alguma economia, e fizeram a viagem da volta. Foram, os dois grupos, absorvidos pelos hábitos e línguas da terra.

Kwâme Lartey, o piloto, quieto ouvia a narrativa de Kofí Alfree, como se o fizesse pela primeira vez. Assim que pode, deu, também, sua contribuição, narrando experiência que tivera na Bahia, numa viagem como piloto de avião executivo, conduzindo milionários nigerianos, ligados à indústria do petróleo, numa excursão a Salvador:

— Quando estive na Bahia, impressionou-me sobremaneira uma dança chamada capoeira, exibida em vários locais para deleite dos turistas. É um exercício de arte marcial, exatamente igual àquele que encontramos entre os Gãs, de Acra, especialmente em James Town.

— Não só assisti, retomou Alfree, como me forçaram ensaiar alguns passos. Confesso, me senti à vontade participando da dança.

Os presentes experimentaram um momento de excitação,

bulindo com Alfree, imaginando-o a dançar como fazem os malandros de James Town. O piloto prosseguiu:

— Não saberíamos dizer se a capoeira teria vindo do Brasil, junto com os tabons. Foi muito bom, muito ilustrativo e, acima de tudo, muito emocionante, ver os pedaços da África, encontrados no dia a dia daquela breve estada: a comida, rica, saborosa, generosamente preparada com os grãos do paraíso, como aqui em casa. A música e a religiosidade. Estivemos em alguns santuários, lá chamados de terreiros, e pude ouvir da boca de velhas senhoras, palavras em iorubá corrompido, como o pidgin English dos bairros de Lagos e Ibadan. Tudo formando um mosaico tal e qual se vêem nas casas dos bairros brasileiros de Lagos e Daomé.

Kofí Alfree retomou sua narrativa:

— Sempre me intrigou, desde menino, a palavra tabom. Não era inglesa. Tampouco das línguas conhecidas no país. Ewe não era. Nem gã. Do grupo Akã, também não. A bem da verdade, não sei, mesmo hoje, qual o significado real da palavra. Tenho, sim, razoável certeza, a partir do dito por alguns brasileiros.

Alfree viu à sua frente a cerveja que lhe cabia, face ao convite, por gesto, que o embaixador fez. Antes de seguir sua história, de frases curtas, cheia de pausas, apanhou duas aspirinas, das americanas, micro-coating, e, como sempre, antes de beber cerveja, ingeriu-as de vez.

— Logo que conheci Paulo, convidei-o a encontrar-se com uns tabons, numa reunião que programei para minha casa. Falou, então, de Pierre Verger, pesquisador francês. Este examinou, em profundidade, os movimentos de povos negros entre o Brasil e a

costa oeste, ou vice-versa. Produziu, daí, um livro, chamado Fluxo e Refluxo.

— Ateve-se, Mr. Verger, em especial, às comunidades de brasileiros negros em Aguê, Uidá e Porto Novo, no Daomé, atual Benin, e em Lagos, na Nigéria. Não se encontra referência aos tabons, como tal, de Gana. O grupo aqui radicado era pequeno. Não chegou a formar um bairro, como outros o fizeram na Nigéria e Daomé. Foi-se espalhando. Foi-se misturando. Havia, aliás, no dia do encontro com Paulo, tabons gã, akwapim e fante.

Sentiu-se meio perdido na exposição. Parou um instante, sorveu o gole de sua cerveja e reordenou a história, verídica, e sob medida para o brasileiro, seu ouvinte:

— Artesãos, empresários ligados ao tráfico de escravos, libertos ou revoltosos, os vindos para James Town. Também, dentre eles, muitos pequenos comerciantes. Foram estes que encontraram em seguida o mercado. Coração da pequena Acra, ali estava seu ambiente natural. E foi onde deixaram a marca de sua passagem: o cacoete de aquiescência. A concordância com a barganha. A encenada rendição final ao cliente, na expressão portuguesa:

— Está bom! gritou o brasileiro que ouvia, com interesse, à pequena história.

— Assim, se em Lagos a gente pode visitar o Brazilian quarter. Em Uidá, freqüentar o bairro Brasil. Aqui você pode identificar grande parte dos descendentes de brasileiros pelo apelido que carregam: tabons.

Novamente, como fizera outras vezes, indagou, desta feita ao brasileiro à sua frente, com a participação em forma de jogral, de

alguns dos atentos amigos:

— Você sabe o que é 'spato?

— Shoe (sapato) respondia o jogral.

— E prêgo?

— Nail (prego)? contrapunham os amigos.

— E pano?

— Bread! (pão).

E, num êxtase, o coral, eles mesmos, indagaram:

— And sacabô? Yes, what means sacabô? (e sacabô, o que significa sacabô?)

Todos responderam:

Roted thing! (coisa estragada).

Que, naturalmente, vem do nosso se acabou!

Muitos risos, tapas nas costas de Alfree e um desajeitado saúdi, fecharam aquele entardecer. O brasileiro presente recordou-se, naquele exato momento, telefonema presenciado em Porto Alegre. Havia sido massageado pelo japonês que o assistia uma vez por semana. Enquanto se vestia, tocou o telefone e o massagista atendeu. Este falou, com desevoltura — seria um parente ou amigo —, durante uns três minutos. Ele, com curiosidade, prestava atenção à enxurrada de incompreensíveis palavras japonesas, naquele instante, passando através do bocal do aparelho. No fim, sem dúvida, entendeu o fecho do codificado contato: "então, tá bom!"

Ormuzd, o gentil dono de casa, levou-os, quase todos, até o jardim, onde se encontravam estacionados automóveis de diversos tipos e marcas. Fechou tantas portas de carros quantas pode, no prestimoso ato de despedida aos amigos.

Acenou, então, para o último dos carros.

OS DILETANTES

Voltou-se com passos comedidos para, subindo as escadas, atingir o avarandado onde ainda o esperava Joseph, o último dos convivas daquela véspera.

Alcançou-o após algumas passadas. Sentaram-se à uma mesa já recomposta. Dois serventes, no lapso de tempo em que despachava seus amigos, rapidamente retiraram garrafas e copos, secaram e arranjaram as mesas, reordenaram o ambiente, dando a impressão de ninguém haver ali estado antes, e a varanda ter sido posta para o anfitrião receber, apenas, o advogado.

Este, num olhar perdido na direção do amigo que se sentava, foi dizendo:

— White man's thing! Coisa de branco, exclamou, num lamento vez por outro usado em conversas, quando alguém quer externar sua contrariedade, ainda existente, pela influência de hábitos e costumes europeus, inseridos compulsoriamente na vida dos povos negros das colônias.

Ormuzd, que estendia seu braço para uma nova dose do uísque predileto, diminuiu o impulso, olhando sério para o amigo, esperando viesse ele a acrescentar algo mais. Ocorreu:

— Eu estava relendo um trabalho de Direito Criminal, quando deparei-me com algo que sempre me fascina: o efeito da chamada civilização européia sobre nossa gente, especialmente nos alvares de sua invasão, quando começaram, preliminarmente, os portugueses a fixarem-se como mercantes. Primeiro construíram

seus fortes e entrepostos comerciais. Lutaram entre si pela posse desses estabelecimentos. Depois, pela força imperial, transformaram nossos reinos, impérios e nações em colônias inglesas, francesas, belgas e portuguesas, para falar dos que por mais tempo aqui permaneceram. E, nessa posição mantiveram-se por longos e penosos séculos.

Joseph parou um instante, sorveu um largo gole da novamente muito gelada cerveja, e prosseguiu:

— Você sabe, algumas passagens eu as guardo de memória. E, numa dessas, recordo a decisão do Comitê Judiciário, examinando a apelação de um certo Eleko contra a administração da Nigéria. Está registrado que os costumes, mesmo os mais bárbaros, de tempos imemoriais, como, por exemplo, matar e não banir a um chefe deposto, podem, sob a influência da civilização — o trabalho considerava como tal a européia —, transformar-se numa punição mais branda, sem que, com isto, se torne perdedor o caráter essencial do costume.

— Mas, prosseguiu o advogado, faz-se mister mostrar que a forma mais branda deva ser aceita na comunidade local como costume; como forma de regular as relações da comunidade entre si. Em outras palavras, afirma o documento, a Corte não pode transformar, por sua iniciativa, um costume bárbaro, numa forma mais suave. Em se mantendo o caráter bárbaro da disposição consuetudinária ele deva ser rejeitado como repugnante, como atentatório ao Direito Natural, à Eqüidade e à Consciência. Porém, é o consentimento da comunidade autóctone o convalidador do consueto, fazendo com que, bárbaro ou brando, ele deve ser

reconhecido pela comunidade nativa, aonde o usual se cristaliza, para regulá-la.

Acostumado à conversa instigante de Joseph, que a servia, amiúde, a uns poucos, como a si mesmo, Ormuzd esperou por uma longa pausa, viu, na expressão do amigo à frente, um olhar perdido, a varar o lusco-fusco, carregado por tons amarelos de muitas lâmpadas especiais contra mosquitos, espalhadas no jardim e avarandado, para indagar:

— O que te trouxe à mente essa questão envolvendo direito costumeiro tribal e seu interface com as cortes?

— Porque, lendo os jornais de hoje, deparei com a experiência que está vivendo uma pequena comunidade próxima de Mampong, face decisão de uma Corte Nativa, composta de onze pessoas, os idosos daquela vila. Sendo uma localidade achantí eles resolveram executar um velho preceito envolvendo o aparecimento de um suicida.

Em verdade Joseph andava preocupado com a singela defesa de uma amiga que pilara num apartamento e buscava na sua biblioteca o caminho que seguiria para safá-la do apuro.

Continuou falando para o atento Ormuzd:

— Entendiam os antigos que o suicida, ao atentar contra si mesmo, fazia-o por haver praticado um crime hediondo, do qual não dera notícia a ninguém. Assim, com medo de a sociedade vir a conhecer seu procedimento depravado, o malfeitor tirava sua própria vida. Sendo essa a presunção, o suicida, embora morto, era julgado e condenado, seja lá qual o crime cometido; se, em verdade, algum ilícito houvesse realmente praticado.

O advogado demonstrava profunda paixão expondo o tema:

— Havia a pena, que consistia na decapitação do morto. O pavor incutido nos vivos pela sorte dos suicidas representava um forte desestímulo a futuros prováveis seguidores.

— Kuasí, sublinhou com ênfase o advogado Jospeh, o suicídio tinha o caráter muito peculiar de representar uma violenta agressão ao meio social. Vivendo em íntima relação comunitária — onde uns apoiavam os outros; uns sabiam da vida dos demais e nelas intervinham, de formas várias —, alguém que não buscou o apoio de seus irmãos, e optou por uma decisão tão drástica, se constituía em inimigo de todos.

— Os anciões, perguntou o embaixador, decidiram por mutilar o corpo, mandando decapitá-lo?

— Sim, não apenas decidiram como, por sua força e importância na comunidade, não encontraram oposição de um cabo, guardião local da lei, encarregado, sozinho, do modestíssimo destacamento policial da comunidade rural. — Que triste, murmurou o embaixador.

— A notícia transpirou muito tempo depois. Vamos assistir, com a denúncia do Promotor, um notável embate entre o peso da estrutura legal imposta pelo colonizador e o enfraquecido vigor das decisões das cortes nativas, estruturadas com base na tradição secular, transmitida através das inúmeras gerações que se passaram. Tradição consolidada, cristalizada por força do histórico processo de assimilação de grupos étnicos, ao longo do nascimento, conquista e transformação de Estados e nações africanas.

— Numa forma, caro irmão Kwasi, capaz de, parece incrível, gerar dispositivos legais consuetudinários semelhantes, em povos geograficamente tão afastados como nós, os akãs, os iorubás, os bantos; mesmo os da África oriental, os sudaneses os congolezes e outros.

— Mas você sabe, Kojô, existia uma variante desse uso — talvez dentre muitas — a de casos de morte súbita.

— O veneno, afirmou o embaixador.

— Sim, partiam sempre do pressuposto de que o ocorrido se dera por envenenamento.

— É a bússola, novamente afirmou Ormuzd.

— Isto mesmo. Dois homens carregavam o corpo do morto num caixão, ou numa cesta mortuária, como que impulsionados por sua força espiritual. Deslocavam-se pelas ruas até a posição da cabeça do morto indicar a casa do suposto assassino. — Veja só, Kwasi, o indiciado após capturado era forçado a suicidar-se. Em não o fazendo, sofria a pena de decapitação.

— E mais, aduziu Joseph, seus restos eram jogados no mato, insepultos. A família, para dar-lhe sepultura teria de pagar altas somas aos familiares do tido como envenenado e, também, aos chefes locais.

— Era uma verdadeira caçada às bruxas, arrematou o embaixador.

Da sala de estar podiam ouvir, parecia ao longe, a voz de Isaac Hayes, que confundia, aqui e ali, a concentração de Ormuzd. Como naquele momento: cantando Your Love Is So Doggone Good, o Moisés Negro trazia doces memórias de uma amiga norte-

americana, com quem o embaixador entretera místico romance.

Ela era fanática seguidora de Malcom X. Por suas ligações e envolvimento com os muçulmanos negros do Harlem, ensajara o encontro de Ormuzd com Alex Haley, que trabalhava no material biográfico de Malcom.

Nesse período, Raízes era, tão somente, um processo mental, um projeto em desenvolvimento. Haley valeu-se de longas conversas com o diplomata africano para enriquecer o livro que o tornaria mundialmente famoso. Dorothy — era o nome que enchia naquele instante sua mente — assegurou, também, um encontro de Ormuzd com Elijah Muhammad, líder da Nação do Islã, da qual Malcom fazia parte e com quem romperia adiante.

No exercício de apaixonado diletantismo, os dois amigos passaram a examinar aspectos da história de seu país e da África, especialmente no enfoque do exposto pelo advogado.

— Você acha, Kojô, viveríamos bem sem as normas de direito assimiladas da Inglaterra? Nossa estrutura social estaria bem ordenada ao amparo, apenas, do direito consuetudinário, não escrito, moldado, ao longo de muitas épocas, pelos nossos povos ancestrais?

— Tivemos, Kwasí, exemplos ímpares de ordenamentos jurídicos ao tempo do Império de Ghana. Da mesma sorte, Tombuctu, com suas universidades e sábios do Alcorão, astrônomos e jurisconsultos, deixou um legado memorável. Entretanto, viveríamos hoje, neste mundo complicado de inter-relacionamento de povos, especialmente nós ganenses ou nossos primos nigerianos, quenianos, sudaneses, enfim todos aqueles submetidos

ao direito, também costumeiro, mas escrito, ordenado, sistematizado, dos ingleses — viveríamos, Kwasí, sem as cortes e bibliotecas que hoje empilham toda experiência acumulada, não apenas em nossas pátrias, mas no mundo inteiro, em fantásticas memórias de computadores?

A noite fechara-se e torno à Casa. Ouvia-se, da cidade, cedo a morrer, somente sons abafados de veículos motorizados, ao longe. Da direção dos arrabaldes vinha, de forma nítida, clara, o modular sonoro de dois tambores, conversando um com o outro.

No jardim, ao pé do avarandado, sobressaíam o cricri de muitos grilos e o compasso de um espalhador de água, dando vida ao ambiente, do qual emanava o cheiro peculiar de grama molhada.

O calor ainda se fazia presente no ar. A ausência do sol, apenas, melhorava a sensação térmica. A noite, como a de ontem e dos dias que a antecederam, da mesma forma que as futuras, seria quente, e a máquina de climatização deveria roncar até a madrugada.

— Um sistema legal, reiniciou o jurisconsulto, haverá sempre de refletir o modo de viver de uma sociedade. Ele representa, num dado momento, a adequação do corpo social à vontade de sua elite ou da maioria.

— A partir dessa premissa, prosseguiu enfeixando seus argumentos, posso dizer, com segurança: seria melhor para os povos africanos, dentro do contexto de nossas vidas, sem a presença de qualquer componente externo, que o direito nativo fosse o elemento regulador de seu comportamento.

— Por tal, Kwasí, no processo vivo que se constitui a vida

social, novas leis, mesmo orais, iriam surgindo à medida que emergentes necessidades de controle despontassem. Mas esse ir surgindo haveria de se constituir, como vinha ocorrendo, num parcimonioso ato, a ser medido por séculos.

—Abruptamente — brincou Joseph, usando a mesma entonação que costuma dar ao referir-se a seu amigo Eric.

— De repente, aparecem os almorávidas e não deixam pedra sobre pedra naquele que se constituiu no mais impressionante império africano, contemporâneo à Idade Média europeia, o de Ghana. Séculos vão passando e, após guerras e acomodações, consolida-se outro império importante, o do Mali; este misturando a cultura ancestral africana com a força sectária dos seguidores de Maomé.

Um vagalume, nesse instante, faz um vôo razante e atrapalha ambos. Um copo cai no chão. E, novamente, como que do nada, aparece um servente. Apanha o objeto. Repõe um novo. Serve a cerveja de Joseph. E some.

Imperturbável, o advogado prossegue:

— As leis islâmicas interferem, assim, diretamente, no comportamento social autóctone e mudaram, de forma radical, o ser animista, base milenar da vida daqueles povos.

Ormuzd vê coincidir a palavra animismo com o som dos tambores que, ao fundo, continuavam a conversar.

— De novo, mais próximo de nós, aqui no Bilad as-Sudan, ou seja, abaixo do Saara, novamente um furor muçulmano, liderado por Usuman dan Fodio, altera radicalmente o comportamento de muitos povos.

A conversa seguia um modelo tacitamente convencionado por Ormuzd e Joseph: um esperava, com educada paciência, o outro concluir certo pensamento, determinado conceito. Que expusesse, em toda sua extensão, uma idéia. Excepcionalmente, apenas, a fala de um era interrompida pelo outro, mesmo que emergisse o desejo de fazê-lo, para não perder a oportunidade. Assim, com tranqüilidade, Joseph prosseguia sua fala. Ormuzd, placidamente, ouvia, apondo aqui e alí breves contrapontos.

Último — sublinha Joseph, com um tom de voz que altera para modular a frase seguinte —, mas não menos importante: aparecem os europeus, sequiosos por mão de obra para suas colônias nas Américas. Constroem suas bases, geralmente castelos ao longo da costa, e dentro deles usam, naturalmente, as leis de seus países. Logo em seguida fazem a lei valer em torno ao castelo. Por fim, quando partilham o Continente, e fazem-se proprietários de nossas nações e, mesmo, Estados, impõem, por completo, e por sobre o existente, sua lei.

— Mas, neste ponto, posta-se a irreversibilidade.

No way out, foi a expressão em inglês usada por Joseph para pontuar seu conceito da situação que expunha: sem saída.

— Tudo começou na metade deste milênio e por aí se foi. Ao longo desse período e, muito especialmente, a partir do século passado e, sobretudo, no que vivemos, pressionamos para, primeiro, integrarmos a sociedade europeia, ainda que na parte plantada em solo africano, nos nossos países.

Continuou: — Depois, independentes, forçamos para seguirmos nossos destinos, de forma soberana. Daí, passamos a ter

diversos tipos de sociedades africanas, para as quais, tenho de admitir, nossa antiga lei costumeira, não seria a melhor opção. É o fato consumado.

— Ao tempo em que servi em Uganda, passou a falar o embaixador, face à deixa de seu amigo, participei, de certa forma, do trabalho de pesquisa desenvolvido pelo meritíssimo juiz Ofori Ata, neto de nosso grande juriconsulto, acompanhando-o nas diversas visitas à instituições judiciais em Kampala, Entebe, Jinja e Ndale. Estivemos em Bunioro, Uganda ocidental, onde travamos contato com uma interessante experiência de arbitramento.

A conversa foi, neste instante, interrompida pela chegada de uma branca toalha de renda, com ricos e bem trabalhados desenhos.

O dono da casa não resistiu em, ainda outra vez, vendo a mesa ser coberta, elogiar o trabalho de rendeiras do Ceará, onde comprara a peça artesanal.

Sobre a toalha foram depositados pratos de porcelana, talheres de prata, copos de cristal, guardanapos de linho, num dos quais, por requinte de amizade, continha as letras KO, do nome Kojô, de nascimento, do amigo à sua frente, que abria, um tanto desajeitado, por seu tamanho, espaço para o trabalho dos serventes. O prato sendo servido era um tenríssimo grasscutter, o preá. Vendido à beira das estradas do país, constituiu-se numa verdadeira peça esquisita da cozinha ganêsa.

Aquele preá, posto à mesa, feito ensopado com algumas ervas especiais; com tomates, rodela de inhame, couve, cenoura e bastante pimenta, em sua tenrura, exalava um delicioso vapor que

subia da travessa e saía tentando olfatos próximos, como os dois amigos e, talvez, distantes, como os vizinhos.

Kojô reverenciando a atenção cravou seu garfo na carne, olhou com ternura para seu amigo Kwasí e desejou: Bon appetite!

O vinho era tinto, um Bordeaux, o que fez Joseph provocar Ormuzd, inquestionavelmente um conoseur, a respeito do primeiro registro conhecido do ingresso de vinhos da cidade de Bordeaux na Inglaterra.

— Teria sido em 1152, quando Eleanor de Aquitane foi desposada por Henrique II. Aliás é desse tempo, quando os vinhos eram exportados da França para a Inglaterra em barris, que teria surgido a expressão clarete, de claret em francês, como descrição de vinhos leves, nascidos da mistura de tintos com brancos. Ainda hoje, na Grã Bretanha, é comum referirem-se aos Bordeaux tintos como claretos, perorou Ormuzd, com fingido pedantismo.

O Médoc foi sendo ingerido com parcimônia, lubrificando o saborear do preá, e abrindo tempo para Ormuzd prosseguir com sua experiência em Uganda:

— As cortes oficiais de Bunioro eram formadas por Juízos do Protetorado, Juízos Africanos, dos chefes do condado e sub-condado. Dentro do definido como kyaró — comumente uma localidade despovoada ou uma pequena unidade territorial —, desenvolviam-se os trabalhos de arbitramento, chamados de rukurato rw'enzarwa, conselho de nativos; ou rukurato rw'abatahi, conselho de vizinhos.

Joseph viu algo iluminar-se em seu cérebro. Continuou quieto, enquanto Ormuzd prosseguia:

— Uma vez que os desentendimentos entre as partes tornavam-se de conhecimento público e qualquer chance de reconciliação desaparecesse, teriam de enfrentar a primitiva instituição judicial, e isso ocorria de duas formas.

— Na primeira, expôs o embaixador, havia a interferência de uma Corte Nativa, integrante do sistema judicial existente. Essa era aplicada às ofensas graves, como homicídios, lesões corporais, feitiçaria etc.

— A outra, aduziu, menos formal, para casos mais leves, assegurava à parte ofendida poder apresentar seu caso, seguindo-se uma discussão informal.

— Encerrada essa fase — podia ser chamada como de instrução — dava-se, desde logo, o julgamento, ao fim do qual saía também a sentença. O rukurato condenava a parte derrotada a trazer cerveja e carne. Consumiam, entretanto, a pena, tanto os membros da corte quanto os litigantes. Em ato contínuo, os querelantes deveriam ajoelharem-se e agradecerem ao rukurato pela decisão.

Quieto e absorto, até então, na narrativa do amigo, o advogado — ao mesmo tempo em que via aparecer na sua mente a imagem alegre, agitada, saudável, cheia de vida de Efuá — apanhou a deixa para falar, complementando a experiência vivida em Uganda pelo amigo Kwasí, naquele tempo, jovem secretário de legação:

— Pois, lá como aqui, existe uma filosofia atrás da decisão do rukurato, de impor, como condenação, a oferta de carne e cerveja, bem como a formal ingestão da pena pelos membros do rukurato e querelantes: a de que, apesar do erro do réu, a

comunidade não o exclui de seu seio.

— Não há, vê só Kwasí, no comportamento da corte, como representante da vontade das gentes, o desejo de punir o ofensor. Ao contrário, o objetivo maior é, ao compor os conflitos que se instauram entre os membros do corpo social, reintegrar, plenamente, o demandado à comunidade.

Na sala, a eletrônica trazia de volta à África, de onde partiram seus antigos, Dizzy Gillespie, Roy Eldridge, Harry "Sweets" Edison, Clark Terry, Washington Rucker, Charles E. Norris, Jimmy Robins, e Connie C. Crayton, com seus instrumentos, amparando a voz afro-americana de Joe Turner, que cantava: 'T'Aint Nobody's Biziness If I Do.

O RENASCER

Foi muito difícil para Sandra, coquete, alegre e agradável garçõnete negra do restaurante da parte térrea, no Mercado Modelo, em Salvador, apesar de sua profissão, entender que aquele homem simpático e muito bonito, de dentes alvíssimos, perfeitos, ostensivamente exibindo saúde, à mostra quando sorria, não iria se dar mal com a pimenta. Adicionou-a, em grande quantidade, primeiramente, aos bolinhos de acarajé. Aliás, ele ouvia, com freqüência nas ruas de Gana, akará, em referência aos bolinhos que comia, então, no mercado baiano. Despejou mais pimenta, depois, sobre o vatapá que, com extremo prazer, ingeria.

— Ele vai morrer! ria Sandra, entre divertida e apreensiva.

E foi incompreensível, da mesma maneira, para a velha Bernardina, respeitada mãe de santo, nos arredores de Salvador,

encontrar um africano puro, como aqueles de quem sua avó e sua mãe tanto falavam, incapaz de com ela comunicar-se. E, mais grave, não conhecer, mesmo com a ajuda do intérprete, suas sagradas divindades. " Ele n' é da África mesma, num pode ser", resmungou Mãe Bernardina, após esgotadas todas as tentativas de obter esclarecimentos, a partir de fonte original, a respeito de Iemanjá, Xangô, Oxóssi e, mesmo, Ogum!

Joseph, desarmara Sandra. Não apenas pediu fosse o vatapá quente, face informação de amigos, ser este o tipo de preparo que incluída muita pimenta, mas, ainda, negociou com a jovem a escolha da pimenta mais forte disponível no restaurante.

Ele não se fazia passar por um exibicionista ou um super-homem. Ingerir pimenta forte e em grande quantidade fazia parte da rotina de sua vida, desde tenra idade. Era assim com ele e com a esmagadora maioria de seus compatriotas. A pimenta o fazia suar muito, mas tinha dois antídotos bem à mão: um lenço com freqüência usado para secar a transpiração do rosto, e a cerveja brasileira, muito gelada, que parecia apagar o fogo interior.

O advogado, decididamente, cativara Sandra. A conversa não fluía espontânea, pela barreira do idioma. Paciente, entretanto, Paulo ia interpretando para um e outro o diálogo sobre o trivial da vida de Sandra — servir comida e bebida para seus próprios clientes, gente do dia a dia do Mercado Modelo da histórica Bahia; mas também para estrangeiros que ali chegavam, muitos dos quais, conta Jorge Amado em seus livros, aportaram para sempre.

Joseph convenceu Sandra, sem muito esforço, a realizar uma excursão pela cozinha, onde senhoras baianas moviam-se em azáfama permanente, em meio a fogões que amparavam imensas panelas, tudo em cima de um chão onde jazia a gordura decantada dos vapores, obrigando aos não iniciados, a um permanente esforço de equilíbrio. Foi, pois, com sincera emoção que Joseph, depois de

provado o vatapá, ouviu detalhada explicação da forma como aquele prato era feito.

Desta feita, o mercado era outro, o de Porto Alegre. Joseph Kojô notava sensível diferença entre o povo que se movimentava no seu Makola Market, de Acra; no Mercado Modelo, de Salvador e, no Mercado Público, de Porto Alegre. Nos dois primeiros os brancos eram a exceção. Ambos confundiam-se, em povos e produtos, como se a mesma coisa fossem, distantes, apenas, geograficamente. O último, mais do que outras vezes, naquela manhã de sábado, parecia, a partir de sua arquitetura, um mercado de Portugal, onde uns poucos africanos faziam compras. Bom, a bem da verdade, o Mercado Público da antiga Lourenço Marques, hoje Maputo, parece gêmeo do de Porto Alegre, só que, naturalmente, abriga gente e produtos iguais aos de Salvador e Acra.

Nos mercados africanos e baiano, bananas-da-terra, inhame, azeite-de-dendê, azeite de coco, são coisas comuns como carnes, no de Porto Alegre.

Assim, foi com certa dificuldade que o visitante africano conseguiu, nesse mercado, os ingredientes necessários para compor sua groundnuts soup, sopa de amendoins e o prato principal.

À noite, na cozinha da residência de Paulo, metido num avental, preparava, concentrado como se na iminência de perorar uma defesa, o segundo prato a ser servido — main course, diriam em casa. Eram os elementos, Sandra explicara, que compunham o vatapá do Mercado Modelo: pescada branca, camarões; camarões

secos descascados, torrados e passados na peneira. A mais, amendoim torrado, que sobrara da sopa que, naquele instante, ebulia a seu lado, no fogão; azeite-de-dendê, farinha de mandioca, fubá de milho e leite de coco.

Quase encerrada a experiência brasileira, depois de haver visitado parte de Salvador, Rio de Janeiro e Porto Alegre, sentado, na Casa do Embaixador, no avarandado à frente da quadra de esportes e tendo ao fundo, distante, o perfil dos edifícios de Brasília, Joseph sorvia sua cerveja brasileira predileta, tendo a seu lado direito Ormuzd. À esquerda, estava Joshua Walters, professor da Fisk University, de Nashville, Tennessee, e Case University, de Cleveland, Ohio. O anfitrião, Joshua e o advogado haviam trocado experiências ao longo de dois dias.

Cada um dos visitantes trouxera um presente para Ormuzd. Joshua, um álbum com dois discos contendo a versão de Ray Charles e Cleo Laine para a ópera negra *Porgy & Bess*. Somavam-se, agora, para imenso prazer do embaixador, a outras versões em sua discoteca da mesma obra de George Gershwin e DuBose Heyward: uma com Ella Fitzgerald e Louis Armstrong; outra com músicas do filme estrelado por Sidney Poitier, Dorothy Dandridge, Sammy Davis, Jr. e Pearl Bailey. Terceira, raridade de imenso valor para ele, uma gravação em acetato, de origem não identificável, interpretada pelo First Church of Deliverance Choir.

Joseph, ofertara-lhe um tapete rústico de lã de ovelha, comprado em Porto Alegre.

Oh, Bess, Oh, Were's my Bess, tocava, ao fundo, executado em piano elétrico por Ray Charles.

Joseph Kojô retornara de Porto Alegre numa sexta-feira e, chegando à Casa encontrara, como hóspede, o americano. Tornara-se, também ele, residente temporário, até domingo, quando retornaria ao Rio de Janeiro, na viagem para Dakar — torceria para ser, aquele, dia de escala de trabalho do piloto Kwâme Lartey, da Ghana Airways.

Descansando no avarandado da residência de Ormuzd, em Brasília, Joseph ruminava sua experiência religiosa gaúcha, a partir de visita que fez a uma Mãe de Santo. O rito iorubá, o obscuro de sua estada na Bahia, na visita em Porto Alegre à velha Bernardina tornara-se, então, de clareza meridiana.

Joseph foi levado a uma Casa de Nação, na Glória, bairro de Porto Alegre. Recebido por uma Mãe de Santo, esta uma veneranda e além centenária mulher, fê-lo sentar-se a seu lado. Com palavras simples — o intérprete manteve-as, igualmente simples, sem dar interpretações pessoais — disse coisas que, para sua surpresa, encaixavam-se, como peças de num mosaico fendido, ao trivial de sua vida na África. E, em especial, no universo do grande grupo étnico Akã, do qual fazia parte.

Mãe Tomázia não falou de Oxalá, ou das demais formas como esta importante divindade iorubá é conhecida: Oxulafã, Oxaguiã, Orixalá, Obatalá. Tampouco o fez de Olorum. Não se referiu a Xangô, seus raios e trovões. Nem de Exú, das encruzilhadas. Fez, ainda, por olvidar àquela a quem respeita tanto — Oiá-lansã.

Participavam do encontro, a mais, o intérprete e duas filhas da veneranda senhora, que esperavam ela aludisse, ao menos, à

tão cara Iemanjá, a quem dedicara grande parte de sua vida, no esforço permanente de honrar e fazer homenagear à doce Senhora das Águas.

Mas não. Omitiu Yeye omo ejá — a mãe que tem como filhos peixes —, a deusa do mar, o imenso tapete verde ondulante, caminho de vinda de sua avó, a respeitada Mae Ambilina. A grande vovó que experimentara o mais profundo sofrimento: a morte social, "ao ser despida de seus ancestrais, de sua família e de sua descendência, retirada de sua comunidade e cultura, desonrada simbólica e ritualmente", como definiu, com precisão, Alberto da Costa e Silva.

Sofreu, Mãe Ambilina, o que era seu destino espiar, ao vir para estas terras. Porém, não obstante a simplicidade de sua vida, ressuscitou, do esquife que foi o navio tumbeiro de seu transporte, e reconstruiu, magnificamente, cada um dos itens perdidos: formou sua família. Gerou uma prolífera descendência. Engajou-se à emergente comunidade dos escravos e, adiante, dos libertos. E espalhou sua cultura ancestral, hoje pilar maior da civilização brasileira, que ajudou a formar.

Mãe Tomázia, veículo de espíritos que incorporava, era senhora de conhecimentos que a tornaram respeitada por professores universitários, magistrados, políticos, jornalistas, homens ilustres, enfim, que não hesitaram, em momentos delicados de suas vidas, a prostrarem-se, na extensão de seus corpos, e na superação de preconceitos arraigados, no chão de seu humilde chalé de madeira, aguardando sua benfazeja proteção.

Ela mesma, muito jovem então, estivera com o príncipe

Custódio no Palácio do Governo — Borges de Medeiros era o governador —, fazendo um trabalho encomendado por aquele homem pequeno, doente, carente da religiosidade que o animismo lhe fora capaz de suprir.

— Filho — perguntou Mãe Tomázia, quase sussurrando —, na montanha o povo ainda cultivava suas ervas? E bem homenageiam nossos espíritos?

Foram duas frases de grande impacto. De imediato Joseph pensou nas colinas de Larteh e, muito especialmente, no sacrário de Akonedi.

— Yes, Granny, respondeu devagar. Fez um longo hiato entre sim e um grandemente reverencial Vozinha, para prosseguir:

— O povo está algo descrente, nestes dias — pausou e pensou ainda outra vez. Foi o trabalho dos brancos, aqueles que foram para lá tentando apagar nossa cultura, nossa fé... nossas coisas, Vozinha!

— Na montanha — acrescentou o africano —, como antes, recebem seus filhos, preservam suas ervas, distribuem bondade; curam os males do espírito. Combatem, curado o espírito, as mazelas do corpo. Sim, Vozinha, assim ainda ocorre.

Existe uma notável convivência entre a moderna medicina e a tradicional em meio aos achantís. É da mais remota tradição desse povo a certeza de que, antes de ser obtida cura dos males do corpo, faz-se mister deixar bem o espírito. Portanto, o achantí busca nos terreiros, por vezes, apenas resolver problemas espirituais, no que contará com a força do fetichista. Depois, sentir-se-á à vontade para buscar a solução de seu problema de saúde com um médico.

E este poderá receitar remédios de origem feiticista — ervas, poções, infusões etc.

— Esperávamos por você, filho Joseph, faz algum tempo. Queríamos saber de coisas que nos são queridas e das quais nada temos ouvido por gerações a fio. Gostaríamos muito, filho, de reverenciar, com você aqui, presente, Odomankoma e a Onyankopon.

Tomázia, em plural majestático, posto que falava por si mesma e pela entidade que incorporara, minutos antes da chegada a seu sacrário do visitante akã — referia-se ao Criador, Odomankoma, e seu ajudante, Onyankopom — arcanjo Gabriel dos cristãos? — da religiosidade achantí. E isto representou, sem dúvida, um momento de grande perplexidade e emoção para o visitante.

— Nossa avó Ambilina muitas vezes confundiu os nomes de Olorum e Odomankoma, em seus momentos de reverência ao Todo Poderoso. Mas, não tinha importância, honrávamos uma mesma e superior entidade, a que criara os nagôs e os asantes.

A Mãe de Santo era, ela própria, fruto da notável mistura de que resultara a cultura religiosa brasileira: sua avó, Ambilina, negra mina, seguramente, passara através do umbral da estrada sem volta, no forte de São Jorge da Mina. Tinha por origem a nação Achantí.

Sua mãe, todavia, filha de Ambilina, sofrera irresistível formação iorubá, dos terreiros que foi freqüentando, sob inspiração do pai, ele um crente dos deuses de Ifé. Tomázia guardara, todavia, na memória recôndita, as coisas que comunicava a seu visitante

especial, e que se vinculavam à sua velha e veneranda Si'an Bilina. Não foram poucas as vezes em que, ainda noviça e adiante uma iniciada, Tomázia usou palavras que confundiam seus mestres, ou discípulos. Não eram populares comandos e invocações em iorubá, comuns pelo Brasil afora, especialmente na Bahia, os que ela, vez por outra, empregava. Clamava por nomes que eram incompreensíveis para todos, que creditavam a coisas de espíritos desconhecidos. Joseph, àquele tempo, por certo os teria identificado.

A pergunta seguinte feita por Tomázia referia-se ao chefe religioso dos gãs, o feiticista Nai Wolomo. Vinha-lhe à mente velho hábito daquele povo de, no festival anual, sair pelas ruas da cidade a depositar, nos pontos de cruzamento, comida para os avoengos, especialmente àquela preparada com um pó amarelo, resultante do emprego da farinha de milho.

Sucedee apenas que, num truque da memória, esta não era uma história achantí, de sua origem, mas dos gãs, nação que se estabeleceu onde hoje é a capital de Gana. Fonte, também, de confusão antiga que fazia ao contar que seu povo migrara de longe, cruzando rios e florestas, em direção ao mar, marchando como formigas, produzindo no andar um ruído como nkra, nkra, nkra, donde teria surgido o nome da cidade que hoje é capital do país, Acra.

Joseph não fez questão de consertar a história da velhinha. Não era importante alterar a lenda; mudar seu imaginário, por uma realidade — considerou de forma lógica o advogado — irrelevante nesta quadra de sua longa e fecunda vida.

Fez bem o causídico, tanto mais que a matriarca Ambilina ouvira, à exaustão, histórias dos povos da costa, como os gãs, e passou-as aos descendentes, chegando naturalmente corrompidas, mais de um século passado, até Tomázia.

Ainda outra vez a velhinha indagou:

— Os homens brancos, filho, proibiram, como no Brasil, o cumprimento de nossos deveres?

— Sim, e essa medida deixou marcas profundas na gente.

Ele lembrou seu velho tio, importante pastor batista, ao qual, na irreverência incontida de seus 17 anos, certa feita perguntara:

— Se é pecado a libação, por que tio, durante o tempo que estive em sua casa, e foram dois meses, o senhor antes de beber qualquer coisa sempre derrubava um pouco no chão?

Sem se perturbar, o pastor esclareceu:

— Moscas demais na sala; elas iriam cair em minha bebida.

E, na seqüência da resposta à Mãe Tomázia, Joseph apenas confirmou o que ela sabia, mesmo porque assim também ocorrera no Brasil:

— Era tradição entre os povos Krobo a festa do Diopo, na qual, desde tempos imemoriais, sempre reverenciaram o rito da puberdade. Era uma festa bonita e impregnada de conteúdo tradicional e espiritual.

Jospeh sentiu na expressão da velhinha que ela estava interessada em ouvir a história enunciada. Prosseguiu, pois:

— Ao surgirem os primeiros sinais de que as meninas

ingressavam na adolescência, eram enviadas para o mato, onde recebiam os ensinamentos relativos à gestação e maternidade. Lá permaneciam por um período de nove meses. Seu retorno à comunidade dava-se num ato grandioso, com muita comida e música, ao som de canções tradicionais Klama. O evento, no seu conjunto, ocorria segundo mandamento de sua deusa, chamada Kloweki. Os primeiros missionários, desde logo, opuseram-se ao festival considerando-o como idólatra. O governador inglês acatou a sugestão dos missionários que, por ignorância de nossas tradições, não aceitavam um ritual digno e puro, pois tinha como objetivo único preparar as jovens para a maternidade. Nossos avós, todavia, não se deram por vencidos e, ao invés do Diopo, inventaram o Bobum — o Festival da Vestimenta, o que agradou aos europeus e, em verdade, encobriu, mas não abafou, com as vestes da simulação, ao tradicional Diopo e sua deusa Kloweki.

Mãe Tomázia suspirou e complementou o dito por Joseph:

— Rezamos muito, filho, por Nossa Senhora dos Navegantes, por São Jorge, São João Batista e outros!

O pensamento ficou como que perdido. Joseph viria a entendê-lo, algum tempo depois, ao rememorar cada fragmento daquela visita.

— Ainda, acrescentou o advogado, nosso país sofreu uma maior incidência dos colonialistas nas regiões da costa e centro. Aquela, porque ali estavam seus castelos, seu comércio. A outra, central, onde situava-se o poderoso Império Achantí, com seu ouro. Porém, muito ao norte, onde existem certas tribos que ficaram pouco contaminadas com o explorador, como a nação Dagomba, a prática

de nossos ritos animistas não padeceu do estigma imposto nas outras regiões. Mesmo que muitos deles tenham-se tornado muçulmanos, fanáticos comumente.

Mãe Tomázia, num certo momento, deu a entender que quase tudo havia sido dito, sugerido ou intuído. Seu visitante entendeu a mensagem e, num impulso, quase acrobático, moveu-se da cadeira onde estava, ao lado da velhinha, postando-se à sua frente, de joelhos. Ela colocou, então, sua mão descarnada por sobre a cabeça do advogado. Benzeu-o e endereçou-lhe um pedido:

— Vai, filho. Que os espíritos te iluminem como até agora. Vai filho, teu caminho é de luz, porque fazes o bem. Estás num processo de grande progresso espiritual, todos os espíritos que te acompanham — e são todos luminosos — se orgulham de ti. Vai Joseph, e faz apenas uma coisa; faz uma obrigação por nós em Akonedi...

Da visita restaram, ainda, umas poucas amabilidades, trocas de olhares e gestos. Mãe Tomázia ficou onde estava, contemplando o negro alto, forte e elegante afastar-se para sempre. Vovó iria, algum tempo depois, juntar-se a seus antepassados em Asamando.

A CHACRINHA

Joshua, Ph.D, havia visitado extensivamente os países africanos que se constituíram em fontes de abastecimento de escravos, especialmente para os Estados Unidos e Índias Ocidentais. Estivera algumas vezes em Gana, na Libéria, Serra Leoa, Gâmbia, e Senegal, onde se detivera por muito tempo em visitas à ilha de Gorée, o mais famoso entreposto de escravos do norte da África, de igual importância ao castelo de São Jorge da Mina, em Gana, chamado de castelo Elmina.

Nos seus quarenta e cinco anos de idade, Joshua havia participado, de forma intensa, em muitos dos movimentos que levaram, nos anos 60, às grandes vitórias da cidadania negra nos Estados Unidos, e disto se orgulhava. Assim como da mesma forma envaidecia-se de haver sido aluno da Universidade Howard, de Washington, capital, e tornando-se adiante professor de Fisk, no Tennessee, ambas contemporâneas, fundadas no pós libertação dos escravos, em torno a 1867. Conhecera o advogado, apelidado de Mr. Direitos Civis, Thurgood Marshal, primeiro negro integrante da Suprema Corte de seu país. Assistira palestras de William Leo Hansberry, seguramente o maior conhecedor de História Negra antiga, intransigente defensor de um passado glorioso africano; de John Hope Franklin, um dos mais importantes historiadores americanos, especializado em História Negra da atualidade, desde a chegada dos escravos; de Ralph Bunche, primeiro negro americano embaixador junto à ONU. Lera todos os

livros de E. W. Du Bois e com o velho comentara muitos deles.

— Menino, nos meus 18 anos, sonhei estudar em sua Universidade.

Isto foi dito por Paulo, dirigindo-se a Joshua.

— E por que não foi?

— Porque havia uma diferença imensa entre desejar, naquele tempo, e poder realizar.

— E que diferença?

— A linha da pobreza.

— Hum...Joshua indicou não entender à afirmativa de Paulo.

— Éramos, eu e minha família — além da esmagadora maioria de meus parentes e amigos — muito pobres. Estávamos no início dos anos 50, pouco menos de 70 anos da libertação dos escravos e, alguns anos depois, quando me formei na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, era, em toda a minha família, desde a chegada de um escravo perdido que deu início à linhagem brasileira, o primeiro a receber um diploma de curso superior. E em minha turma, no ato solene de diplomação, dentre 100 bacharéis em Ciências Jurídicas e Sociais, eu era o único negro. Pelo menos como se define negro no Brasil.

— Vocês não têm ou tiveram Universidades negras no Brasil, por que?

— Boa pergunta. Disse Paulo, para sorrindo acrescentar: É porque não temos preconceitos, nem discriminação aqui. Alguém disse, nalgum lugar, que no Brasil o negro não é discriminado porque sabe qual é seu lugar!

Sorriu, para acrescentar:

— Falando sério, creio que o nível de desenvolvimento do País responde sua pergunta. Tínhamos e temos, ainda hoje, na relação população/estudantes, poucas universidades. Que eu saiba, não tivemos instituições religiosas que estimularam os negros a organizarem-se como empresários, como fez o seu Booker T. Washington. Não se registram casos de negros que herdaram grandes propriedades no pós escravatura e que investiram esses recursos em fundações de ensino. A nossa principal igreja, a Católica, não teve a atuação da Batista, Evangélica e Metodista dentre os negros de seu País.

— É verdade, o panorama é diferente no seu todo. Até os anos 60 deste século, quando emergiu a lei dos Direitos Civis, que fez integrar, também, os institutos de ensino exclusivos para negros, tínhamos 117 colégios de ensino superior e universidades, somente para negros.

— Não temos hoje, no Brasil, 117 universidades!

— Vocês são ricos há muito tempo — interferiu Josias, um carioca, pintor, amigo também do embaixador. — E o Estado próspero não teve como excluir todos os negros dos frutos da riqueza nacional. Pequenos grupos, atuantes em várias áreas da sociedade, ascenderam econômica e socialmente.

— Assim foi, concordou Joshua.

— Desta forma, insistiu Josias, o seu Sul, apesar de agrícola e atrasado, não que agricultura seja necessariamente sinônimo de atraso, era gerador de produtos primários, para o Norte industrializado e desenvolvido.

— Mesmo assim, interveio Joseph, o pobre Sul despejou grandes vultos no cenário anti-segregacionista. E, dentre eles, tenho um carinho muito especial, porque advogado como eu, pelo juiz da Suprema Corte, Mr. Thurgood Marshal.

— Este homem foi fundamental para o tudo que representa a cidadania americana em nossos dias. Sua obra, essencial para o negro americano, transcendeu a esta minoria para beneficiar todas as demais, como hispânicos, índios e outros — enfatizou Joshua, dando apoio ao pensamento de Joseph.

— O Norte, grande polo de transformação, com um parque industrial em expansão, aumentava sua demanda de mão de obra. Esta passava a beneficiar-se de um sindicalismo cada vez mais forte. Os haveres, pois, formadores dessa riqueza, incidiam sobre todos os norte-americanos, wasps, imigrantes e negros, no Sul, menos que no Norte. Não é isto, Josh? brincou Josias concluindo.

Eduardo, outro brasileiro, mineiro, funcionário da Emater, da mesma forma se intrometeu para dar seu aval a Josias:

— Com o desenvolvimento industrial do Sudeste do Brasil, após o governo de Juscelino Kubitschek, o contingente de brasileiros que experimentou desenvolvimento material e social foi grande. Não houve muita chance para discriminar, entre os beneficiários, negros, índios, brancos e outros nacionais, né? Mantida alguma proporcionalidade, naturalmente... Veja os grandes parques industriais do aço, as montadoras de automóveis e indústrias de apoio.

Josias fez espaço para dizer:

— Tempos difíceis, hein, Joshua, com a política de

enfrentamento, de repressão, ditada pelos brancos ao longo de todo este tempo. Ku Klux Klan, linchamentos, separação racial ostensiva por séculos sem fim. Líderes, como Luther King e Malcolm X, assassinados. Milhares de homens do povo vivendo permanente regime de terror, que se transferia de uma geração para outra.

— Linchamentos, foi uma fase vergonhosa de nossa pátria. Em fins do século passado e início deste linchavam-se aos milhares. Pessoas eram brutalmente assassinadas por coisas fúteis, como olhar para uma mulher branca; divergir quanto a qualquer coisa estúpida, como a propriedade de um porco.

— No Kentucky, recordou Joshua, em torno a 1911, registrou-se o linchamento de um negro no teatro local. Por uma das absurdas imputações em voga ele foi transformado, vivo, em parte do cenário. Os espectadores puderam levar suas armas e, dependendo do que pagaram, alvejaram uma ou mais vezes o infeliz.

— Brutal! Exclamou o advogado africano.

Condoído, Eduardo arrematou: — Em louvor seja dito, entretanto, que, apesar das baixas, não faltaram novos líderes para desafiar o estabelecido.

— Papel notável, porque impessoal, teve ao longo dos anos, a NAACP, com a expressão gente de cor de outrora e tudo mais.

— Associação Nacional para Avanço dos Morenos, dizer-se-ia aqui. Mofou Eduardo.

— A propósito — instigou Josias, o carioca —, você acha que a morte de Luther King foi uma reação ao sucesso obtido com

a legislação dos Direitos Civis?

— Creio que sim. Respondeu o americano.

— Acredito que não. Fulminou Eduardo, o mineiro da Emater.

— Por que? Surpreso, indagou Joshua.

— Se você ler com atenção os discursos que antecederam ao assassinato de Luther King e, em especial, aquele proferido ao receber o prêmio Nobel da Paz — Sonhos de Brilhantes Amanhãs —, poderá pensar que seu inimigo deixara de ser a injustiça contra o negro. Passaria, desde então, a ser a toda poderosa máquina de guerra de seu país.

— Como assim? Interpelou Joshua.

Eduardo prosseguiu, como se não houvesse ouvido o aparte.

— Recordo ele haver dito algo como " Em Oslo eu sugeri que a filosofia e estratégia da não-violência viesse a se tornar, imediatamente, sujeito de estudo e de experimentação séria em cada campo dos conflitos humanos, inclusive na relação entre as nações". King teria insistido, nesse pensamento, dizendo ainda: " A paz mundial, através da não violência, não é absurda, nem inatingível".

Joshua nem teve tempo de concordar ou discordar. Afinal, ninguém estava reunido para defender qualquer tese. Trocavam idéias, em volta a copos de uísque, cerveja, guaraná etc. Assim, amenidades era o que convinha.

Paulo aproveitou a deixa para perguntar a Joshua:

— Malcolm X entendia que os negros haviam conseguido

direitos civis, mas não direitos humanos. E mais, que o foro para obtenção destes desbordava às fronteiras norte-americanas, situando-se na ONU.

— Não posso concordar — objetou Joshua —, mesmo porque, caso Malcolm ainda fosse vivo estaria, podem crer, pensando de outra forma. Teria seguramente mudado, assim como ele alterou algumas vezes sua rota: escroque, presidiário, crente, líder e contestador religioso.

Joshua deixou evidente que tinha mais a dizer e os outros, em silêncio, esperaram que prosseguisse:

— No contexto do que você pergunta, Paulo, se insere a afirmativa de Malcolm, de que o branco, insensível aos séculos em que o negro serviu de arrimo para o desenvolvimento econômico da América, fez com que continuássemos pedindo e implorando pelas coisas que, em contraposição, os imigrantes receberam de mão beijada, ao porem seus pés no Novo Mundo. Isto sim, foi uma verdade. Entretanto, faz tempo, imigrantes não mais chegam como outrora. Em oposição, os negros, como outras minorias, têm visto crescer, sempre mais, sua voz nos foros institucionais do país, sem que necessário se faça buscar apoio externo.

— Em meu Estado, levas de alemães e italianos, em especial, vinham com as áreas de assentamento garantidas, por sinal em tudo similares aos locais de onde migraram. Interveio Paulo. E perguntou:

— No século 18 vocês tinham já eleitos um senador e alguns poucos deputados negros. No fim da década de 1970 o Congresso abrigava um senador e mais de 10 deputados federais

negros. Prefeitos, juizes, delegados, vereadores, todos eleitos diretamente pelo povo, contavam-se aos milhares. Fruto, você acha, do esforço das lideranças negras?

— A resposta é complexa, me parece. Logo após abolida a escravidão conseguiu-se eleger, em 1870, Hiram R. Revels, como senador por Mississippi. Cinco anos depois, Blanche K. Bruce, no mesmo Estado. Num período que se pode medir a partir de 1869, um total de 16 congressistas foram enviados para Washington. Porém, este momento de fausto durou pouco, por um lado com a reorganização dos confederados, que, unidos no campo político, começaram a ganhar espaço. De outro lado, o Norte, que desempenhara o mais importante papel na Guerra de Secessão, passou a preocupar-se com expansão econômica, pois o esforço de guerra havia acabado. Apenas uma década após a morte de Lincoln, em 1865, o negro enfrentou extraordinária onda de rejeição, por toda a América. Em mais de uma manifestação de pensadores e da imprensa, àquele tempo, se constatou a assertiva de que os negros passaram a enfrentar uma onda de violência e de maus tratos, em muito pior do que ao tempo da escravatura.

— Tempos de linchamento, de que você falou antes?

— Isto mesmo.

Fez-se silêncio ainda outra vez e Joshua parecia falar para seus jovens alunos, lá na Fisk, no Tennessee:

— Vocês seguramente sabem: bastante antes da abolição, havia muitas escolas para negros espalhadas pelo País, especialmente no Sul, apesar do rigor. Savannah, na Georgia, em diversas cidades da Flórida, em Charleston, na Carolina do Sul... em

muitos lugares, especialmente pregadores protestantes, reuniam os escravos, com a permissão dos senhores, para ministrar-lhes ensino gratuito. O pós escravidão, assim, forjou um espectro de negros instruídos e religiosos muito grande. Como que investidos numa Missão, passaram a espalhar o ensino, com a formação de escolas primárias que cresceram e tornaram-se ginásios, alcançando, não poucos deles, o nível de ensino superior.

— Escolas fazem-se, também, com recursos, com dinheiro. Aonde foram eles buscar esses recursos, perguntou Paulo.

— O número de negros livres, antes do advento da guerra, era considerável. Os libertos, embora restrições que a legislação de alguns estados se lhes opuseram, foram capazes de, muitos, tornarem-se pessoas de respeito e ricas, na sua maioria com compromissos espontâneos morais para com suas comunidades, pois mesmo livres, viviam em zonas comuns. Freqüentavam a mesma igreja e compartilhavam um tipo similar de cidadania. Chegou-se, pois, Paulo, aos tempos modernos, com um número muito grande de negros, dentro de suas comunidades negras. Você não deve esquecer que éramos segregados, e tínhamos, assim, que investir nossos sucessos, ou partilhar nossas derrotas, dentre nós mesmos.

— Adquiriram e conservaram mesmo um sotaque peculiar, como nós os cariocas.

— Se você olhar, pois, para os dias do pós Direitos Civis, no fim dos anos 60 e início dos 70, deste século, compreenderá porque 117 escolas superiores negras, um senador, Edward W. Brooke, o Black Caucus, composto de mais de uma dezena de

deputados federais e, país afora, como você mesmo disse, servidores públicos sujeitos a eleição direta, como juízes, delegados, vereadores, prefeitos etc., contados aos milhares.

Joshua demonstrava evidente satisfação pela audiência compenetrada que tivera. Assim, arrematou:

— Creio, pois, haver respondido, ao menos em parte, sua pergunta. Mas, permitem-me, gostaria de acrescentar algo: você perguntou se a comunidade negra é responsável por todo esse sucesso. Sim, em grande extensão, mas existem exceções interessantes. Encontram-se pequenas comunas, onde somos uma inexpressiva minoria. À luz de padrões tidos como normais, seria impossível que as mesmas um dia viessem a ser administradas por negros. Entretanto, você chega nesses lugares e, surpreso, depara-se com um prefeito, um juiz de Direito, promotor público, diretor de escola, chefe dos bombeiros ou delegado de polícia, negros, eleitos democraticamente pelos brancos, maioria absoluta que são. Nesses casos, segundo uma avaliação muito pessoal minha, o que vale é o critério utilitarista: os negros são aptos para tais cargos, e num método elogiavelmente prático, os brancos põe qualquer sentimento de discriminação em plano inferior ao desejo maior de terem bem administradas suas pequenas cidades.

— Vejam quem chegou!

Advertiu alegremente o embaixador. Todos olharam e, como que movidos por molas, levantaram-se de seus assentos para apertar a mão, beijar uns, abraçar outros à Dione, envolta por sua irradiante beleza e cativante simpatia.

— Pode ser lugar comum, irmãos, advertiu Josias, o

carioca, mas depois da mulata Deus não fez nada de mais bonito!

— Mulata não — com fingido aborrecimento corrigiu Dione — negra, sim!

— Sorrisos permaneceram no ar enquanto ela dominava por inteiro a cena, metida num conjunto de blusa com estampas; saia, em linho, com pregas miúdas, que deixava à mostra, até os joelhos, suas bem torneadas pernas. A blusa, nas estampas, com tons que combinavam o bege da saia, e a cor de sua pele, postava, intencionalmente, à vista, parte considerável de generosos seios, no regaço dos quais uma figa-da-Guiné, em ouro, estava suspensa numa áurea corrente. Argolas do mesmo metal, pingentes em suas orelhas, na linha exata de seus carnudos lábios de carmim, que no instante, mostravam sua arcada dentária perfeita completavam a marcante figura. Ela deixou-os ainda de pé e seguiu adiante para o interior da Casa.

— Dione! Chamou Joseph.

Ela voltou-se para ouvir:

— John, de Gana, pediu para saudá-la em seu nome. Disse que ainda aguarda você em Acra.

— Diz-lhe que tão pronto Kwasí retorne para sua casa eu vou visitá-los, os dois.

— Em janeiro próximo, esclareceu Ormuzd. Daqui a seis meses, enfatizou o embaixador, sem esconder certa melancolia. Afinal, estava há cinco anos no Brasil. Fizera incontáveis amigos, especialmente entre artistas, músicos e intelectuais do Rio de Janeiro e Salvador. Via — embora o uso de mudar-se de tempos em tempos, o que vinha ocorrendo desde que ingressara na carreira

diplomática —, além do afastar-se do Brasil, a aposentadoria chegando.

Em alguns instantes, já todos novamente sentados, Dione retornou à varanda para chamar o diplomata. Seu semblante havia mudado. Parecia, algo de trágico ocorrera. Ormuzd compreendeu, no instante, haver qualquer coisa errada. Ergueu-se e foi em direção à Dione, que lhe adiantou:

— A BBC, de Londres, está anunciando um golpe-de-Estado em Gana.

Dirigiram-se para a ampla cozinha onde um de seus serventes ouvia com atenção a narrativa da derrubada, por um jovem oficial, um certo major Willy, de um governo constituído, eleito após outro período de ditadura.

O AVISO

— **E**u sei, Boateng, é difícil confiar neles mas...

— Historicamente, Alexander... historicamente eles não se mostraram confiáveis. Você sabe, eles sequer se integraram ao nosso território. São, decididamente, uns estrangeiros, uns estrangeiros! Falam uma língua que poucos fora de seu grupo étnico conseguem entender. São ressentidos com todos os demais, não apenas conosco, os fante, mas também como os achantís, os gãs, todos... todos... todos!

O Aviso

A conversa tinha como cenário a residência oficial do presidente da República. O primeiro a falar, Kwâme Alexander Atta, exercia a presidência de Gana.

Era cedo, 7 horas da manhã, quando o Professor Kwakú Boateng foi visitar Alexander Atta. Eram amigos desde tempos que não podiam sequer recordar. Nasceram na mesma localidade, Konendu, uma pequena vila na costa, próxima ao castelo São Jorge da Mina. Cresceram em intimidade com o mar, com as vilas de pequenos pescadores, de casas de adobe, cobertas com palha, esparramadas sob coqueiros que, de tempos imemoriais, sempre ali estiveram, ofertando-lhes suas propriedades intrínsecas, com o que faziam azeite e com ele a comida quente. O sabão para o banho e a lavagem das roupas. A palha para fios e a cobertura de suas moradas. Mas, sobretudo, para os meninos, o líquido gratuito de suas frutas e a aventura de olhar, bem de cima, sem ser um pássaro, as coisas à sua volta.

Tinham uma grande unidade de pensamento, pois não apenas falavam a mesma língua, fator relevante numa sociedade de heterogeneidade lingüística, mas haviam crescido dentro da mesma moldura de valores. Fantes, os dois, disto se orgulhavam. Amavam discorrer, durante horas a fio, a respeito do relacionamento de sua nação, a Fante, com as forças invasoras inglesas, nos séculos anteriores.

Debateram, a exaustão, em andanças sem fim, nas alamedas bem arborizadas de sua Universidade-internato, ou pelas brancas areias da praia, a importância e eficácia da Confederação Fante, o primeiro movimento em direção à independência da Costa

do Ouro, quase 100 anos antes desse acontecimento.

Não se envergonhavam de demonstrar, como exemplos vivos, a fama que os povos de sua etnia têm de serem bons vivants, amantes da vida e das coisas boas por ela oferecidas, mesmo as ensinadas pelos colonizadores ingleses.

Alexander, não importava a hora, empunhava o copo bojudado, com a mistura predileta: coca-cola com conhaque, como fazia naquele instante, cedinho, quando se viu interpelado pelo amigo.

Professor Boateng, com o vício de dar ênfase às suas idéias, repetindo alguma palavra ao final, como um eco do que achava mais significativo, prosseguiu:

— Você vai ter de fazer algo com relação esse moço. Ele vai criar-lhe sérios problemas. É questão de tempo, de tempo.

Alexander parou a meditar e, após breve hiato, foi dizendo, como que a ratificar a primeira frase da conversa daquele encontro:

— Sim, eu não acredito neles, muito menos nesse falastrão. Mas, você, como o pessoal da inteligência, estão dando importância demais ao que ele faz, agitando os moços lá nos quartéis.

— Não é mera agitação, meu bom Alexander. É complô. É complô! Quando você menos esperar terá uma grande surpresa. Que surpresa!

Copo, um, e xícara o outro nas mãos os dois senhores caminhavam por entre aléias de palmeiras, jardins extremamente bem cuidados, fartamente servidos de água, assegurando, na paisagem tórrida de Acra, um verdor semelhante ao encontrado nas

regiões de boas chuvas.

Às costas de ambos ficava a residência usada pelo presidente, um velho bangalô, antes morada do governador inglês, representante da Rainha da Inglaterra, na colônia da Costa do Ouro. Outrora as mesmas alamedas e a mesma casa haviam acolhido esnobes senhores e mulheres que ansiavam, dia e noite, ver o término de uma estada entediante num país úmido, quente e cheio de mosquitos transmissores da malária. *White man's grave*, diziam com horror, ao referirem-se ao local em que o estrago causado pela malária, tornava-o algo maldito.

Maldição, todavia, afastada pela ambição. Afinal, o túmulo dos brancos era, também, o maior depósito conhecido de ouro, na época.

Assim, nos jardins atualmente desfrutados por Alexander e seu amigo Boateng, outrora transitou o pessoal que fazia do mexerico o principal tema de sua rotina; que sonhou recriar, naquela paisagem, miniaturas de seu hábitat em Londres, como o Ghana Club, hoje em dia freqüentando por Ormuzd e seus parceiros.

Pois os jovens oficiais, nos cassinos de seus quartéis, também sonham, como os ingleses o fizeram, com o irreal: portadores, quase todos, de cursos no exterior, na Inglaterra, Estados Unidos, Canadá, Israel e União Soviética, voltavam para casa com soluções prontas e acabadas para tornar sua ex-colônia, de alguns dias atrás, em Estado tão organizado como aqueles onde estagiaram.

— Por que você não intervém no processo subversivo, Alexander. Estou sendo chato, repetitivo, mas tenho sérias

informações a respeito das atividades do pessoal fardado, desses quase recrutas. Kwâme, nosso piloto, é um antena a captar informações de todos os lados. O pessoal gosta de estar na cabine do DC-9, acham mesmo uma honra, disputam um convite para olhar o painel cheio de instrumentos. Há os que imploram por ficar no terceiro assento e participar, da cabine, na operação de pouso. Para agradar Kwâme, serem simpáticos, contam tudo... tudo! E Kwâme ouve histórias de deixar a gente intranquilo, sim senhor! Sim mesmo.

— Boateng, você sabe, estamos em pleno regime constitucional. Assumi o governo após muitos anos de ditadura. Depois de Nkrumah, Busia e do professor Edward Akufo-Addo, eu sou o primeiro presidente constitucional, eleito diretamente pelo povo. Não vou trair esta experiência de democracia.

Fez uma breve pausa e exortou:

— O mundo nos olha, Boateng, especialmente a América, a Inglaterra e nossos irmãos vizinhos.

E, magnificando sentimento patriótico, ajuntou:

— Você vai ver, a Nigéria e outros povos vizinhos, como no passado, copiarão Gana, seguirão nossos passos! Por tudo isto, meu irmão, não vou mandar prender sem culpa, apenas por indícios, este moço afoito.

— Ademais, prosseguiu o presidente, tenho muito, mas muito mais com que me preocupar. Não choveu na hora certa e o arroz está inflamando, como mato seco, nas plantações do norte. O roçar das espigas provoca pequenas faíscas e em seguida têm-se incêndios que não se podem apagar. Não há água, nem viaturas, nem nada. E, vão-se, desaparecem, viram cinzas, hectares de

plantações, significando sacos e mais sacos de arroz não colocados no mercado; não exportados para os países vizinhos. É pressão sobre nossa moeda, pelo déficit, decorrência da necessidade de importações cada vez mais caras.

Com uma pausa apenas para bebericar seu coquetel, o presidente prosseguiu:

— Nem mesmo em zonas mais bem abonadas em matéria de chuva ela tem-se mostrado. Resultado: — acrescentou com desânimo o presidente — o milho plantado em casa, no jardim, no quintal, em qualquer lugar, não chegou a ir além da floração. A barragem de Akosombo está num nível dos mais baixos dos últimos tempos. Não só pode faltar energia para alguns pontos do território, mas, também, estamos deixando de vendê-la, na quantidade contratada, para o Daomé. A mais, Boateng, o Brasil disputa ferozmente o mercado de cacau. Sentimos a pressão da América, de um lado, e do nosso vizinho, a Costa do Marfim, de outro. Estamos, assim, com dramáticos problemas na área de divisas, pela queda do preço internacional do cacau. Estas coisas todas vão mais além do que as agitações, eu diria, acadêmicas, desses jovens soldados.

— Com sua licença, Presidente.

A voz, suave e polida, contrastava com o atarracado militar, elegantemente vestido, em traje de serviço — botinas de couro, fivelas e galões polidos à exaustão, calças frisadas com precisão, camisa sem um vinco qualquer, uma linha de condecorações por sobre o bolso esquerdo da camisa — com um casquete na cabeça. Este, dava ênfase às marcas tribais que

tornavam rude sua expressão facial. Viam-se profundas escarificações, tornadas cicatrizes a partirem da lateral de sua boca, em direção às orelhas, como um leque aberto. Haviam sido festivamente inoculadas, muitos anos atrás, quando de sua infância de menino dagomba, tribo do norte de Gana. Disto ele genuinamente se orgulhava.

Ali estava o general Allashan, o filho de um ilustre chefe guerreiro, que se tinha por descendente de Na Gbewa, fundador da nação Dagomba, algo em torno do século 14. Bastão de comando sob o braço esquerdo, o general Ignatius Allashan, chefe do Estado Maior das Forças Armadas, era uma espécie de ministro da Defesa. Sob suas ordens encontravam-se os comandantes da Marinha, Exército e Aviação.

O general interrompeu a argumentação de seu chefe, mas, não obstante, aguardou uma ordem para informar do que se tratava.

Os dois haviam estudado na mesma escola de nível médio, a tradicional Achimota. Tinham igual idade e eram amigos, mas nada disto bastava para o general, fosse qual a circunstância, deixar de tratar com respeito cerimonial o Presidente.

De nações diferentes, eles falavam entre si em inglês. Nem o tempo todo em que experimentaram os mesmos sabores, e as mesmas vitórias na escola secundária, fora suficiente para um e outro aprender, com fluência, o vernáculo de cada um. A língua dagomba era impenetrável também para o professor. Allashan poderia falar twi, idioma básico de onde derivam, entre outras, o fante, do presidente, e achantí, do único e derradeiro rei, aceito como tal, no país Gana. Optaram, pois, para o resto de suas vidas,

por dialogar em inglês, fazendo cada um com sotaque diferente, mas, ambos com correção raramente encontrada, por exemplo, nas ruas e residências de Londres, impregnadas de cockney.

À vontade para tocar em qualquer assunto à frente do professor, o general viu no semblante aberto do Chefe a permissão para falar:

— Excelência, é um complô e está bem mais enraizado do que se supunha até poucos dias atrás. Os jovens oficiais respeitam seu líder. Radicais, parece não ver nos mais velhos, meios de resolver a questão dos baixos salários, dificuldade de moradia, compra de carros próprios...

— ... valores incrustados no agir de nossa sociedade, coisa milenar, parece se esboroar... se desmanchar! Disse, interrompendo Allashan, embora falasse mais para si mesmo, o preocupado professor.

Suave e polido, mas inquestionavelmente com cada frase representando uma posição de comando, Allashan prosseguiu:

— Sim, Professor, nada mais arraigado em nossas vidas, desde tempos perdidos, que o respeito aos mais velhos. Pilar dos mais sólidos e, até hoje, intocável, é a total submissão à chefia. Os conselhos de anciões Excelência, sem que tivéssemos qualquer tipo de constituição formal, ou leis escritas, como as trazidas pelos europeus, regeram milenarmente as relações interpessoais, por todas os Estados. Mesmo nações como às dos bosquímanos, nuer, íbos e kikuyos, sociedades definidas como acéfalas, espalhadas pela mãe África inteira, viveram à sombra da chefia dos mais velhos.

— Talvez fosse o caso, Presidente, de ser facilitado a

determinado grupo de jovens oficiais, digamos, até o nível de major, algumas das coisas que eles mais anseiam por conseguir. Isto mesmo, mais desejam conseguir!

— Como? Exemplifica, Boateng. Retrucou o presidente.

— Volkswagens, ou pequenos Fiats. O Banco Social faria a importação e revenderia aos oficiais. Eles os pagariam em prestações mensais. Isto uma coisa. A outra, o lançamento, com o apoio do Banco da Habitação, de um programa para construção de casas próprias...próprias!

— Estas coisas, seguramente, diminuirão o vapor a fazer pressão dentro dos quartéis, disse com resignação Allashan. Mas, o âmago da questão não será atingido. Poderão até adiar suas ações. Alguns colegas de Estado Maior conjecturam, nos nossos freqüentes encontros, que algo de novo emerge entre a oficialidade jovem. É como se estivesse havendo uma ruptura do sistema, infectado por valores externos, que se vêm sedimentando há muito tempo. Realmente, dizem alguns, o fenômeno agravou-se com a independência. Enquanto a sociedade conviveu compulsoriamente com o elemento estranho e foi poderosamente contaminada por ele, os efeitos foram praticamente ignorados.

Os três senhores iam e vinham ao longo das alamedas do jardim presidencial. O general Allashan era ouvido com grande atenção:

— Séculos passaram-se de promiscuidade entre valores absolutamente diferentes. E, mais intimidade tinham os europeus com nossa sociedade, mais faziam valer seus princípios, os quais recebíamos sem qualquer alternativa de reação. Independentes,

senhores de nosso destino, podemos dizer, bruscamente, e de certa forma natural, analisam meus companheiros, a primeira geração após a autodeterminação já vai tornando claro o emergir de certa insubordinação a nossos valores africanos. Da mesma forma que revelam a ponta do terrível iceberg, que é a disputa tribal, que desembocou, no passado pré-colonial, nas incontáveis guerras entre nações.

O silêncio do presidente e do professor era quebrado, mas apenas ao fundo, pelo canto dos pássaros. Allashan sentia-se bem, pois não era interrompido:

— Tivemos inculcados, nesses séculos de convívio, geração após geração, coisas antagônicas e, porque não dizer, atraentes, especialmente, para os mais jovens. Somou-se a mais a constatação pessoal do lado bom do Senhor. A colonial route de grande sucesso entre todos nós, de Serra Leoa até a Nigéria, com aviões partindo todos os dias para Londres, é um exemplo de poderoso elemento na comparação diária de nossos mundos. Aqui tem-se escassez permanente: inexistem peças para os automóveis, tratores, barcos de pesca, moto-serras e muito mais. Faltam sabão, creme dental, desodorantes e sabonetes. Não se encontra, comumente, nosso amado corned-beef. Ou o gim Beefeater. Pois, todos sabem que, pouco mais de cinco horas adiante, num jato da Ghana Airways, onde se paga a passagem com moeda fraca, todas aquelas maravilhas se fazem disponíveis.

Com sensibilidade de político experimentado, homem ligado ao povo, onde buscara, por anos de atividade comunitária, o apoio que o conduzira a condição de presidente da República,

Alexander ponderou:

— A esmagadora maioria da população nunca chegou perto de um avião, os vê, e acha-os bonitos ou intrigantes, lá longe, pequeninos, deixando uma longa fumaça em seu rastro no céu. Portanto, rota colonial, ou carne salgada em conserva não representam nada. Preocupam-se com o preço do arroz, dos óleos vegetais, do cacau e da sua indispensável farinha de trigo, para fabricação do pão nosso de cada dia.

A simples menção ao pão trouxe-lhe, não apenas o gostoso cheiro dele saindo quente; mas, especificamente, do forno em que sua avó produzia-os, em Konendu, e, com fingida raiva, espantava-o e a Alexander, que queriam surrupiar pedaços do pão. Viu na sua imaginação os montículos de barro que consumiam carvão e que entregavam às famílias o alimento sagrado.

Afastou a doce recordação e prosseguiu:

— Este é meu drama, pois sei das necessidades de meu povo. O que ele, como maioria nacional, aspira. Sei, como administrador responsável, imensas são as barreiras que tenho de transpor para poder assegurar-lhes isto. E não adianta dizer-lhes que parte do dinheiro economizado à duras penas, tem de pagar a dívida externa, porque vão perguntar-me por que pagar? E não entenderão quando disser que alguém antes de mim já ousou inadimplir, e vocês, especialmente vocês, elite do meu país, sabem que preço pagamos. Qual foi o troco recebido da comunidade internacional: faltou petróleo. Nossos navios foram arrestados no exterior. Nossas operações de comércio internacional, enfim, foram sufocadas. Ficamos qual leprosos do mundo econômico.

Alexander, que acordara bem disposto, sentia-se agora,

não obstante, cansado:

— Assim, irmãos, primeiro: não posso sufocar o que vocês chamam de complô, porque o regime é democrático, e para prenderem-se pessoas há todo um caminho legal a ser cumprido. Segundo: não vou prometer maravilhas para soldados e paisanos, porque sei, minhas promessas serão desmentidas logo adiante.

Alexander Atta, o Presidente, olhou exausto para seus amigos e, apertando em despedida a mão de Boateng, ao mesmo tempo que puxando Allashan pelo braço direito, encerrou a matinada:

— E ele pode, as duas coisas!

A CONSPIRAÇÃO

Desta feita não havia jardins floridos, tampouco

o mais respeitado dentre os presentes tinha nas mãos ou perto dele, qualquer copo de bebida alcoólica. Aqui e ali, sim, jovens oficiais, distraidamente, bebericavam água de coco, do interior da fruta cortada pouco antes por meninos que, prazerosamente, subiam em coqueiros de onde arremessavam os cocos, uns para os outros, e os serviam, fendidos por um facão quase maior do que seus braços, aos participantes daquela reunião, recebendo uns trocados em pagamento.

Ermo era o local onde ocorria o encontro. Haviam chegado, em pequenos grupos, nos jipes de suas unidades, ou

automóveis próprios, após terem deixado a estrada principal a ligar as cidades portuária de Tema, Sekondi e Takoradi. Passada esta última, a vila de Apowa, muito próximo de Konendu, onde nasceu Alexander, o Presidente, um pequeno contingente de oficiais da aviação da Base Militar ali sediada formou, como os demais da Marinha e do Exército, o encontro. Um dos muitos ocorridos, assim, ou, simplesmente, com meias-palavras, nos cassinos, alojamentos e nas vilas de oficiais.

Os presentes, todos jovens, tinham idades chegando ao máximo de trinta anos. Aquele a quem respeitavam, incontestavelmente, o líder, o velho, tinha a provecta idade de trinta e cinco anos. Eram tempos de uma música popular que sugeria não se acreditar em quem tivesse mais de trinta anos. Não obstante, aquele coroa, de 35 anos, merecia todo o respeito e reverência dos jovens.

Fizera por conquistá-la. Era oficial do Exército. Da arma da Cavalaria Motorizada, comandara tanques de guerra, e, nas manobras, especialmente àquelas que com alguma frequência envolviam forças dos Estados Unidos, Nigéria e Inglaterra, mostrara-se sempre um exemplo para os seus subordinados, mesmo, na eventualidade, os de tropas estrangeiras.

Contando com o componente da ousadia, do destemor, alguns até diriam, do pouco amor à vida, envolvia-se em operações que, especialmente em terras de tradição oral, o transformavam em lenda viva. Em muitos cantos do País, para onde, também no hábito da terra, todos voltam com muita assiduidade, para atender a funerais, nascimentos, casamentos etc., a lenda viva espalhava-se.

As histórias envolvendo o jovem herói corriam de boca em boca, e um diminutivo de seu nome logo se difundiu por todos os cantos.

Willy, o apelido carinhoso como o major William K. Taylor Obeng era chamado. Nascido na região da antiga Togolândia, colônia da Alemanha até a primeira Guerra Mundial, dentre outros atributos tinha o de falar sua língua, o ewe, inglês e alemão. Ingressara na Academia Militar do país por méritos próprios, pois fora, quando menino, estudioso e engenhoso, o bastante para desfrutar, então, como hoje, uma condição de líder entre seus pares.

Estivera em Israel, como cadete; cursara a Academia Superior na Alemanha. Chegara, cheio de lauréis, ao posto de major. Alguns de seus superiores do Estado Maior, coronéis e generais, faziam por ignorá-lo, mas mantinham sua figura permanentemente em suas conversas. Seus iguais e subalternos, todavia, tanto na Marinha quanto na Aeronáutica, o admiravam.

A reunião, sob os coqueiros de uma das muitas praias desertas da costa, contava, a mais, com um pequeno público de curiosos meninos que sequer entendiam a língua predominante na reunião: o inglês.

O jovem tenente Tay, empolgado, nos seus 21 anos, e aproveitando a efêmera igualdade entre hierarquicamente díspares, ensejada pelo ambiente conspirativo, falava naquele instante:

— Nosso país tem sido espoliado pela elite dominante. São velhos políticos que nada mais têm feito do que favorecer comerciantes, industriais e servidores públicos corruptos, numa troca de favores constantes. A base social, os mais humildes, a classe média onde estamos, tem sofrido, e eles se mostram,

sempre, insensíveis.

— Eles têm sido de uma incompetência fantástica, prosseguiu. Eles não conseguem estimular a agricultura, apesar dos auxílios que vêm, especialmente do Canadá. Eles não construíram mais escolas e hospitais, após o tempo de Nkrumah. As minas de ouro e diamantes vão perdendo a produtividade e seus equipamentos nunca são repostos. O aeroporto Kotoká transformou-se na porta aberta para os libaneses e outros kalabule — ele sublinhou a expressão iorubá, transformada em bordão, por toda a costa oeste da África, do Senegal aos Camarões, a significar o nosso vigarista — exaurirem nossas riquezas, sem que nada seja feito. O cacau cruza a fronteira em direção à Costa do Marfim, fazendo com que, sem que aumentem a área plantada, ano a ano exportem mais cacau. A Black Star Line, nossa histórica linha de navegação, foi tomada de assalto por uma verdadeira gangue que é capaz de fazer sumir carregamentos inteiros de um navio.

O discurso de Tay, na acusação direta, enfática e repetitiva a eles, os velhos, constituía-se, apenas, em combustível, a se esgotar logo em seguida, para esquentar a panela de pressão, onde se continha o verdadeiro conjunto de razões a empurrar aqueles jovens oficiais, especialmente os dos postos mais altos, ao complô. Ao golpe-de-Estado. Não eram, apenas, as mazelas, como as arroladas por Tay, que amarguravam, praticamente, a todos os cidadãos, o elemento desecadeador da tentativa de romper com a ordem institucional.

Sem aplausos de fundo, as últimas palavras de Tay foram sufocadas pelo ruído das ondas, alí adiante.

Uma breve pausa trouxe outra voz e e outra postura para os jovens conspiradores presente:

— Temos entre nós, e os respeitamos profundamente, irmãos de outras nações que, como os ewes são responsáveis pela herança cultural que é o repositório, a essência, de nosso Estado mãe. E cada um dos irmãos achantís, fantes, gãs, dagombas aqui presentes, sabe muito bem que, quando decidimos por embarcar neste projeto de salvação nacional, o fazíamos porque o Estado, a reunião organizada de todas as nossas nações, está em perigo. Deteriora-se com o passar dos dias.

Era Taylor Obeng, o líder, quem falava; e todos o escutavam em silêncio. O carisma fazia abrir o coração de cada um deles — como prefaciara com propriedade o orador — oriundos de nações antagônicas entre si, na tradição daqueles povos. Há menos de um século os achantís, muito poderosos, constantemente atacavam povos do interior e nações da costa, como os fantes, os ewes, os gãs e outros.

Paulo, ao longo dos anos, quando foi construindo a amizade que consolidou no país, convivendo com pessoas de nações diversas, em reuniões sociais, como as da Casa do Embaixador; no Ghana Club, nos funerais, enfim, na sociedade ganêsa — entendeu que a questão tribal constituía-se num foco subjacente de tensões. Um outro Willy, executivo do Banco de Ghana, um fante, alinhava para Paulo, com certa freqüência, histórias amargas, do passado e presente, com relação aos achantís.

Taylor Obeng continuava falando, sobrepondo sua voz ao

ruído das ondas que morriam, mansamente, na bela linha costeira à sua frente, logo adiante:

— Vamos encontrar uma saída de acordo com a vivência de cada um de nós, inspirada em padrões morais deixados pelo exemplo de nosso líder maior, Kwâme Nkrumah, para os dias de glória que nosso país terá de experimentar em breve. Não temos o direito de deixar para gerações futuras o trabalho que, o destino determina, tenhamos nós que executá-lo. Chega de ouvirmos falar de navios cheios de cacau que são desviados no meio do oceano, dando fantásticos prejuízos para o Estado. E vocês todos sabem muito bem: espertalhões, enquanto isto, depositam seus lucros em contas numeradas no exterior, ou constroem não apenas casas, mas bairros inteiros em Londres.

— Volto a insistir — prosseguia Taylor Obeng —, o fulcro da questão é a unidade tribal. Não podemos agir, senão como uma entidade supra nacional. Temos de respeitar os valores do Reino de Achantí, assim como o legado histórico da nação Fante. Nós, os ewes, como sempre, somos sentinelas em defesa da unidade de nosso Estado. Não poderemos jamais olvidar a importância de nossos irmãos do Norte, de terras que se amalgamam com o histórico Império de Ghana que, seguramente, originou o que se busca consolidar como Estado ganense.

Willy não era aplaudido, embora muitas das frases de efeito que usara, sensibilizaram os jovens atentos, seus liderados. Seus olhos é que luziam, no referendar este ou aquele enfoque. E na imposição de seu ponto de vista, afirmava:

— Há um limite para tudo. Eu, você — apontou para um

jovem qualquer, bem à sua frente — vocês todos.

Olhou, como se focasse cada um de seus irmãos de sedição, acrescentando: — Nascemos e crescemos sabendo que devemos respeito aos chefes, aos mais velhos. Nossos superiores hierárquicos, os seus comandantes civis, dos ministérios e o Presidente, todos são como que integrantes de um Conselho de Anciões. Porém, meus camaradas, vamos por acaso assistir impassíveis aos velhos, que sabemos estão agindo mal, que sabemos estão esclerosados, que sabemos, aceitaram ser corrompidos — que eles continuem a levar nosso jovem Estado para um fundo poço de desesperança?

Nova pausa, e Taylor Obeng prosseguiu:

— Sinto, sou-lhes sincero como sempre, que estaremos rompendo com uma das mais belas e antigas tradições de nossa mãe África: o respeito aos mais velhos. Mas, eles fizeram por merecer. Vocês vão arrostar, logo adiante, homens que se acostumaram a respeitar e, cegamente, atender seus comandos. Pois terão de se reprogramar, porque darão voz de comando a almirantes, a generais, a brigadeiros. Algo incomodou, bem lá no fundo, Taylor Obeng. Qualquer coisa que o fazia sentir que amanhã poderia ser o seu dia de enfrentar jovens, outros jovens, corrompidos. Mas isto foi algo que ele não discerniu no momento. Prosseguiu com um leve amargor, que ninguém chegou a notar:

— Vocês atirarão em seus subordinados imediatos, guardiões de seus gabinetes. Terão de matar coronéis, contra-almirantes, e outras pessoas que vocês pensaram serem deuses

intocáveis. Será uma ruptura dramática, e sem retorno, com instituições milenares. Nossos pais e irmãos, nossos melhores amigos, aqueles que sorriem conosco nos casamentos e nascimentos; que choram nos funerais; todos eles, no calor dos eventos que se desencadearão — eles mesmos, que bem nos conhecem, tenderão a execrar-nos, porque não estarão preparados, como estamos, para romper o status quo. Para aceitar o desafio que o destino jogou em cima de nossos ombros.

William Taylor Obeng olhou longe, muito além de seus liderados, na direção do Sol que se punha, na margem oeste, sobre o Atlântico, para dizer aquilo que um dia, adiante, a gente do Gana iria conferir:

— Sim, faz-se necessário a quebra de valores maiores de nossa cultura. Que se tenha em mente, pois, sem um instante de hesitação, tratar-se de um momento transitório. Que não se deva repetir, que não se torne regra. Que façamos, sim, com os olhos voltados para a indispensável igualdade de todas as nações, sem superioridade de nenhuma em especial, das que formam nosso glorioso Estado.

— Vocês, como em nossa história, serão os esumegyahenes e os ejisuhenes dos exércitos ancestrais. Liderarão as operações, conforme as instruções que irão receber. Vamos instaurar uma nova ordem no país.

COMO ANTES

A rotina da Casa pouco mudara, quase seis meses depois da cena em Brasília, quando Dione e Ormuzd ouviram com apreensão notícias de outro golpe-de-Estado em Gana.

Os amigos continuavam indo e vindo nos fins de tarde. O Ghana Club prosseguia acolhendo despreocupados tomadores de cerveja, de uísque com soda e gelo, de gim; de jogadores de sinuca e carteados. Havia tempo para uma boa piada. Nos primeiros tempos do pós golpe houve uma quebra da rotina, com o desagradável, nasty, sublinhariam, toque de recolher. Obrigavam-se a fechar o Club às cinco da tarde, para dar tempo a que todos estivessem em casa antes das 6 horas, quando ninguém mais podia, sem arranjar uma imensa dor de cabeça, transitar pelas ruas. O encontro na Casa passou a ocorrer apenas aos sábados.

Mas, algumas semanas após, senhores da situação, os novos e jovens governantes, levantaram o toque, e as coisas começaram a voltar ao lugar de sempre.

Num dos modorrentos entardeceres de Acra, a Casa recebeu a visita pouco freqüente de mister Garba, homônimo de famoso general do Norte, este a encarnação, todos diziam, de guerreiros legendários das lutas contra os almorávidas, em tempos já distantes. Aquele, todavia, era, tanto um polido professor do Alcorão, quanto bancário, nos cinco dias da semana. Como o famoso general, também nascera nas bordas do deserto do Saara, em Buipe, cidade vizinha a outra pouco mais notável, Tamalê.

O pequeno povoado Buipe, rico em depósitos nunca

explorados de pedra calcária fora, outrora, nos tempos do Império Asante, caravanzará importante na rota dos comerciantes de ouro e da noz-de-cola. Buipe, terra natal de Muhammed Garba, fica hoje em meio a duas das mais conhecidas reservas de animais selvagens do país, os parques nacionais de Mole e Bui.

Ali vivem em liberdade, nos extensos territórios transformados nominalmente em parques para efeito de uma inexistente proteção, elefantes, girafas, gazelas, veados, leões, rinocerontes, hipopótamos, zebras e um sem fim de outros animais da savana africana.

A televisão, naquele tempo, era algo que poucos davam importância. Com imagens em preto e branco, ia ao ar durante algumas horas do entardecer e noite. Viam-se peças teatrais, longos noticiosos, com raras imagens do dia, cheios, entretanto, de repetitivos atos oficiais. As reportagens externas faziam-nas com proibitivos filmes virgens, de celulose, importados.

Um pouco poucas residências começavam a ostentar máquinas de videocassete. Contudo, as histórias, nas rodas de amigos, um hábito das famílias, repetiam-se, sempre, com a atenção de todos, na busca, parecia, de um detalhe qualquer que houvesse ficado omissa na última narrativa.

Muhammed estava sentado, não se importando com as bebidas alcoólicas ingeridas pelos amigos à sua volta. Ele era um muçulmano sincero, dos que atendiam, mesmo na agitação da vida citadina de seu emprego de bancário, aos mandamentos das preces diárias e, especialmente, às das sextas-feiras. Visitava à mesquita de sua preferência em Acra e, ao menos uma vez por mês,

à de sua região, em Tamalê.

Não bebia álcool, assim como não ingeria carne de porco. Jejuava como prescreve o Alcorão durante o período do Ramadã. Em seu estilo elegante de ser, concordava, obviamente vexado, com a contra-argumentação crítica de alguns amigos, que traziam o mau exemplo de dignitários do norte da Nigéria, os quais jejuavam durante o dia, entre o nascer e o por do Sol, como determina mandamento religioso, e gastavam a noite inteira, no nono mês do ano islâmico, o período sagrado dos islamitas, com banquetes de arromba.

Como alguns de seus melhores amigos na cidade, seguidores de religiões cristãs — católicos, batistas, metodistas, anglicanos etc. —, também ele, um africano, estava enraizado na cultura islâmica, fazendo-o agir e pensar como se árabe fosse.

O contato entre o que se supõe seja a origem dos povos do Norte e os árabes deu-se com a derrota do Império de Ghana face aos almorávidas, nos primeiros anos deste milênio. Muito depois, no século 18, outra onda islâmica, esta liderada por um africano, Usuman dan Fodio, consolidou, parece, definitivamente, o muçulmanismo aonde estão, também, os dagomba, os hauçás, os fulani e outros povos hoje devotos do Islã.

Mas, também lá, entre os islamitas, a força telúrica do animismo não foi expurgada de sua vida familiar, da mesma forma que entre os cristãos. Sincretismo, assim, é uma palavra adequada a muitas situações rotineiras, no Bilad as-Sudan, a Terra dos Negros.

Paulo, é verdade, havia encontrado, na então

Guiné portuguesa, um marabuto católico e, sem qualquer dúvida, um poderoso animista.

Não foram, pois, poucas as vezes quando o assunto desbordou para aspectos religiosos da cultura nacional e, embora entre os presentes diversos fossem os credos, conseguiam convergir para certos pontos comuns a todos: o conhecimento generalizado de coisas díspares, as vezes antagônicas, aos credos cristãos e islâmico por eles professados.

Garba, sorriso contido, olhos cheios de vida, dentes de marfim, a contrastar sobremodo com sua pele escura azeitonada, metido num traje azul-marinho, camisa branca e gravata de tom escuro sóbrio, empunhava um copo cheio de uma bebida com tonalidade amarelada, levemente espumante: guaraná. O embaixador fizera questão de trazê-la consigo, em muitas caixas, como a pequena, em verdade grande, deferência àquele fiel amigo, incapaz de tomar bebidas alcoólicas.

O sabor doce e suave do guaraná, vindo da distante América, deu o mote para que o muslim, ainda outra vez, contasse a história de técnicos brasileiros — o engenheiro químico Pereira e o agrônomo Fagundes —, que se embrenharam na savana, em Buipe. O químico, a recolher amostras de pedra calcária para o projeto de uma fábrica de cal. Muhammed contava, com pequenos espasmos de riso, as desventuras deles e do outro brasileiro, Paulo.

Contou Garba que eles haviam viajado em automóvel, de Acra até Kumasi, cidade tradicional, sede do Reino Achantí. Esta parte do trajeto, informava o narrador, havia sido agradável. Os brasileiros, descontraídos, embevecidos com a paisagem da zona

da floresta úmida, pareciam colegiais a, desordenadamente, fazer perguntas a respeito de tudo o que viam e aquilo que associavam com leituras e filmes de suas vidas. Passaram pela estrada a exhibir árvores centenárias, de muitos os tipos.

Viram alguns animais selvagens, de elefantes, zebras e macaquinhos a gazelas e felinos. Pararam para, com mal escondido medo, beber água cristalina de nascentes em meio ao mato.

Descobriram seringais e conversaram com os homens que ferem as árvores e recolhem o látex.

Encontraram, para surpresa que disseram agradável, fazendas bem montadas — com geradores de eletricidade, rádios potentes, pequenas usinas de tratamento de água, lavouras complementares —, de ricos plantadores de cacau.

Conheceram o cacauero, plantado à sombra de árvores maiores e dele provaram o fruto.

Visitaram uma fazenda onde o proprietário empregou grande parte da amistosa conversa, falando a respeito do filho mais velho que havia se tornado diplomata e fora, mesmo, embaixador no Brasil, Yáw Turkson.

— A estada em Kumasi, sublinhou Garba, trouxera os primeiros sobressaltos. O embaixador e Joseph, que aboletado empunhava seu copo de cerveja gelada, e ficara prestando a atenção de sempre à história conhecida, eram por enquanto os dois únicos ouvintes de Garba, que prosseguiu:

— A reserva no hotel não fora honrada e tivemos, todos, de arranjar local para dormir, o que ocorreu na casa de um amigo do presidente do banco onde trabalho. Da temperatura agradável para

os brasileiros da zona da floresta, mergulhamos num daqueles dias terríveis de Kumasi, quando a cidade está sob o efeito do harmatão.

Garba foi contando que, na segunda parte da viagem, em direção ao norte, o estado da estrada era tão deplorável que, pouco após rodarem alguns quilômetros, todos estavam cansados.

A alegria da primeira etapa foi eclipsada pelas preocupações quanto à resistência do Peugeot; ao consumo de gasolina e a eventualidade de ficarmos parados, sem socorro, na incrivelmente deserta rodovia que se direciona à Tamalê e Bolgatanga.

As árvores de copas verdes e altas haviam sumido e cedido lugar a uma vegetação raquítica e esturricada. Parecia que, em quase toda parte, houvera incêndios. O terreno plano, sem elevações ou depressões, mostrava apenas um emaranhado de arbustos.

— Arrasados — descrevia —, quase sem trocarmos palavras, chegamos todos a Tamalê, minha pequena grande cidade, submergida numa aguda falta de combustíveis, mostrando, nos poucos postos de abastecimento, longas filas de veículos sem motoristas, estacionados há muitos dias. O óleo para a usina geradora de eletricidade havia chegado ao fim naquele dia. Iria faltar luz à noite. Não haveria bebida gelada e, reclamaria adiante o gerente do hotel, a comida conservada em congeladores estaria estragada pela manhã.

— Faltaria, naturalmente, ar condicionado nas cabanas que formavam, com suas coberturas de sapé, o conjunto hoteleiro. As janelas teriam de ser abertas para a entrada da brisa noturna, ela

e seus aliados alados, idéia que apavorava os estrangeiros, temerosos dos mosquitos.

— Estávamos tão cansados, mesmo eu, acostumado à rota Kumasi/Tamalê, que, soubemos no dia seguinte, todos dormimos a noite inteira.

— Acordamos para novos problemas, como a constatação de que a refeição matinal ficaria, apenas, numa xícara de chá preto, com alguns biscoitos duros, graças à falta de luz. Mas, enfrentamos a jornada até Buipe, uns 90 quilômetros, que exigiram praticamente toda a manhã para serem vencidos. Ali, quase no Saara, o vento Harmatão, carregando bilhões de partículas de areia quente, simplesmente tornava a vida dos brasileiros um calvário.

Garba bebericou sua guaraná, e continuou para seus amigos basbaques:

— A caminhonete Peugeot acolheria, em condições normais, dois passageiros no banco da frente e três no assento traseiro. Havia ali, naquele momento, sete pessoas, espremidas, a trafegar numa estrada com mais buracos do que pista, dentro da tórrida savana, cortada pelo vento abrasador. Tínhamos as alternativas de, ou fechar os vidros e suar à exaustão dentro da viatura. Ou abrí-los e sofrer o vento. Translúcido, esse carregava partículas invisíveis que, não obstante, qualquer um podia senti-las, quentes como pequenas brasas.

— Chegamos, por fim, a Buipe. Fomos adentrando a savana. O engenheiro químico brasileiro e nosso geólogo faziam seu trabalho, metódica e ordenadamente: recolhiam amostras e examinavam as pedras calcárias com instrumentos que

havam transportado. Tomavam medidas e produziam notas.

— Eu, mais atrás, sentia prazer em conversar com os outros dois brasileiros sobre os movimentos dos povos hauçás, no Brasil, ao tempo da escravidão. Suas atitudes, comportamento e rebeliões constantes. Dentre os hauçás — não somente pensei, como insinuei aos meus interlocutores —, sem sombra de dúvida, havia alguns de nós, os dagombas. Eles, da mesma forma, eram islâmicos, homens plenos, versados nas leis do Alcorão. Assim, não podiam tolerar a escravidão.

— A este respeito, disseram os brasileiros que vários documentos, escritos em árabe, foram encontrados em poder dos revoltosos. Tratavam-se de trechos importantes do Livro Santo, que eles sabiam de tanto orar e que os escreviam e os guardavam como peças sagradas de nossa fé.

— Reiteradas vezes — prosseguiu em sua história, sem que qualquer dos presentes tivesse desejo de interrompê-lo —, o Alcorão se refere à servidão, e faz perfeita distinção entre os homens livres e os escravos. No Sura 17, versículo 33, está escrito que Deus distribuiu entre os homens a sua subsistência na vida imediata e elevou alguns acima dos outros, conforme os graus, de modo que uns têm os outros em servidão. Ora, obtemperou o muslim, na sua grande maioria, os muçulmanos feitos escravos eram a resultante de guerras, tornados prisioneiros muitos, humilhados na derrota, mas incapazes de aceitarem uma nova vida, de servos. Havia aprendido desde a infância, na leitura do Livro, nas madrasas, que eram os outros, sublinhou o professor, na hierarquia de que nos fala, também, a Sura 6, versículo 165.

E recitou, o mestre do Alcorão:

— "Foi Ele quem fez de vós os últimos habitantes da terra. Ele elevou alguns dentre vós sobre outros, em hierarquia, para vos experimentar."

— Qualquer raça haveria de se orgulhar por lançar raízes em outras regiões distintas e, também, distantes da sua origem — foi dizendo o orgulhoso dagomba —, porém, pelo que os brasileiros disseram, pouco, muito pouco, ficou da herança dos escravos islâmicos. Eles quase não se misturaram. Preservaram em seu círculo os ensinamentos do Corão. Eram tidos como os de nível cultural mais alto. Assim, o orgulho se dá no sentido oposto: a tornarem-se infieis, preferiram desaparecer, pouco a pouco.

— Não vou esquecer jamais, deu ênfase, à citação que Paulo fez do escritor brasileiro Gilberto Freyre, assim: " Os fulas e hauçás muçulmanos teriam exercido grande influência sobre os demais negros que chegaram ao Brasil, tais como os iorubás e ewes. Poderiam ser considerados como os nobres, os aristocratas das senzalas. Vinham de reinos de Wurnu, Sokoto, Gandô, de organização política já adiantada; de literatura religiosa já definida — havendo obras indígenas escritas em caracteres arábicos; de arte forte, original, superior às anêmicas imitações portuguesas dos modelos mouriscos."

Muhammed Garba parou, como que explodindo em orgulho, para concluir o que sua memória guardara, com a mesma fidelidade com que retinha os ensinamentos do Alcorão. Recitou Freyre: " Semelhantes escravos não podiam conformar-se ao papel de manés-gostosos — que Paulo, após muita explicação, fez com

que Garba traduzisse e consagrasse o mané-gostoso, com o que ele entendeu semelhante, do inglês dos Estados Unidos: negro three bananas — dos portugueses; nem seria a água benta do batismo cristão que, de repente, neles apagaria o fogo maometano".

A cerveja era consumida com voracidade. Novos amigos haviam chegado, e trocado gestos e olhares de saudação com os demais, sem perturbar o narrador. Cuidavam todos, face à generosidade do anfitrião, de diminuir seu estoque de bebidas.

O místico Muhammed continuava, qual em suas classes de islamismo, a contar, pelo prazer de fazê-lo. Aliás, como procedera seu pai, por toda a vida, em duros tempos coloniais. Foi falando:

— Eu fiquei sobremodo impressionado com a narrativa de duas revoltas de escravos que ocorreram no Brasil, lideradas por hauçás, envolvendo, mesmo, membros de outras nações, e que evidenciavam um comportamento típico das guerras de nossas tribos, no atual norte de Gana e Nigéria. A mais, o cristianismo, que queriam impor à nossa gente é inimigo natural do Islã.

— O Alcorão diz: " Que seja declarada guerra aos não muçulmanos. Que se condene o judaísmo e o cristianismo. Que sejam combatidos os que não crêem em Deus, nem no Derradeiro Dia..."

Tossiu, então, um pouco envergonhado, como querendo dizer que há exceções; que não se deveria levar ao pé da letra aquele comando sagrado; e que jamais poderia odiar seus irmãos e amigos, execrado-os como infiéis. Seu pedido de perdão, entretanto, esgotou-se no semblante. Não o formalizou com

palavras. Seguiu, sim, com sua narrativa.

— Foi uma maravilhosa experiência — respirou fundo, mostrando ainda grande entusiasmo —, a conversa a respeito da rebelião dos hauçás, apelidados no Brasil de malês.

Alguém, dentre os que sabiam o epílogo da história, não se conteve e indagou-lhe sobre o que acontecera depois.

— Pouco, muito pouco. Havíamos andado por horas a fio dentro da savana. A caminhonete ficou distante enquanto, distraídos, seguíamos os passos dos técnicos. Estávamos, pois, voltando. A viatura jazia estacionada a uma distância de 500 metros quando Kwasí Opoku-Ari, o geólogo, homem acostumado ao trabalho de campo, conhecedor profundo do solo de praticamente todo o território do país, em tom casual, disse para todos ouvirem: "Tivemos sorte, hoje, não encontramos nenhuma leoa!".

A cena, riu o narrador como das outras vezes, foi surrealista: o engenheiro químico brasileiro olhou a todos e cada um com evidente pânico estampado na face. Gestos frenéticos irromperam de seu corpo instantaneamente. E, sem qualquer explicação, iniciou desabalada correria em direção ao abrigo seguro da Peugeot lá adiante. Não foi seguido, nem pelos companheiros de viagem, nem por qualquer animal...

As desventuras de Pereira, o químico, tiveram, na observação do geólogo nativo, apenas seu corolário, enfeixando dias de contida angústia. Homem tenso, permanentemente, Pereira aceitara e, mesmo, forçara para participar da viagem. Decidido que iria, cumpriu o ritual de vacinar-se contra o cólera, a febre amarela, o tifo e, ainda naquele tempo, a varíola. Colocou entre seus objetos

de conveniência um purificador de água Milton, inseticidas, alimentos enlatados — preparara-se, enfim, como nenhum dos outros, para uma tragédia. Ele era o único que se informara, e sabia, por isto, ser a região visitada ainda infectada pela mosca tsé-tsé. Pereira passara o tempo todo a espantar moscas reais e invisíveis, mas guardara para si mesmo o terror que lhe ia na alma. Aparentemente, salvo da mosca do sono, via-se na iminência, imaginou, de ser devorado por uma leoa. Por tal, a explosão de seu pânico.

PAGA A PROMESSA

Encerrava-se radioso o dia para o advogado Joseph Kojô. Conseguira realizar tanta coisa, o que o deixava feliz. Voltara bem cedo de Larteh. O Vauxal, modelo 1970, com quase uma década de bons serviços prestados a seu proprietário, havia se comportado, como sempre, galhardamente na descida da serra.

Retornava com a alma leve. Sentia-se tão bem que resolveu dar-se um recreio de quase uma hora. Foi, assim, caminhar nas alamedas do Jardim Botânico, cobertas de diversas variedades de árvores — formando túneis verdes —, algumas delas plantadas por figuras ilustres, como a Rainha Elizabeth, os líderes nacionais africanos Kwâme Nkrumah, Jomo Kenyatta, Julius Nyerere, Léopold Sédar Senghor, Félix Houphouët-Boigny, Sékou Touré, Kenneth Kaunda, e o primeiro-ministro Winston Churchill.

Enquanto o frescor das árvores, a umidade agradável do

ambiente, o cantar dos pássaros, faziam a moldura daquele momento de especial felicidade, o casual turista do jardim rejubilava-se por haver cumprido com a promessa feita, algum tempo atrás, a uma vizinha que visitara, lá longe, no Brasil.

Esta sua viagem à Larteh destinara-se, exclusivamente, a reencontrar o santuário de Akonedí. Lá chegou no fim da tarde da véspera do dia escolhido para reencontrar práticas e crenças imemoriais, que a pressão colonial não conseguira erradicar em seus antepassados, ao longo dos séculos de dominação imperialista.

Longe, subindo a colina, apesar do ruído do automóvel, Joseph ouvia os tambores distantes. Os moradores de Larteh e vizinhanças estavam sendo avisados que, no dia seguinte, haveria sessão de consultas e curas.

Hospedou-se na residência do respeitadíssimo pastor protestante, reverendo Alfree, homem que, além de levar a palavra de sua fé, fora, da mesma forma, admirado educador, ensinando, gratuitamente, por gerações, a milhares de meninos e meninas, as primeiras letras. O visitante aproveitava, da mesma forma, o ensejo para trazer notícias de seu amigo Richard Kofí, filho do religioso.

Não poderia chegar à pequena comunidade, na região das colinas, sem pagar respeito, visitando o velho sacerdote. Desta forma, conversou longamente com o ancião, aproveitando o tempo para contar detalhes da visita à Mãe Tomázia, no Brasil.

Ali o tempo fluía sem pressa e, portanto, não havia porque usar o relógio. Dessa forma, preguiçosamente, Joseph deixou o resto de dia escorrer

mansamente. Viu chegar a noite, ainda com o troar dos tambores, chamando o povo carente. Cedo desejou boa noite ao anfitrião, indo dormir no quarto vago do amigo Kofí.

Despertou, na manhã seguinte, com o som dos tambores novamente no ar.

Abriu a porta da casa do velho pastor e marchou, calmo como nasceu, mas resolutamente, em direção a seu objetivo. Cumprimentava solenemente, no deslocar-se, umas poucas pessoas nas ruas.

Sua imagem diferia, por completo, do cotidiano, na empresa de advocacia, onde era o sócio majoritário. Também mostrava-se dessemelhante de quando enfrentava a barra — peruca branca e beca preta —, na rotina de sua atividade de advogado militante. Saíra da casa de seu anfitrião vestindo um par de chinelos com apliques coloridos, sola grossa e saltos levemente altos. Envolvia seu corpo num longo manto de tecido de algodão, branco e azul, com centenas de motivos da arte fante: máscaras, símbolos da fertilidade, da veneração aos ancestrais e aos deuses de estado, amuletos de proteção contra mau olhado e feitiçaria em geral, e uma fileira de cruzeiros da Malta, fixando o sincretismo da peça — tudo trançado no tear doméstico da residência de seus velhos pais, em Winneba, a baía dos ventos, como um dia navegadores a chamaram.

O traje nacional fante, a envolver-lhe o corpo, deixava aparecer uma bermuda branca, e, também, um dos ombros, transmitindo à sua figura — de um homem com um metro e noventa centímetros de altura, pesando cerca de 85 quilos — a aparência de

um vitorioso lutador de boxe, o que, em verdade, não o era, nem nunca fora. Era, sim, um ser pacífico; inimigo de qualquer tipo de violência. Compunham, ainda, sua imagem, adereços de ouro, como uma corrente grossa, dezoito quilates, a repousar em seu pescoço. Uma pulseira, também de ouro, substituía seu relógio da cidade. Deixara em casa, dentre outros, um presente recebido de um chefe Paramount, que vira seu filho, acusado de homicídio, ser absolvido, graças a lendária defesa, sustentada no Tribunal Criminal de Kumasi, a capital do reino inimigo de seus antepassados, dos achantís: uma pesada pulseira, em ouro polido, com pequenos símbolos, os mesmos tecidos em sua vestimenta, tendo, a mais, pingente na parte anterior, uma pepita de ouro, em formação natural, pouco maior do que um ovo de codorna.

Foi quando, ao esbarrar com um estranho, ouviu um apressado pedido de desculpas:

— Perdão Mr. Nkansa-Boadi. Sinto muito!

Fixou seu olhar na pessoa em que colidira, e, em seguida, reconheceu nela Mr. Osafo.

Cumprimentaram-se cordialmente. Identificados no objetivo comum de visitarem o sacrário no cimo do morro, seguiram juntos. Juntos estiveram no relicário. Juntos saíram. E nesta união que se fez decidiram por um encontro, na tarde do dia seguinte, quando cumpririam um ritual que iria fazer muitas pessoas felizes.

Como previsto, o amanhecer, com os sons insistentes no ar, assinalava que os espíritos ancestrais seriam adequadamente invocados para benefício dos ainda na terra.

O advogado e Mr. Osafo entraram no conjunto de casas,

com um pátio circular, passando por uma porta que mostra, desde logo, um palanque a se abrir como um palco. Há uma parte coberta sob a qual têm a honra de abrigarem-se os anciões. E lá estavam eles, envoltos em seus trajes nativos, multicoloridos, quase todos com bastões e abanadores de moscas. Num lance de olho Joseph viu o cenário seu conhecido: adiante dos velhos, o sacrário. Entre o palanque e o sacrário postavam-se os músicos, um pequeno grupo de cinco tambores e três tocadores de trompas de chifres de elefantes. Um pouco mais adiante, na porta do templo, um músico, sentado no chão, retirava de seu tambor, repetidamente, a frase mere dane, dane, ou seja as coisas se transmudam.

Joseph e Osafo se haviam sentado, como os demais. Passou-se longo tempo sem nada fazerem, além de contemplar o ambiente. Ver as pessoas. Ouvir os sons.

Então, surgiu, vestindo uma longa túnica branca de algodão, the Priest, diriam Joseph e seus amigos educados. The medicine man, referir-se-iam outros dos ganêses ao feticista que irrompeu, sem qualquer adereço, miçangas, búzios, ou seja lá o que. Diferia, apenas, dos demais presentes, pela longa túnica branca e cabelos compridos, enroladinhos, mpesempese, que chegavam a cobrir a nuca. Rastafari, iriam os etíopes e afro-caribenhos chamá-los adiante.

Deslocando-se com energia, chegou aos poucos degraus que davam acesso ao sacrário, parando para entregar a um dos seus ajudantes a chave de seus aposentos, de onde havia vindo. Em troca recebeu do mesmo auxiliar um ovo de galinha. Ato contínuo, com energia, jogou longe as sandálias que vestia —

pondo-se em condições, como o fazem os islamitas, de adentrar o sacrário —, e arremessou o ovo contra a parte mais alta do templo. Este esborrachou-se e caiu de volta. O homem curvou-se para bem olhar a forma como a casca jazia no solo, após a queda. Estava na sua porção maior, virada para cima. Ele curvou-se, desta feita em reverência, agradecendo ao evento. Se a casca estivesse emborcada teria sido um mau presságio.

O fato bom, positivo, fez com que os tambores reiniciassem seu troar, desta feita invocando a divindade ybpspm, que viria, a seguir, assumir o corpo do curandeiro, possuindo-o.

O feticista havia desaparecido dentro do sacrário e uma cortina de algodão dera privacidade a ele e seus ajudantes.

O ribombar dos tambores, com o zunir das trompas, num crescendo, fez com que, ainda outra vez, o curandeiro entrasse em cena, desta feita possuído pela divindade. Estava ereto, braços cruzados, a cabeça agitando-se de um lado para o outro, com um vigor que fazia com que seus cabelos compridos parecessem chicotes. O rosto havia assumido a forma de uma máscara, com traços fortes e seus olhos como que vomitavam fogo. O ritmo dos tambores era frenético.

Nesse momento, um ajudante trouxe outro ovo ao feiticeiro, que ele esmagou em sua mão. Fantástico, pensou Joseph, o ruído do quebrar do ovo foi ouvido longe, onde ele estava, porque na fração de segundo anterior a isto, os tambores pararam, fazendo-se um silêncio sepulcral.

O curandeiro iria iniciar, então, a rotina daquele dia de trabalho. Atenderia pessoas da vila e de outras. Sua fama era tanta

que amiúde negros ricos norte-americanos também o visitavam. Todos em busca de cura para males do corpo; ou proteção para coisas ruins, como feitiçarias em geral. Apelavam por apoio contra dificuldades familiares ou no trabalho. O feiticeiro ouvia a todos e para cada um oferecia conforto, remédio ou conselhos. Após um certo tempo, uma hora aproximadamente, ele, exausto, recolhia-se por de trás da cortina e dormia. Durante o sono o espírito não mais o possuía. Acordado, novamente, era possuído e, prosseguia seu trabalho espiritual.

O curandeiro, por grande deferência ao advogado famoso, recebeu-o em primeiro lugar.

Joseph, cheio de respeito, ouviu sem surpresa o feiticeiro iniciar um longo solilóquio, elogiando-o por cumprir o prometido ao ancestral Mãe Tomázia, hoje reunida aos antigos em Asamando.

Pensava em todas essas coisas, enquanto seus olhos se embeveciam com um fantástico painel de orquídeas. Elas mostravam-se de todas as formas; em todas as nuances e, especialmente, em todos os lugares. Espalhavam-se por troncos de árvores, dependuravam-se nos galhos, pendiam, qual trepadeiras, em qualquer parte disponível dos imensos seres vegetais. Emaranhavam-se, as vezes, como renda vegetal, deixando passar pontiagudos raios de sol, que morriam fazendo do úmido piso de terra batida, diria Pires Vermelho, um chão de estrelas. E tinham as cores do arco-íris. Muitas, guardavam-nas em estufas, onde misturavam-se com variedades mil de espécies tropicais.

De terno completo, três peças — calça, paletó e colete — o advogado permitiu-se, apenas, tirar o casaco, enquanto

deambulava pelo paradisíaco Jardim Botânico de Gana, versão tropical, uns diriam, dos Kew Gardens, ingleses.

Depois do período de descanso, iniciou o resto da descida da colina, para chegar diretamente à sua empresa de advocacia, onde após apanhar alguns livros, começou a esboçar uma petição, endereçada ao meritíssimo juiz de Direito. Ali, inspirado na jurisprudência do Direito Costumey do País, encontrara o caso básico Kwasí versus Larbi, de 1953.

Ao chegar, especificamente, ao registro jurisprudencial contido na literatura disponível, dava-se o clímax de um longo processo mental. O bacharel estivera, no correr de muitas semanas, revivendo experiências, estudo e exercitando bom senso, tudo para resolver o problema de um pequeno cliente.

Ao contrário dos rumorosos e rentáveis casos que o tornaram um expoente dos tribunais em seu país, agora ele preocupava-se, e sentia-se feliz porque iria dar solução para o problema de sua amiga do ontem, em Winneba, a enérgica Efuá.

A mesma que fora doce e toda dedicação quando um dos seus inúmeros filhos quebrou o braço, numa traquinagem, e recebeu tratamento especial da enfermeira. O jovem Kofí, diga-se de passagem, detestava aquela senhora gorda, que não hesitara em impor sua vontade férrea durante o processo de recuperação do braço fraturado. Mas, respeitava-a, como regra ainda não partida — talvez ele não viesse a rompê-la nunca —, de respeitar os mais velhos.

O advogado parou de rabiscar o texto a ser a seguir datilografado, de forma impecável, por Charity. Correu o dedo em

cima de uma página do livro "Ensaio Sobre a Lei Africana", de Anthony Allot, onde é discutida, amplamente, a arbitragem e o limite temporal do exercício da faculdade de resilir por uma das partes envolvidas num contencioso, no ordenamento trazido pelo colonizador, e no costume nativo.

Examinou vários ângulos da questão, chegando à decisão tomada pelos julgadores, um grupo de onze juízes, anciões de Apapam. Seus olhos percorreram à página 125 do livro, parando na sentença dos 11 honoráveis. Foi lendo de forma audível, mas, realmente, para si: "Uma vez que está estabelecido que as partes deram seu consentimento em submeter a disputa aos Anciões sem que, de forma expressa, hajam feito qualquer reserva quanto ao direito de resilir; e considerando que não se pode aceitar como existente tal direito de resilir após a sentença ser conhecida, cabe aos apelantes provar aos julgadores que um direito diametralmente oposto ao conceito básico de arbitramento seja reconhecido pela lei consuetudinária nativa".

Leu o texto e avaliou, enquanto alisava seu cavanhaque:

— Sim, na sistemática jurídica européia jaz o instituto da resilição, determinando seja este exercido antes de a sentença ser conhecida. Assimilamos, em nossos ordenamentos, estas regras, e, na Corte de Acra, é o que vale.

— Entretanto — refletiu —, a existir no direito nativo a resilição, esta importaria uma *capitis diminutio* aos anciões julgadores.

E por que? Perguntou-se, para responder, em sua meditação:

— Posto que, mesmo antes do veredito ser conhecido,

uma das partes litigantes tomaria a si a decisão de julgar. Encerraria unilateralmente a marcha do processo de composição da lide, o que cabe por direito natural aos anciões julgadores, ou aos outros órgãos da sociedade, como os conselhos familiares.

A existência e eventual oportunidade do uso da resilição era o ponto central do caso *Kwasí versus Larbi*, envolvendo questões relativas à demarcação de terras — feito que encontrou solução, após transitar por várias instâncias, na Suprema Corte de Acra. Esta definiu, ao fim, estar a instituição Corte Nativa para exercer seu dever de, ao compor os conflitos irrompidos entre os membros do corpo social, reintegrá-los, plenamente, à comunidade. Não pode, pois, unilateralmente, qualquer das partes resilir porque abortaria a missão natural dos anciões.

Efuá, chamada ao escritório, estava sentada à frente de Joseph. Ele acarinhava seu cavanhaque e refletia sobre o pequeno incidente que o levaria ao Tribunal. Antegosava, da mesma forma, seu desdobramento.

Assim, em torno às 15 horas, petição nas mãos, apresentou-se para uma reunião com o juiz de Direito, acompanhado, de um lado, por Efuá, como sempre agitada e transpirando; de outro, Mr. Osafo. Em cima da mesa do julgador repousava um magro processo onde se lia, no meio da capa: *Osafo versus Efuá*.

No requerimento, baseado na inexistência de qualquer procedimento outro senão a denúncia, o advogado narrava o desejo do denunciante de ver encerrado o litígio.

O fato gerador realmente existira — a ré havia perturbado

o sossego e o bem-estar do autor —, mas entendiam que, poderiam, ambos, conviver sem que o pilar voltasse a se repetir. Mr. Osafo desistia, pois, tempestivamente, do processo.

O juiz aceitou de plano o pedido. Assim, aquele caso, do pilão em apartamento, morria sem que Efuá pagasse, de alguma forma, pela lesão ao direito de terceiros.

Ao menos no direito das Cortes, trazido pelo colonizador.

A sexta feira marchava para seu fim. O advogado saíra do Tribunal e, despedindo-se dos dois, gentilmente, como de seu estilo, lembrou: dia 18, domingo, então, em Adã.

A sexta feira mostrou para Joseph, ainda, Muhammed Garba, vestido como devoto do Islã, voltando da mesquita. Cruzaram-se, e este cumprimentou-o:

— Alah Akbar!

Teve como resposta a saudação cortez do advogado:

— Sim, é o maior...

O RUKURATO

Fernando, reclinado na cabine de primeira classe do jumbo intercontinental da Swissair, deglutia, com um pouco de água, um dos últimos comprimidos que estaria tomando, no processo de cura da bilharziose.

Sorriu tranqüilo, pensando no susto experimentado, algumas semanas antes, quando descobriu, em sua urina, a presença incômoda de alguns traços de sangue.

O alarme e a pesquisa médica haviam levado Fernando a uma constatação: não havia no Brasil o remédio capaz de curá-lo, pois a bilhárzia identificada, segundo o clínico, era de um tipo que não migrara da África para a América. E a medicação aqui à venda não seria eficaz contra àquela que o infectara.

Foram, assim, contatados dois amigos, um na Nigéria e outro em Gana. Em seguida, vôos da Lufthansa e Varig trouxeram amostras do remédio comum, à venda nas farmácias de Lagos e Acra.

No bilhete, acompanhado os comprimidos originários da Nigéria, havia a pergunta, de quem lidava com essas coisas. Indagava a bióloga Delhi: " Em que lago você andou nadando? "

Ao passarem por sua mente as palavras da pergunta de Delhi, gratificado, Fernando recordou a experiência vivida alguns meses atrás. Aquele fim de semana em Adã, onde assistira, junto com alguns eleitos, ao Juízo de Arbitramento, ou rukurato, como diriam em parte da África do leste, de Efuá e Osafo.

Adã, um lago com algumas casas à sua margem, se constitui

num recanto paradisíaco, onde um dos muitos amigos do embaixador tinha uma casa de verão, ou melhor, de descanso, porque o verão é permanente.

De várias dependências, seis dormitórios, salão de estar para receber mais de meia centena de visitantes com conforto, a residência tinha à frente imensos jardins rigorosamente bem cuidados.

Nos fundos, um trapiche servia de ancoradouro para lanchas velozes, ou trampolim para o desfrute de águas rasas, calmas e tépidas. O esqui aquático também era disponível, e vários foram os a se aventuraram, todos estrangeiros.

O que Fernando não sabia, nem os outros alienígenas, era ser aquele um viveiro do schistosomum, causador da esquistossomose, nesse caso da schistosomose hematobium. E, curioso: outros dois brasileiros participaram dos folguedos no lago Adã, tendo apenas Fernando contraído a doença. Dione, que também aproveitara as correrias aquáticas no esqui, jamais se referira, adiante, a qualquer problema com infecções.

Os donos da casa eram libaneses, dos muitos levantinos que, há gerações, permaneciam fazendo negócios por toda a África. Donos de pontos comerciais, como cinemas, magazines, distribuição e venda de artigos importados, via de regra esses negócios constituíam-se em fachada para o, efetivamente, rentável: câmbio negro, na troca do inflacionado dinheiro local, Cedi, por moedas fortes, hard currency, como repetiam a todo instante. O jogo no cassino dos hotéis. Ou, os mais arrojados, na exportação ilegal de ouro e diamantes.

Não se envolviam em atividades primárias, como agricultura ou pecuária. Assim que, em cada golpe-de-Estado, entre os primeiros a serem perseguidos e presos estavam os levantinos. Mas, logo após, caíam no esquecimento. A repressão voltava-se contra os prováveis subversivos, de fato oponentes do regime estabelecido. E, o câmbio negro entrava nos eixos, tudo como era dantes. Uns poucos ensaiavam os primeiros passos no setor de transformação, associando-se a africanos em incipientes empreendimentos industriais.

Diferentemente, um italiano era pioneiro na fabricação de móveis para exportação e cabos em madeira para armas de fogo. Este reinvestia seus lucros, sempre mais, na expansão de seus negócios naquela sua pátria de opção. Um espanhol envolvia-se em larga escala na indústria da da construção civil, também integrando-se ao mundo africano.

A promiscuidade entre alguns autóctones e os levantinos, e indianos, se dava num nível de interesses mútuos. Incapazes, os orientais, de participar da vida política do país, seu em verdade, embora apenas ali houvessem nascido os que as mães não tiveram chance de embarcar para a Europa do levante, e, lá, dar-lhes à luz — eram não obstante, parte legítima para aspirar fosse Gana administrado desta ou daquela maneira. Afinal, era onde estavam suas vidas e negócios. Contradiam-se, de regra — em muitos casos estavam no Continente por inúmeras gerações — ao considerarem-se, ainda, libaneses, turcos, gregos ou indianos, nunca africanos.

Paulo conheceria, adiante, no Quênia, um indiano,

nascido, ele como os antes dele, por linhagens em sua família, em Nairobi. Para entrar na Índia necessitava de visto, num passaporte de queniano. Falava hindu com um sotaque a torná-lo díspar de seus parentes que na Índia ficaram. Como os colonos pied noir da África Ocidental Francesa e da Argélia. Não poderia, o indiano, migrar, se desejasse, para seu onírico país. Assim, ou era um apátrida, ou era, simplesmente, um queniano; filho da terra onde nascera, e que ensejara oportunidades não experimentadas jamais pela esmagadora maioria dos negros. Bastava ver o palacete onde morava e as empresas de sua propriedade. Não obstante, considerava-se indiano. Um sikh, de turbante e tudo mais.

De outra parte, muitos nacionais tinham, à sombra do amigo levantino, chance de bons negócios; alguns pequenos favores: comprar coisas por preço menor; adquirir bens não disponíveis nas lojas, devido à crônicas crises de desabastecimento; fazer alguma remessa de fundos para um filho estudando no exterior, ou para uma futura viagem à Inglaterra. Recebiam em troca, um tipo de complemento da meia cidadania, o verem-se livres para executar seus projetos e planos, via testas-de-ferro, estes cidadãos plenos.

Não era, pois, algo inusitado, assistir-se, nas grandes mansões ajardinadas dos libaneses de Acra, Lagos, Nairobi ou outras metrópoles africanas, ao desfile, dos fins de tarde, de burocratas menores, do mundo político nacional.

Cumpriam um ritual de saudar o potentado ou seus filhos, serem servidos de alguma bebida e conversar assuntos de interesse comum.

As autoridades maiores não ficavam imunes a esses

atípicos concidadãos: mantinham abertas as portas de seus ministérios e repartições políticas para recebê-los, sem hora marcada. Davam, da mesma forma, destacada atenção ao acolhê-los, em recepções freqüentes, em suas casas.

A mansão de Afif estava preparada para uma grande festa. Osafo e Efuá teriam, seguida a tradição, composto o ingênuo litígio. Na Corte de Acra nada mais havia além dos autos de um processo findo por acordo das partes.

A sociedade nativa, assim como havia deixado em casa o terno e a gravata, vestira sua ancestralidade e iria — do jeito como foi feito por estirpes que antecederam àqueles julgadores — num juízo arbitral, trazer os litigantes de volta a seu seio. O ambiente escolhido, todavia, era insólito. Intrometer-se-iam no dissídio individual de Efuá e Osafo, e fariam com que, superada a dissensão, ambos, juntos, se reintegrassem, plena e francamente, à vida social.

Aquela forma de composição, hoje folclore entre os advogados do pós independência, podia ser encontrada, ainda, entre as tribos achantís mais interioranas, nas regiões da densa floresta, em Brong-Ahafo ou nos pequenos aglomerados do Norte quase saariano, entre Tamalê e Bolgatanga.

Com os olhos brilhantes de completo deslumbramento, Dione — a norte-americana de Haenderson, de cabeça feita há muito pelas pregações de líderes negros de sua terra, que a fizeram amar a África — mostrava-se, usando colorido turbante na cabeça; colares, brincos, pulseiras, tornozeleira e braceletes nativos em ouro, cobre, prata e muitas miçangas. Envolvia-se num longo tecido, que dava especial ênfase a seu escultural traseiro, de moderada esteatopigia, e bem cunhado busto: longe da África há sabe lá

quantas gerações, Dione, de sangue misto, tinha como quota majoritária, por certo, a herança genética africana.

O pano do vestido era o mesmo que gerara o traje típico de Akosya, agora, esposa do embaixador, e de outras oito senhoras presentes. A americana fazia por ignorar o fato de estar numa festa trajando vestido igual a outras nove mulheres. Ficara extremamente feliz, uma semana antes, quando foi convidada a participar do ritual de escolher o tecido na U.T.C., estabelecimento comercial inglês de origens em tempos quando escravos eram levados para as Américas. Dione desfrutou cada instante da operação vestido.

Foram à United Trading Company, três das senhoras, em situação diversa dos dias de glória da United, quando naquele local não entrariam: conduzidas num impecável Alfa Romeu, que Ormuzd levava do Brasil.

Depois, reuniram-se na casa do advogado, onde Abena, a esposa, coordenava um grupo de costureiras, que foi elaborando, pedaço por pedaço, o traje das nove mulheres. Ali, ao contrário de costume ocidental, é de bom tom as mulheres comprarem uma peça de tecido, e, juntas, com ele, confeccionarem o traje a ser usado num encontro social daquela natureza, festivo, ou num funeral.

Garba, nos dias úteis circunspecto gerente de banco, nos fins de semana possíveis e nas férias, um simples professor do Alcorão nas madrasas, escolas rústicas rurais do islamismo, era dos que mais impressionavam, naquele instante a Dione e aos demais, Paulo, Fernando, Josias e, também, Joshua, professor da Fisk, todos convidados do embaixador.

Vestia Muhammed Garba um longo cafetã branco, a

alcançar-lhe pouco abaixo dos joelhos, a partir dos quais aparecia um calça também branca, muito alva. A túnica mostrava uma gola em V, cujos pontos haviam sido, um a um, executados com fio de ouro, num conjunto de arabescos semelhantes aos da arte mourisca, encontrada nas mesquitas ou casas de gente de destaque, nas comunidades do norte de seu País. Na mesma peça de seu vestuário, os inúmeros pequenos furos da renda, numa verdadeira obra de arte, foram delicadamente guarnecidos com fina linha branca. Também, os brocados retratavam motivos religiosos árabes, ou do sincretismo árabe-africano. Embora dourado e vivo, enfeitado e alegre, o conjunto vestido por Garba naquele instante dava solene dignidade à sua figura longilínea de ébano. Na cabeça, usava um fez vermelho, como outro professor de Liceu, que Paulo havia encontrado em Dakar, anos atrás: Abou Mussa, maliense e islamita.

O embaixador, embora do litoral, originário do grupo fante, resolvera vestir-se, também, qual um nortista. Tinha, o diplomata, em seu guarda-roupas, vestimentas de praticamente cada uma das nações formadoras do Estado ganense. Participava de recepções oficiais, cada vez, com um traje nacional diferente. Sua indumentária, também de duas peças, era mais simples que a de Garba. E, na cabeça, usava apenas um gorro do mesmo tecido branco do conjunto, igualmente rendado. Mas, algo, seguramente subjetivo, fazia a roupa de Ormuzd diferente da outra. E este algo dividia opiniões: seus amigos africanos, se perguntados, diriam ser o traje do muçulmano mais bonito. Os estrangeiros, ao contrário, dariam preferência ao do embaixador. Este contaria, noutra

oportunidade, ter sido obra de um alfaiate parisiense, que se inspirara num desenho.

Willy, como Joseph, vieram trajando kentê, a vestimenta aceita como traje nacional. O kentê vem a se constituir numa forma de demonstração de poder e sucesso na vida. Os que o vestiam toranavam evidente serem homens importantes. E dependendo do desenho, indicava nobreza ou chefia.

Nenhum dos dois era nobre. Vinham de famílias comuns e souberam aproveitar a oportunidade de freqüentar boas escolas, dentro do espírito socialista do patriarca da independência, Kwâme Nkrumah, que distribuiu à farta bolsas de estudo. Instituiu escolas técnicas e universidades, todas em regime de internato, dando ensino, moradia, alimentação e lazer para os jovens ganenses. Como um CIEP, da experiência brasileira, acrescido de dormitório.

Entretanto, qualquer pessoa nas ruas e cidades de Gana saberia serem honoráveis, ao vê-los metidos em kentês como aqueles: metros de pano laboriosamente tecido, com uma profusão de símbolos, em pequenos traços que formavam desenhos, dos reinos fante e achantí, em tons e sobre tons, a partir do amarelo, colidindo com o alaranjado, sobrepondo-se ao azul e gerando novos tons. Calçavam sandálias em couro, esparramadas na planta dos pés, mais largas do que estes, e com uma presilha única, adentrando dois dedos, como os chinelos de praia. Cada qual tinha uma corrente pesada de ouro no pescoço e, o advogado, portava uma pulseira a segurar uma áurea pepita em formação natural, pouco maior que um ovo de codorna.

O kentê, apesar da grande quantidade de tecido que exige,

deixa à mostra um dos ombros e parte da bermuda usada por baixo. Dione não se fez de rogada e examinou, com olhos e mãos, o refinamento do traje dos dois amigos, e pensou: um longo pano multicolorido, como o sol passando através de um prisma.

Estavam todos, Ormuzd Kwasi, Joseph Kojô, Kofi Alfree, Eric Yáw, Muhammed Garba, Kojô Badu, Kwakú Boateng, Kwâme Lartey, Kwasi Apatu, Kwábena Afeli e John Kofi, sentados à grande mesa. Vestiam-se, sem exceção, com roupas nativas. Ninguém lembrava, de longe sequer, os executivos à européia do seu cotidiano.

O embaixador era, naquele instante, o Chefe. Nessa condição, parecia ignorar os estrangeiros presentes. Portava-se como se houvesse voltado no tempo. Como seu avô fizera, investiu-se, então, na condição de Odikro — o Julgador —, e informou que a grande família não estava feliz pelo distúrbio surgido entre dois irmãos. E mais, os idosos presentes, exercendo o poder a eles passado pelos ancestrais, iriam resolver a questão envolvendo Osafo e Efuá.

Iniciou falando o Odikro:

— Os fatos já são de amplo conhecimento de todos os presentes. Aqui, eu tenho como missão manter a essencial unidade do grupo, sua solidariedade e cooperação mútua, através da pacificação e reconciliação das partes. Não se vai, com a decisão a ser tomada ao fim, impor algo baseado rigidamente em conceitos legais — não, se busca é restaurar a harmonia. Seguiremos, assim, princípios de justiça e conveniência, emoldurados no que tem sido cristalizado pelo consueto.

— Por isto, pergunto se as partes, Osafo e Efuá, aqui presentes, aceitam o que soberanamente determinar este tribunal?

De pé, a um canto, ambos responderam sim, em voz alta, em twi.

Sem qualquer outra palavra ser acrescida, o advogado levantou-se e, após um pigarro, encarou o Odikro para informar que os fatos eram de todos conhecidos, e que o Julgador já havia esclarecido o objetivo da reunião. Portanto, como um dos membros do Conselho sugeria fosse o feito julgado de pronto. E assim ocorreu. Porém, cada um dos demais membros, como ele, teceu singelos comentários, contendo, invariavelmente, uma dualidade. Condenavam Efuá por não se adaptar aos tempos modernos e insistir em pilar no apartamento. Ao mesmo tempo, repreendiam Osafo por buscar solução policial, ao invés de tentar compor o litígio no aconselhamento com pessoas mais velhas, ou de destaque.

Houve dentre os julgadores quem salientasse que a nostálgica, mas engenhosa solução de materializar um antigo ritual nativo servia, a bem da verdade, como um grande momento de reencontro entre amigos e de reconhecimento do valor das coisas ancestrais. Porém, não iria fazer o tempo voltar atrás e tornar regra o que presentemente tinha sabor de folclore.

Boateng, o professor, enfatizando o final de suas frases, não perdeu o ensejo e emitiu seus conceitos:

— Osafo deveria, sem dúvida, aconselhar-se a qualquer dentre os veneráveis desta mesa, ou outros disponíveis.

Quem sabe fizesse uma viagem à Obuasi, discutisse com seus idosos. Seguramente uma solução teria sido encontrada para o pilar dinâmico de Efuá... Boateng antes de repetir em eco a palavra dinâmico, recordou, num segundo, massagem aplicada pela enfermeira, como que quebrando sua coluna vertebral. Mas a dor ciática desaparecera horas depois.

Todos eram egressos de diversas nações, componentes do painel que representa o país de Gana: Garba, um dagomba, Badu e Eric, eram ewes, Apatu e Alfree, akwapins, Joseph, John, Boateng e o embaixador, fantes, Larthey, o piloto, achantí e Afeli um gã. Todos entretanto, num momento de suas vidas, haviam tornando-se amigos. Formado um tipo de irmandade onde o relacionamento ocorreu por opção, convivência ou acaso, e que se mantinha sólida por decisão individual de assim o fazer.

Pois, esta irmandade e o sentimento nacional africano arraigado em cada um deles, foram os elementos subjacentes a condenar, na unanimidade, o ato de Osafo de levar o caso à polícia e conseqüentemente ao juízo legal, desprezando o arbitramento nativo. Não se tratava — houve consenso a este respeito —, na valorização de hoje, de um homicídio, um roubo ou um estupro; tampouco, na de ontem, de um ato de feitiçaria, comportamentos altamente reprováveis. Havia sido, o agir de Efuá, na tipologia legal, apenas uma contravenção. Um erro menor.

De joelhos, como manda a tradição, ao fim, Osafo e Efuá ouviram a imposição da penalidade, atingindo a ambos.

Em ato contínuo, ofertaram ao Odikro um volumoso

pedaço de carne cozida, de animal silvestre, e um copo grande de cerveja rural, o que Ormuzd Kwasí recebeu, com estudada medida. Removeu um pedaço da carne e iniciou por mastigá-la. Logo em seguida, tomou do copo e ingeriu um longo gole da cerveja.

Por encanto, pareceu, nos instantes seguintes, auxiliares iniciaram a servir cerveja e carne para todos os demais membros do Conselho Arbitral, seguidos, sempre, dos culpados, a simular o gesto de servir carne e cerveja a cada um dos demais.

Antes de encerrados os trabalhos o Odikro, em alto e bom som, arrematou:

— Não é meta deste Conselho impor uma sanção e punir, por punir, os litigantes. Tem-se por objetivo fazer os infratores reintegrarem-se, plenamente, à comunidade a que pertencem, e possam com ela colaborar para que atinja os objetivos maiores de uma vida ordeira e pacífica.

— Por isto, arrematou o Odikro, determino que os irmãos Efuá e Osafo comam de nossa carne e bebam de nossa cerveja, porque deles também é o alimento que nos trouxeram como forma de aceitação do poder maior da sociedade em que vivem.

De um canto do terreno, onde via-se um amplo abrigo circular, coberto com sapé, irromperam os acordes de uma afinada banda de metais — brass band, saudou já rebolando face a face com Dione, o advogado —, que executando o sempre presente high life Ewuraba Artificial, lançou a reunião de Adã ao seu devido lugar: um apoteótico encontro de grandes amigos, no melhor estilo africano.

CHOVIA

e era uma benção. Fazia semanas que todos

os dias benfazejas gotas caíam dos céus de Acra. Os inúmeros arbustos e flores do jardim da Casa do Embaixador, embora acostumados com irrigação permanente, pareciam mais belos, a gotejar pingos de chuva. No caminho, à frente e fundos das casas, podiam-se ver modestos milharais ganhando a aparência saudável de quem vai gerar espigas.

No Castelo, de onde administrava o jovem oficial chefe de Governo, o ar era de evidente alegria, pois relatos indicavam que o nível da barragem estava subindo e haveria mais energia elétrica. Colheitas de alguns grãos, cítricos e vegetais tornavam-se acalentada realidade. O inhamé sairia da terra com mais facilidade. A cassava, gerada qual os braços fortes dos homens que a plantam, asseguraria trabalho nas fabriquetas de gari, na produção da sempre presente farinha de mandioca. As pimentas, vermelhas, amarelas ou verdes; suas sementes, chamadas pelos ingleses de grãos do paraíso, estariam por todos os cantos. Os mercados, abastecidos, aliviariam as tensões.

Alexander, era, agora, um exilado político na Nigéria. Van Nielsen, o embaixador nesse País, britânicamente, diriam, arrumou condições decentes para seu ex-presidente. Aliás, a fama de imparcial do embaixador, permitiu-lhe um relacionamento cordial com o exilado, sem que os serviços de inteligência da embaixada o comprometessem perante o jovem Taylor Obeng.

Alexander teorizava, presentemente, quanto à uma hipotética volta ao poder. Ninguém, dentre seus amigos, até então, fora capaz de apontar-lhe os erros que cometera. Uma reverencial submissão causava o mesmo estrago ocorrido, quando estava no poder. Naqueles tempos, apenas uns poucos ousaram alertá-lo da catástrofe iminente. Boateng fora um, o general Allashan, outro. Se voltasse a governar, seguramente caminharia

por sobre os mesmos equívocos.

Allashan, de qualquer forma, não poderia mais transmitir-lhe qualquer conselho. Com dignidade inaudita, rejeitando ter os olhos vendados, o general dagomba exigiu encarar o pelotão que, também num dia de chuva miúda, estava por quebrar milenar lei do respeito ao mais velho, e ao superior, fuzilando-o. Desafiou-os todos, ao resistir um sem número de projéteis. O jovem tenente Tay, entretanto, deu-lhe o tiro final. Aquele que o transmudou de mortal em lenda. E abriu as portas do inferno psicológico para o jovem e arrogante oficial.

Sentado num avarandado, ao nível do solo, na parte dos fundos de um hotel, Richard Kofí Alfree — xícara de chá com leite à mão — olhava a chuva a cair mansamente, empapando plantações de chá preto: como um mar verde, a se perder no horizonte. Ao contrário de Acra, nesse sítio a chuva era um elemento constante, no seu ciclo anual. Também não havia, naquela parte do ano, qualquer indício da generalizada imagem de calor equatorial da África. As pessoas vestiam, os apanhadores de chá e os turistas, mesmo, roupas de lã. Richard Kofí Alfree, ligado ainda outra vez às suas supostas origens de tabom, desenvolvia, em Kericho, no interior do Quênia, um projeto agrícola para uma empresa brasileira.

A chuva é um elemento de tal importância para os ganenses que sua presença é saudada das mais diversas formas, dos ritos religiosos às manifestações corporais de júbilo à benção dos deuses, de Deus, ou simplesmente, dos espíritos ancestrais. Portanto, não se constituía em algo inusitado o fato de, em tempo de chuva, Ormuzd Kwasí Razmara, agora um embaixador aposentado, estar no avarandado de sua casa, pronto para receber amigos, sorvendo despreocupadamente uns goles de seu uísque predileto, enquanto as palavras em inglês de Ray Gilbert davam-lhe

compreensão para o poema musical de Pedro Camargo e Durval Ferreira, Chuva, que, na vitrola, Sarah Vaughan, acompanhada entre outros por Tom Jobim ao piano, cantava.

Ormuzd via passar em seus pensamentos, perdidos numa existência prenhe de acontecimentos, com saudade, algo que os seus outros amigos não entenderiam: ele revivia cada esquina, cada canto, cada lojinha de uma pequena cidade interiorana brasileira: Goiás Velho.

Degustava, com o mesmo prazer que lhe dá um bom uísque escocês os momentos desfrutados em companhia de um amigo inglês, pintor de talento, boêmio e grande bebedor de espíritos e vinhos, em Goiás Velho.

Ensopado como um pinto, Ormuzd viu surgir, subindo a escadaria da Casa, o primeiro dos visitantes daquela tarde.

Joseph Kojô Nkansa-Boadi, o advogado, apertou as mãos do amigo, sentou e foi dizendo:

— Efuá vem atrás, vai preparar-nos, com sua irmã, um fufú. Depois, Osafo vai trazer o Nana Otompho, e como lingüista requintado, vai traduzir-nos a história das guerreiras amazonas do Daomé... Aliás — Joseph olhou os encharcados jardins, encantado como todos com a chuva que caía —, parece mentira, mas no século 18 elas, as amazonas, usavam nos campos de batalha uma vacina contra a varíola, descoberta por impulso natural.

— Mas esta, irmão Kwasí, é outra história.

Concluído em Cidreira, 20 de fevereiro de 1993.

Revisão em julho de 1994.

Impressão de 2006.